

Ana Carolina Silva Vilela

A MESÓCLISE EM TEXTOS ACADÊMICOS:
freqüência, estratégias de esquiva e avaliação.

Faculdade de Letras / UFMG
Belo Horizonte
2004

Ana Carolina Silva Vilela

A MESÓCLISE EM TEXTOS ACADÊMICOS:
freqüência, estratégias de esquiva e avaliação.

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em dezembro de 2004, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Lingüística.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Lingüística

Orientadora: Profa. Dra. Jânia Martins Ramos

Belo Horizonte
2004

Para Luís Henrique e Helen Cristine –
meus queridos irmãos, que têm dividido comigo suas vidas;
e para Mário César e Eveline –
que mais recentemente têm me dado a mesma alegria.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me concedido a oportunidade de trabalhar e conviver com pessoas tão maravilhosas durante estes quatro anos. Pela vida, pela saúde, e pela força constante.

À Profa. Dra. Jânia Ramos que, desde o início, mostrou-se aberta a este projeto, contribuindo com sugestões, apontando problemas e, acima de tudo, mostrando o caminho para as soluções. Muito obrigada pela amizade, pela consideração e pelo profissionalismo com que você sempre conduziu este trabalho.

Ao Prof. Dr. Lorenzo Vitral que tão gentilmente me cedeu os textos para a elaboração do *Corpus de Dados Antigos*.

À Profa. Dra. Maria do Carmo Viegas, por ter-me permitido aplicar o teste de revisão de texto aos seus alunos; e a todos os estudantes, tanto dessa turma, quanto de outras, que se submeteram aos testes.

Ao Prof. Dr. Mário Fernando Campos, do Instituto de Ciências Exatas da UFMG, pela presteza e ajuda quando da seleção das teses que comporiam o *Corpus* de Ciências Exatas. Muito obrigada pelo “apoio técnico”!

Aos demais professores da Faculdade de Letras da UFMG que, de forma tão especial, participaram de minha formação acadêmica. Não poderei citá-los um a um, mas vocês estarão sempre presentes em minha lembrança.

Aos familiares e amigos, pelo carinho e compreensão que tiveram para comigo durante os meses de preparação deste trabalho. Muito obrigada!

E, finalmente, agradeço aos meus pais. Vocês foram e sempre serão os meus primeiros e maiores mestres.

INTRODUÇÃO

De acordo com os manuais de gramática tradicional (GT), a colocação dos pronomes átonos no português do Brasil (doravante PB) pode ser feita de três maneiras. Quando o pronome é colocado antes do verbo, tem-se próclise (*Quando nos conhecemos, era verão*). Se o colocamos posposto ao verbo, temos um caso de ênclise (*Lembrei-me de telefonar para ele*) e, por último, quando o inserimos no verbo, temos a mesóclise (*Dar-lhe-ei as explicações*). Trabalhos recentes, como o de SILVA (2002), mostram que o PB é predominantemente proclítico – observação já atestada em gramáticos renomados como CUNHA & CINTRA (1984) e CEGALLA (1994). Assim, é possível pensarmos que a ênclise e a mesóclise ocorrerão em quantidades **menores** que a próclise, *até mesmo nos contextos em que o uso dessas formas de colocação é prescrito pela GT*.

Esta monografia abordará questões referentes à colocação pronominal no PB. É óbvio que, sendo o assunto extenso e complexo, não é nossa intenção apresentar uma análise exaustiva sobre ele. Por questões metodológicas, focalizaremos apenas a **construção mesoclítica**, buscando analisar o seu comportamento em textos acadêmicos.

A motivação da pesquisa surgiu da constatação de uma *lacuna* nos trabalhos sobre colocação pronominal. A maioria deles constatava a preferência brasileira pela próclise, reconhecia que a ênclise ainda ocorria com razoável frequência e afirmava que a mesóclise estava se tornando cada vez mais inexpressiva nos textos escritos. Partindo dessas observações, os pesquisadores optavam por se ater às colocações pré- e pós-verbal, excluindo a construção mesoclítica de seus estudos. Simplesmente não se

preocupavam em explicar o porquê da freqüência – cada vez menor – dessa última construção no PB. Já a idéia de trabalhar com o texto acadêmico decorreu da hipótese de que a mesóclise, banida da fala (LOBO *et alii*, 1991; LUFT, 1985), ocorreria apenas em textos escritos vazados em estilo **formal**, como é o caso, por exemplo, dos textos jurídico, bíblico e científico. Como era preciso delimitar o *corpus*, a fim de não tornarmos a pesquisa muito extensa, optamos por trabalhar com o texto acadêmico.

O leitor que consultar os manuais tradicionais verá que, de acordo com a norma gramatical, a mesóclise só poderá ocorrer quando o verbo estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, “desde que antes do verbo não haja palavra que exija próclise.” (CEGALLA, 1994, p. 472). Se as condições acima estiverem sendo obedecidas, *é de se esperar, então, que a mesóclise se imponha em determinados contextos*. Partindo disso, as questões a que procuraremos responder são: Qual é a freqüência da mesóclise em textos acadêmicos escritos? Que fatores condicionam essa freqüência? No que diz respeito à mesóclise, existe diferença entre textos acadêmicos e outros tipos de texto? Em outras palavras, a tendência mais geral de desuso observada em pesquisas anteriores se verifica aqui? Como explicar tal resultado?

Além dessas perguntas, várias outras nortearão nossa investigação: O que acontece nos contextos em que a GT licencia tanto a próclise quanto a mesóclise? Há preferência por uma ou por outra forma de colocação? O contexto de mesóclise, prescrito pela GT, tem sido respeitado pelos autores dos textos? De onde surgiu a mesóclise? De onde vieram as regras de colocação pronominal? Qual a avaliação que os falantes fazem da construção mesoclítica?

Partindo dessas indagações, nossa análise buscará determinar a freqüência da mesóclise em textos escritos por pós-graduandos das áreas de Ciências Humanas e

Exatas. A faixa de tempo contemplada, inicialmente, será de 1996 a 2003. Numa etapa posterior, estenderemos o *corpus*, buscando dados em textos dos séculos XVII, XVIII e XIX. Além de investigarmos a frequência da mesóclise, desenvolveremos, mais adiante, um estudo sobre a avaliação que os falantes fazem dessa construção: se a vêem como marca de prestígio, se a estigmatizam ou se simplesmente se mantém neutros em relação a ela.

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, contribuir para os estudos de colocação pronominal no PB mediante:

- a) A exposição das regras de próclise, mesóclise e ênclise tal como são apresentadas nas diversas gramáticas tradicionais, apontando, assim, possíveis divergências entre os autores consultados;
- b) O fornecimento de um levantamento da frequência da mesóclise dentro das faixas de tempo contempladas.
- c) A aplicação e discussão de testes que visam a detectar a avaliação dos falantes em relação à construção mesoclítica;
- d) A apresentação de uma discussão sobre o uso da mesóclise dentro dos textos analisados.

Nossas hipóteses iniciais são:

- Está havendo uma progressiva diminuição no uso da mesóclise, mesmo em textos escritos formais, como é o caso do *corpus* escolhido.
- A mesóclise está cedendo lugar à próclise ou à ênclise, mesmo nos contextos em que seu uso é prescrito pela GT.

- A ocorrência da mesóclise será menor nos textos escritos por autores da área das Ciências Exatas e maior nos textos de autores das Ciências Humanas.
- A queda no uso da mesóclise pode estar relacionada ao crescente uso do futuro perifrástico (locução com o verbo *ir*);
- Estratégias de esquiva estão sendo usadas para se evitar a mesóclise;
- Os falantes tenderão a estigmatizar a construção mesoclítica.

Dito isso, gostaríamos de mostrar como este trabalho está organizado. No CAPÍTULO 1, abordaremos o assunto da colocação pronominal em seu sentido mais amplo, mostrando quais regras as gramáticas tradicionais prescrevem para cada tipo de colocação e apontando possíveis divergências entre os manuais. Em seguida, mostraremos a origem dessas normas e os argumentos que os gramáticos utilizam a fim de justificá-las. Na última seção do capítulo, apresentaremos alguns trabalhos sociolinguísticos que tratam da colocação pronominal no PB.

No CAPÍTULO 2, focalizaremos a mesóclise, mostrando sua origem, falando sobre contextos obrigatórios e de variação e de como os estudos linguísticos têm tratado essa construção. Apresentaremos também uma rápida discussão sobre os tempos de futuro, por serem eles os “hospedeiros” da construção mesoclítica. O CAPÍTULO 3 destina-se à análise dos dados coletados nos textos das teses e também nos documentos e testemunhos dos séculos passados.

O CAPÍTULO 4 tratará da avaliação dos falantes em relação à mesóclise, apresentando os resultados dos testes de reação subjetiva aplicados durante a pesquisa. Em seguida apresentaremos nossas conclusões e as Referências Bibliográficas. Os testes aplicados poderão ser vistos na seção ANEXOS.

Uma última observação: LOBO (1992, p. 53, nota 5) distingue o conceito de *cliticização* (que é de natureza fonológica) da *colocação dos pronomes*, fenômeno sintático. Segundo a autora, próclise e ênclise seriam palavras adequadas para se referir ao primeiro processo, ao passo que, para falar do fenômeno sintático de colocação pronominal, deveríamos empregar os termos *anteposição e posposição* do pronome. Apesar de julgarmos pertinente a observação de LOBO, não faremos tal distinção nesta monografia. Optaremos por empregar os termos próclise e ênclise, como aparecem na NGB, por serem eles os mais comuns nos estudos de colocação pronominal.

CAPÍTULO 1

Um Pouco de Colocação Pronominal

Encontrar as regras de colocação pronominal do português do Brasil não é uma tarefa difícil. Qualquer um que consultar os compêndios gramaticais e as diversas apostilas de cursinhos preparatórios para concursos públicos logo deparará com um elenco de regras, e quem sabe até “macetes”, que ensinam, sem muitos mistérios, o que fazer para “dominar” o assunto. Se consultássemos também alguns manuais do tipo “Os 100 erros mais comuns”, “Gramática em 30 lições”, “Não erre nunca mais” – famosos por fornecerem ao leitor lições rápidas e objetivas sobre a “complicada” estrutura gramatical da língua –, certamente encontraríamos algum capítulo ou tópico dedicado à colocação pronominal. Ademais, com toda a informação disponível hoje na *Internet*, bastaria que digitássemos a expressão “colocação pronominal” em algum *site* de busca, para que encontrássemos, em questão de segundos, uma gigantesca lista de endereços de *websites* que versam sobre o “conturbado” assunto. Nós mesmos fizemos o teste e encontramos mais de 800 opções¹!

Ora, se é tão fácil ter acesso às regras listadas nos manuais tradicionais, e há tantos livros e *websites* dispostos a tornar esse conteúdo acessível a nós, falantes do português brasileiro, por que temos, então, tantas dúvidas e cometemos tantos “equivocos” com relação ao emprego “correto” dos pronomes oblíquos? Por que será

¹ Estes *sites* trazem as regras muitas vezes com detalhes. E muitos deles são *sites* de cursos preparatórios para Concursos Públicos. Uma questão curiosa é: por que, em provas, para os mais diferentes níveis e cargos, saber as regras da mesóclise é tão importante?

que na hora de redigir um texto temos tantas dúvidas e tentamos arrumar um jeito de fugir do problema?

Para responder a essas perguntas, será preciso voltar aos manuais tradicionais e ver o que eles dizem sobre a questão. É o que faremos neste capítulo. Como veremos, parte da confusão está justamente ligada à falta de consenso entre os gramáticos.

Na primeira parte, mostraremos como a gramática tradicional aborda o assunto. As perguntas que nos nortearão nesta busca serão: a) O que dizem as gramáticas sobre a sínclise pronominal? b) Que regras prescrevem e que justificativas apresentam para elas?

Em seguida, falaremos um pouco sobre as origens das normas que aparecem na GT e, por último, mostraremos como a pesquisa sociolinguística tem tratado o assunto, tanto na fala quanto na escrita.

1.1. A Colocação Pronominal nas Gramáticas Tradicionais

1.1.1. A norma é invariável?

Alguém poderia pensar que a norma padrão de uma língua é sempre única e que, por isso, não há variações de manual para manual. Aliás, se mostrássemos duas gramáticas a um falante qualquer e lhe perguntássemos qual delas ele preferiria consultar, X ou Y, ele provavelmente nos perguntaria: “Mas não é tudo a mesma coisa?”

A língua, de fato, é a mesma. No entanto, não é difícil perceber que essa mesma língua está sujeita a variações. Qualquer pessoa é capaz de perceber – em maior

ou menor grau, não importa – que há diferenças entre o português falado no Sul e aquele falado no Nordeste; entre o modo como escrevemos e a forma como falamos, e assim por diante. Essa última diferença é, aliás, tão evidente, que não raro ouvimos falantes nativos de português, alfabetizados, afirmarem que não sabem escrever em sua própria língua materna! As reclamações quase sempre recaem sobre a GT. "Português é chato, é cheio de exceções", "Eu não sei escrever", "Eu não sei gramática", dizem alguns, como se o conhecimento gramatical fosse o único "método" capaz de aferir a competência lingüística de alguém.

De qualquer forma, o importante aqui é que a língua é um organismo vivo, sujeito a mudanças. A todo momento, novos elementos entram nela, enquanto outros, talvez não com a mesma freqüência, saem. Contudo o processo de validação das recentes "entradas" e das eventuais "saídas" não acontece "da noite para o dia". No nível lexical, por exemplo, encontramos vocábulos que, embora freqüentemente empregados na fala, ainda não foram dicionarizados! O mesmo acontece com gírias e expressões idiomáticas de um modo geral. No nível sintático, poderíamos citar o caso do *gerundismo*², como ficou conhecido nos círculos lingüísticos, que ainda não teve seu uso "sacramentado" pela gramática tradicional e talvez até nunca tenha.

É claro que há gramáticos mais modernos, que aceitam com mais facilidade as mudanças, e outros mais conservadores. Muitas vezes, o que é aceitável para alguns autores não o é para outros. Daí, então, surgirem diferenças entre as diversas gramáticas. Alguém poderia argumentar que essas diferenças são "leves" e que não fazem tanta diferença. Apenas para exemplificar, tomemos o caso dos pronomes demonstrativos este (a) / esse (a). Para alguns, o pronome "este" e seus correlatos só

² Por "gerundismo" nos referimos a estruturas do tipo "vou estar enviando o relatório", "vou estar viajando amanhã", tão comuns na fala de operadores de *telemarketing*.

podem ser usados, no texto, para se referirem a algo que ainda será dito, ao passo que o demonstrativo “esse” (e correlatos) devem ser empregados em referência a algo que já se disse. Entretanto há autores que discordam e aceitam que os mesmos pronomes sejam empregados de maneira totalmente oposta!³ Diante disso, o que deve fazer o escritor? Qual é a norma, afinal? Quem deverá seguir? Que regra adotar?

A falta de consenso entre as diversas gramáticas chega a ser um problema tão grave – sobretudo para aqueles que trabalham com a escrita – que muitos jornais e revistas acabam lançando o seu próprio manual de redação e estilo, a fim de padronizar a escrita de seus redatores. É uma maneira de dizerem: “Já que cada gramático diz uma coisa, nós mesmos determinaremos a norma aqui.”

LIMA (2003) fez um estudo sobre a norma escrita brasileira culta presente em textos jornalísticos e técnico-científicos. O objetivo da autora era verificar se as regras gramaticais vinham sendo seguidas nos textos e avaliar também como professores de português (do ensino fundamental, médio e superior), lingüistas e alunos do curso de Letras se posicionavam diante de certas construções: se as rejeitavam, se as consideravam aceitáveis ou se as julgavam corretas. Ela observou então que, em muitos casos, quando dois autores analisados empregavam de forma distinta o item em questão, ela teria de considerar ambas corretas, simplesmente porque, para cada “uso” havia um gramático que o amparava. Aliás, os demonstrativos – que acabamos de mencionar – foram um desses casos. Ao quantificar os dados, LIMA havia considerado que o pronome **esse** (e flexões) era o que desempenhava a função anafórica, cabendo ao **este** a função catafórica. Assim, contara 32 dados (num total de 2.110) que contrariavam a

³ Veja-se LIMA 2003.

norma aceita por ela como correta. No entanto, ao fazer o levantamento nas GT's, a autora deparou com a indefinição dos teóricos. Diz ela:

“Mesmo os pouquíssimos 32 casos... que nos pareciam contrariar as regras tradicionais foram por nós deslocados para o campo dos casos amparados pelos gramáticos. (...) Consideramos todo o conjunto... de frases coletadas no material estudado como inteiramente coincidentes com as normas preconizadas pela gramática tradicional.” (op. cit. p. 194).

Casos como esse mostram que estudar a norma culta, ou mesmo definir qual é o padrão, não é uma tarefa simples. As interpretações e os graus de aceitação são diversificados, o que torna difícil estabelecermos parâmetros mais rígidos.

1.1.2. A falta de consenso na questão da colocação pronominal

Se analisarmos atentamente as regras de colocação pronominal nas diversas gramáticas do PB, veremos que, nesse caso também, os gramáticos não são unânimes. As diferenças, no entanto, são mais sutis. De modo geral, a diferença está na delimitação de contextos para cada tipo de colocação, sobretudo no que diz respeito à próclise. Mas vejamos cada caso separadamente.

a) Próclise

Em seu *Curso prático de português*, ALMEIDA (1971, p. 59-60) lista os seguintes contextos sintáticos como “casos fundamentais” de próclise:

- Orações negativas: *Não te carregará esta alma tão mesquinha.*
- Orações optativas: *Deus te perdoe o mal que fizeste a teu pai.*
- Quando, em geral, o verbo for precedido de:

a) Pronome relativo: *Este é o país onde se vive feliz.*

- b) Pronome indefinido: *Tudo se desfez em pouco tempo.*
- c) Conjunção subordinativa: *Ele deve triunfar, porque se esforça.*
- d) Advérbio: *Sempre me lembro dele.*
- e) Quando o gerúndio achar-se precedido da preposição **em**: *Em me vendo, afastou-se.*

Ainda segundo o autor, a próclise será facultativa quando o verbo estiver no infinitivo impessoal, mesmo havendo “palavra atrativa”.

Ex.: *Tinha lá suas razões para não chamar-lhe filha.*

FERREIRA (1992, p. 420-422) menciona os mesmos contextos de próclise e acrescenta mais alguns:

- Quando houver pronome demonstrativo: *Aquilo lhe fez muito mal.*
- Em frases interrogativas: *Quem lhe entregou a carta?*
- Em frases exclamativas: *Quanta mentira se disse a respeito dela!*
- Em frases com **preposição + infinitivo flexionado**: *A situação levou-os a se posicionarem contra a greve.*

Como casos facultativos de próclise, aponta os seguintes contextos:

- Com os pronomes pessoais do caso reto, desde que não precedidos por palavra atrativa: *Eu lhe obedeco* ou *Eu obedeco-lhe.*
- Com o infinitivo NÃO flexionado precedido de preposição ou palavra negativa: *Vim para te apoiar* ou *Vim para apoiar-te* / *Espero não o encontrar* ou *Espero não encontrá-lo.*

MESQUITA (1994, p. 531-532) apresenta praticamente as mesmas regras que FERREIRA. A única diferença entre os dois gramáticos é que MESQUITA não menciona os casos facultativos apontados por FERREIRA e, além de todos os contextos vistos anteriormente, acrescenta mais dois:

- As orações coordenadas sindéticas alternativas: *Ora dança, ora se põe a cantar.*
- As orações coordenadas aditivas que contenham expressões do tipo “**não... nem**”, “**não só... mas também**”, “**não só... como também**”.

CEGALLA (1994) lista basicamente os mesmos contextos já mencionados, mas **não inclui** – à diferença dos dois últimos – os pronomes demonstrativos na lista de palavras atrativas. Ao falar sobre as conjunções subordinativas, o autor afirma que “a elipse da conjunção não dispensa a próclise (Ex: *Peço a Vossa Excelência me dispense dessas formalidades*, p. 470)”, observação não encontrada nos gramáticos citados acima.

Celso CUNHA (1971, p. 221-222), em sua *Gramática do português contemporâneo*, diz que a posição normal dos pronomes oblíquos átonos é a ênclise, mas que, em alguns casos, é preferida a próclise (p. 221). A lista de contextos que apresenta, no entanto, não contempla todos os casos já mencionados. Ficam de fora, por exemplo, os pronomes demonstrativos e os relativos, comumente citados como “palavras atrativas” (cf. Quadro 01).

ROCHA LIMA (1992, p. 450-452) também afirma que a posição natural do pronome é a ênclise, porém menciona alguns casos em que a próclise se faz obrigatória. Trata-se das orações negativas, exclamativas, optativas, interrogativas e subordinadas.

Além disso, o autor observa que advérbios e pronomes indefinidos também são capazes de deslocar o pronome para antes do verbo (desde que não haja pausa). Como se vê, vários outros contextos já mencionados ficam de fora da lista do gramático.

Pode-se concluir, então, que os manuais tradicionais não são unânimes em relação aos casos de próclise. Embora possamos encontrar um “núcleo comum” de regras – como as que vimos em ALMEIDA – há várias outras que são citadas isoladamente, apenas por um ou dois gramáticos. Isso contribui para aumentar ainda mais a confusão na cabeça do consulente que, além de ficar na dúvida, tem de sair à procura de outros gramáticos a fim de obter uma orientação mais segura. Uma outra crítica que também comumente se faz à GT é o fato de ela pressupor um bom conhecimento teórico por parte do falante que a consulta. Ela cita, como acabamos de ver, termos como “advérbio”, “orações coordenadas sindéticas alternativas”, dentre outros, como se fossem conceitos claros na mente de todo falante; como se todos soubessem de cor a “lista” de advérbios ou das referidas orações. Note-se, por exemplo, que ALMEIDA não fornece nenhuma lista de conjunções subordinativas, embora diga que elas constituam palavras “atrativas”. Ele apenas arrola alguns exemplos, pressupondo que o falante saberá identificá-las. E mesmo os autores que apresentam uma pequena lista, como faz FERREIRA, não o fazem exaustivamente, cabendo ao aprendiz folhear a gramática em busca de um elenco completo.

A fim de resumir a discussão sobre os contextos para próclise nas diversas gramáticas tradicionais analisadas, montamos o seguinte quadro:

	ALMEIDA	FERREIRA	MESQUITA	CUNHA	CEGALLA	ROCHA LIMA
Or. Negat.	√	√	√	√	√	√
Or. Optativas	√	√	√	√	√	√
Or. Interrog.		√	√	√	√	√
Or. Exclamat.		√		√	√	√
Or. Coord.			√		√	
Sind. Alternt.						
Or. Coord. Adit.			√			
Pron. Indef.	√	√	√	√	√	√
Pron. Dem.		√	√			
Pron. Relat.	√	√			√	
Conj. Subord.	√	√	√	√	√	√
Em+gerund.	√	√	√	√	√	√
Prep.+inf.pess.		√			√	
Advérbio	√	√	√	√	√	√
*Inf. Impess. ⁴	√			√		
*Prep./negat. +inf. impess.		√			√	√
*Pron. Reto		√				
Num. Ambos				√		
Inf. Pessoal						√
Adv.+Gerun.						√

Quadro 01: Contextos de próclise em diversas gramáticas tradicionais.

b) Ênclise

De acordo com ALMEIDA (op. cit., p. 60), usa-se ênclise:

- Estando o verbo no início da oração: *Vive-se com dificuldade.*
- Nas orações reduzidas de gerúndio: *O sol, pondo-se, vai acordar outros povos.*
- Nas orações imperativas afirmativas: *Procure suas colegas e convide-as.*
- Junto ao verbo do infinitivo, precedido da preposição **a**: *Começou a maltratá-los.*

⁴ O asterisco indica os casos de próclise facultativa.

FERREIRA (op. cit. p. 423) prescreve a ênclise apenas nos contextos de início de oração e imperativo afirmativo. Ele observa também que, estando o verbo no futuro do presente ou do pretérito, encabeçando a oração, faz-se obrigatória a mesóclise.

MESQUITA (op. cit. p. 532) enumera os mesmos contextos que ALMEIDA, e aponta que, embora a gramática não licencie o emprego de pronome átono em início de oração, essa é a forma mais recorrente na fala brasileira (p. 533). CUNHA (op. cit. p. 221) não explicita contextos para ênclise, uma vez que, para ele, a posição normal do pronome oblíquo átono é enclítico ao verbo. Infere-se, então, que, afora os contextos de próclise arrolados por ele (cf. seção anterior), em todos os outros o escritor deverá empregar a ênclise (exceto quando o verbo estiver no futuro do presente ou do pretérito. Nesses casos, dá-se a próclise ou a mesóclise do pronome.)

CEGALLA (op. cit. p. 472) fala dos mesmos contextos. A diferença é que menciona a “ênclise eufônica”, até então não mencionada pelos outros gramáticos. Diz que “em certos casos a ênclise é justificada por exigências da eufonia ou da ênfase” embora isso implique, muitas vezes, a transgressão das regras de próclise já prescritas (p. 474). O exemplo citado é: “*Era verdade que Dom Augustim excedera-se um pouco.*”

ROCHA LIMA (op. cit. p. 450) prevê a ênclise quando o verbo inicia um período ou enceta qualquer das orações que o compõe (exceção para orações intercaladas, em que pode ocorrer próclise: *Tão altos exemplos de nobreza, me disse o velho diplomata, eram comuns no meu tempo.*). À diferença dos outros gramáticos, ROCHA LIMA postula que, quando o sujeito (seja ele pronominal ou expresso por um substantivo) vier imediatamente **antes** do verbo (o que vale tanto para frases afirmativas quanto interrogativas), a ênclise também será obrigatória. Para os outros gramáticos, no

entanto, esse é um contexto em que também a próclise poderá ocorrer. É interessante que a regra apontada por ROCHA LIMA traz implicações para o nosso estudo sobre a mesóclise. Se a próclise não pode ocorrer nesse contexto, então a mesóclise será categórica quando o verbo estiver no futuro do presente ou do pretérito (já que é impossível, pela GT, a ênclise com os referidos tempos verbais). Dessa forma, haveria uma redução nos contextos de variação⁵. O mais curioso de tudo é que ROCHA LIMA nem sequer menciona a mesóclise em sua gramática! Outro ponto em que o gramático difere dos demais teóricos consultados é com relação às orações coordenadas sindéticas. Para os outros, as sindéticas alternativas e aditivas constituem contexto para próclise, enquanto para ele, são contexto para ênclise. O teórico diz também que “motivos particulares de eufonia ou de ênfase podem concorrer para a deslocação do pronome” (p. 451). Ele cita um exemplo de Herculano em que o autor, contrariamente às regras, empregou a próclise: *Cada dia lhe desfolha um afeto*. A razão para o emprego estaria, segundo o gramático, na eufonia da frase. Herculano teria empregado a próclise a fim de evitar a realização de duas palatais laterais / j / em seqüência, o que geraria um som desagradável (cf. desfolha-lhe).

Uma síntese do que acabamos de discutir pode ser vista no Quadro 02:

	ALMEIDA	FERREIRA	MESQUITA	CUNHA	CEGALLA	ROCHA LIMA
In. de oração	√	√	√	√	√	√
Or. Red.Ger.	√		√	√	√	
Or. Imp. Afirmativa	√	√	√	√	√	
A+inf. Imp.	√		√	√	√	
Ênc.eufôn.					√	
Or. Coord. Sindéticas						√
Suj. imediat. antes verbo						√

Quadro 02: Contextos de ênclise em diversas gramáticas tradicionais.

⁵ Falaremos sobre esses contextos mais adiante.

c) Mesóclise

Parece haver consenso entre os gramáticos consultados com relação ao uso da mesóclise. Todos eles prescrevem seu uso com o **futuro do presente** e o **futuro do pretérito**, desde que não haja palavra que exija a próclise. CEGALLA (1994, p. 472) observa ainda que “em caso algum se haverá de pospor o pronome átono ao futuro do indicativo” e diz ainda que “a mesóclise é colocação exclusiva da língua culta e da modalidade literária.” LUFT (1985, p. 20) faz uma observação com relação à inexistência da mesóclise na **fala** de falantes do Brasil: “Construções como ‘encontrarte-ei’, ‘dá-lo-á’... são usos lusitanos, sem comprovação na fala brasileira.” O professor Paulo Hernandes, editor do *site* “Língua Portuguesa e Lingüística”, explica o uso da mesóclise com os referidos tempos verbais:

“A mesóclise é obrigatória quando o verbo tiver como complemento um pronome oblíquo e estiver flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito no início de oração (...). Isto acontece porque esses tempos rejeitam a ênclise e não é possível, na língua culta escrita, usar a próclise em início de frase.”⁶

1.1.3. Justificativa das gramáticas para as regras de colocação pronominal

Na consulta às gramáticas tradicionais, encontramos duas justificativas principais para as regras de colocação pronominal. A primeira, e mais comum delas, ficou conhecida como “hipótese da atração vocabular” e diz que certas palavras possuem a “capacidade” de “atrair” os pronomes para perto de si. O principal representante dessa linha foi Candido de Figueiredo (1917), que defendia a ênclise como a posição natural dos pronomes oblíquos em relação ao verbo. Tal posição só

⁶ HERNANDES, P. Extraído da WWW. Acesso em dez. 2003.

poderia ser alterada quando houvesse na frase alguma partícula capaz de **atrair** o pronome para antes do verbo. A respeito dessa “atração”, informa-nos CEGALLA (1994, p. 469): “Não se trata, é claro, de uma atração de natureza física, mas sim da influência fonética que certas palavras exercem sobre as vizinhas para atender ao ritmo e à entoação da frase.” O princípio por trás dessa tese é, então, o da **eufonia**, isto é, da boa sonoridade da frase. Como diz MESQUITA (op. cit. p. 530), “a colocação dos pronomes oblíquos está intrinsicamente ligada à harmonia da frase, ao seu equilíbrio, à sua sonoridade.” Não se trataria, portanto, de uma questão propriamente sintática, mas, sim, estilística, ligada a questões fonéticas⁷.

O problema, no entanto, é que a noção de [+ eufônico] e [- eufônico] varia do português europeu (doravante PE) para o PB. Assim, para os portugueses a ênclise na frase “Traga-me um copo d’água” é [+euf.] do que a próclise (“Me traga um copo d’água”), [+euf.] para nós brasileiros. CUNHA (1971, p. 225), aliás, explica a grande variabilidade na colocação pronominal brasileira a partir das diferenças fonéticas entre o PB e o PE. Ele diz que os pronomes oblíquos se tornaram extremamente átonos em Portugal “em virtude do relaxamento e ensurdecimento de sua vogal. Já no Brasil, embora os chamemos *átonos*, são eles, em verdade, *semitônicos*”. E é justamente essa maior nitidez na pronúncia brasileira, aliada a particularidades de entoação e a outros fatores (de ordem lógica, psicológica, estética, histórica, etc.) o fator responsável pela diversidade na colocação pronominal do PB. CÂMARA JÚNIOR (1972, p. 51) fornece mais algumas explicações a respeito das diferenças fonéticas entre o PB e o PE. Ele afirma que em Portugal “a pronúncia tende a incorporar os pronomes oblíquos (...) ao verbo, deles fazendo uma espécie de sufixo numa palavra morfológicamente

⁷ Ver, entretanto, MARTINS (1994) sobre o tratamento fonético da colocação pronominal.

complexa.”⁸ Já no Brasil, continua o lingüista, deu-se o oposto: houve um fortalecimento na pronúncia das vogais. Assim, verificou-se um predomínio no deslocamento do pronome para antes do verbo “entre outros fatores, pela tendência, na pronúncia brasileira, de intensificação da primeira consoante do vocábulo fonético, que nele funciona como um corte na cadeia da fala.”⁹

A questão que se segue é: se as leis de atração se baseiam no critério da eufonia e esta, por sua vez, varia do PE para o PB, por que, então, as regras de colocação pronominal são as mesmas para o Brasil e Portugal? Sobre isso PEDROSA¹⁰ nos lembra que “a norma culta da língua portuguesa é baseada no português de Portugal; mesmo que falemos à moda brasileira, é o padrão lusitano que nos governa a linguagem culta.”

Uma outra questão em torno da eufonia é o fato de ela constituir um critério altamente **subjetivo**. A esse respeito o *Site* da ABRALI (Associação Brasileira de Literatura) afirma:

“Está certo que a eufonia não é um dom universal: há variações de indivíduo para indivíduo (...) O critério baseado na atração foi uma tentativa de ajudar os usuários da língua a colocar eufonicamente os pronomes. É, porém, um critério imposto e rígido. A língua evolui (...) José de Alencar, por exemplo, já desobedecia à atração em seus romances. Há 150 anos! O critério apoiado na língua portuguesa de Portugal também é falho, pois o comportamento de portugueses e brasileiros no tocante à fala tem uma série de diferenças fônicas e psicológicas.”

Há ainda uma outra questão que, curiosamente, nenhum dos estudiosos que criticam a hipótese de atração vocabular se preocupou em levantar. Trata-se do

⁸ *Apud* LOBO *et alii*, 1991, p. 155.

⁹ *Ibidem*, p. 155.

¹⁰ PEDROSA, J. C. da A. Extraído da WWW. Acesso em jan. 2004.

“alcance” da atração. Até que ponto, perguntamos, uma palavra continua a atrair o pronome oblíquo? Se houver um número x de palavras entre a partícula atrativa e o pronome, a atração continuará a existir? Por exemplo, no dado: “**Nenhuma** pessoa de bom senso **se** julgaria... (1/42/25H)¹¹”, temos o indefinido *nenhuma* separado do clítico *se* por 4 palavras. É lícito dizer que há atração? Será que a próclise *se* impôs aqui apenas pela presença desse pronome? E no caso de “**Apenas** dois docentes **abstêm-se** de opinar... (1/60/12H)”? Por que o advérbio *apenas*, separado do verbo *abster-se* por apenas 2 palavras, não conseguiu atrair o pronome? Será que nesse caso a atração se perdeu devido à “interferência” de outros elementos entre a palavra atratora e o pronome oblíquo? Esses exemplos mostram como é complicada a questão da teoria das palavras atrativas.

BECHARA (1999, p. 587) é quem apresenta a segunda justificativa. Ele diz que a colocação pronominal não se explica por questões de “atração vocabular”, mas que está ligada a questões de fonética-sintática. Segundo ele o problema da colocação pronominal foi visto, por muito tempo, apenas sob o prisma da “teoria da atração vocabular”, mas que, graças a estudiosos como SAID ALI “passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático.” BECHARA não apresenta muitas explicações para sua teoria. Diz apenas que, ao se tratar o assunto do ponto de vista fonético, os horizontes se abriram; “estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano.” Em seguida, o gramático conclui que a colocação pronominal é um problema de questão pessoal de escolha,

¹¹ A notação 1/42/25H indica a localização do dado no *corpus*: o primeiro algarismo corresponde ao número da tese, o segundo indica a página e o terceiro, a linha onde o dado ocorreu. H indica que o dado é parte do sub*corpus* de Humanas e E, de Exatas.

desde que se atendam as exigências da eufonia e não se infrinjam os critérios anteriormente expostos por ele¹².

Como se vê, ambas as linhas defendem que a colocação dos pronomes átonos deve ser feita de modo a preservar a boa sonoridade da frase. A diferença entre elas talvez esteja no modo como entendem a “atração” de determinadas palavras sobre os pronomes: no caso da primeira linha, a atração estaria ligada à classe gramatical das palavras. É claro que hoje há gramáticos que reconhecem que a atração está mais ligada a questões fonéticas¹³. Entretanto, ao elencarem as regras de colocação, os traços de “classe gramatical” continuam presentes. Na lista de palavras atrativas, por exemplo, mencionam os “pronomes demonstrativos”, os “relativos”, os “interrogativos”, as “conjunções subordinativas”, etc. Aliás, um dos que combateram essa concepção de “classe gramatical”, em relação à atração dos pronomes, foi SAID ALI. Disse ele:

“Tomou-se muito ao pé da letra o sentido do vocábulo ‘atração’, quando se afirmou que os advérbios e as locuções adverbiais também deslocavam o pronome. Da tese geral foi preciso descer a casos particulares e enumerá-los, e assim ficou provado que não é na categoria gramatical que a atração consiste.” (1950, p. 46)

Já para a segunda linha de interpretação, representada por BECHARA, a atração de uma palavra sobre outra é uma questão de fonética e sintaxe. O curioso disso tudo é que o gramático não explica porque une o elemento “sintático” ao “fonético” a fim de justificar as regras que apresenta.

¹² Cf. BECHARA, 1999, p. 588 – 591.

¹³ Ver por exemplo CEGALLA, 1994.

1.1.4. De onde vieram essas regras afinal?

Ao que parece, as regras de colocação de pronomes foram primeiramente formalizadas pelo português Candido de Figueiredo, no início do século XX. Segundo ele mesmo conta, no livro *O problema da colocação de pronomes*, tudo começou quando um de seus “consulentes sobre coisas da linguagem” lhe mostrou alguns versos e quis saber sua opinião acerca deles. Conta então que, sem saber bem o porquê, opinou que um dos versos (“*Um soneto pediste-me, criança*”) “não estava construído portuguêsmente, e que em português se devia dizer: *Um soneto me pediste* ou *Pediste-me um soneto.*” (p. 15).

Foi a partir desse incidente que FIGUEIREDO se pôs a formular as regras de colocação pronominal, baseando-se, para isso, na forma como os escritores portugueses colocavam, intuitivamente, os pronomes oblíquos. Diz ele:

“Não podia estribar-me nas *Gramáticas*, porque estas nada me diziam a tal respeito; mas parecendo-me que conhecia um pouco a índole e os documentos da língua, registei aquele reparo, estendi a observação a incorrecções análogas, e, já que me não podia abonar com as regras das *Gramáticas*, aventurei-me eu próprio a formular algumas regras sobre a colocação de pronomes pessoais, e incluí-las em livros meus.” (p. 15-16)

A questão se tornou polêmica quando os seus livros chegaram ao Brasil. É que, enquanto alguns estudiosos deram boa acolhida às regras formalizadas por ele, outros já não as viram com tanta simpatia. Um desses foi o Sr. Paulino de Brito que, à época, era professor numa escola do Pará. Sendo também jornalista, BRITO passou a combater veementemente o estudioso português, publicando “longos e numerosos artigos num diário do Pará” (p. 17).

A razão de tanta oposição estava no fato de, na visão do Sr. Paulino de Brito, as regras de FIGUEIREDO perturbarem “profundamente a posse mansa, pacífica e imemorial de colocar os pronomes” no Brasil. Em outras palavras, BRITO não via com bons olhos a imposição de regras que, segundo ele, contrariavam as práticas correntes de colocação pronominal em solo brasileiro. Ele alegava também que, por meio de tais prescrições, FIGUEIREDO punha em “debandada os que usavam dos pronomes à maneira dos bons escritores brasileiros como Gonçalves Dias” (p. 23).

A esse respeito, Candido de Figueiredo argumentou dizendo ter extraído suas regras da própria língua, tal como ela era usada pelos bons autores portugueses e brasileiros também (dentre eles o próprio Gonçalves Dias). Em seguida, fez questão de arrolar uma série de exemplos em que os escritores brasileiros pareciam seguir as regras formalizadas por ele, concluindo que estes “raramente deixaram de observar a exacta colocação de pronomes” (p. 27), argumento que esvaziou, assim, parte da argumentação de BRITO.

Em linhas gerais, as regras preconizadas por FIGUEIREDO partem do pressuposto que “os pronomes complementares não são palavras independentes, cuja colocação se desprenda das normas e tradições da língua. São partículas proclíticas e enclíticas, *arrastadas fatalmente por outras palavras que as dominam*” (p. 37, grifo nosso).

1.2. A Colocação Pronominal e os Estudos Lingüísticos

A colocação pronominal tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, interessados tanto em mostrar como a sintaxe de colocação se configurou ao longo dos

séculos (LOBO, 2002), quanto em explicitar as regras que regem a colocação dos pronomes oblíquos átonos no português atual. Para tanto, baseiam-se sobretudo em dados de língua falada, embora também existam análises que levam em conta o texto escrito (cf. PEREIRA, 1981; SILVA, 2002). Nessa seção, mostraremos sucintamente o que a pesquisa lingüística tem dito sobre a colocação dos pronomes oblíquos átonos no PB. Embora nosso enfoque, nesta pesquisa, seja o texto escrito, começaremos por alguns trabalhos que se basearam em dados de língua falada.

LOBO, T.; LUCCHESI, D. & MOTA, J. (1991) apresentam uma contagem dos casos de próclise, ênclise e mesóclise presentes na fala de informantes de Salvador e São Paulo. As entrevistas¹⁴ utilizadas como fonte de dados são parte do *corpus* do projeto NURC das referidas capitais. Partindo do conceito de norma¹⁵ apresentado em COSERIU (1961) os autores distinguem dois tipos de norma, a saber: a) a norma culta – que corresponde à fala de pessoas possuidoras de cultura “formalizada”¹⁶ e b) a norma padrão – que é aquela encontrada nas GT’s. O objetivo do estudo era confrontar o modelo da norma culta (depreendido do NURC) com a norma padrão presente nas gramáticas normativas.

A análise mostrou que em 90% dos dados a colocação usada foi a próclise. Mesmo nos contextos em que a ênclise era prevista pela GT, como, por exemplo, quando o verbo iniciava oração, os percentuais de próclise se mostraram superiores aos de ênclise. A única exceção se deu no contexto das orações reduzidas de gerúndio

¹⁴ O *corpus* utilizado compõe-se de 18 inquéritos, sendo 9 do projeto NURC/Salvador (3 do tipo “elocução formal” (EF) e 6 do tipo “diálogo entre informante e documentador” (DID)) e 9 do projeto NURC/São Paulo, sendo 6 EF’s e 3 D2 (diálogo entre dois informantes).

¹⁵ Segundo COSERIU (*apud* LOBO *et alii*, 1991, p. 147-148) “a norma se configuraria pela variação facultativa normal, ou seja, por modelos sem valor funcional dentro do sistema lingüístico, fixados pelo costume, hábito ou pela tradição. Dessa forma, a partir de um mesmo sistema lingüístico, observam-se várias normas...”

(exceto quando introduzidas pela preposição *em*), em que o índice de ênclise foi de 71%, contra 29% de próclise. Não se verificou nenhum exemplo de contexto previsto para a colocação mesoclítica (o que atesta seu “desuso total” na língua falada).

Os autores concluem que existe uma significativa disparidade entre o modelo prescrito pelas gramáticas normativas e o modelo encontrado no *corpus*. Essa disparidade se deve ao fato de as gramáticas normativas se basearem, em última instância, numa norma em que predomina a ênclise, ao passo que na norma depreendida dos atos de fala das pessoas “cultas” no Brasil é a próclise que predomina.

LUCCHESI & MOTA (1991) analisaram a interferência de variáveis sociolingüísticas no comportamento de falantes do Projeto NURC, no tocante à sínclise pronominal em formas verbais simples. O *corpus* utilizado para essa análise constituiu-se de 21 inquéritos, sendo 12 do Projeto NURC/Salvador e 9 do Projeto NURC/São Paulo. Foram selecionados 12 informantes de cada cidade, de ambos os sexos e de três faixas etárias: 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos.

Após analisarem as regras de colocação pronominal presentes em cinco gramáticas normativas do PB, os autores elaboraram uma síntese das prescrições gramaticais e analisaram os dados “de acordo com a coincidência ou não com as prescrições gramaticais de próclise ou de ênclise” (p. 160). A mesóclise não foi apresentada “uma vez que ela não se documenta no *corpus* analisado” (p. 160).

A análise dos dados ratifica as afirmações feitas em trabalhos anteriores: a próclise é de fato a colocação predominante no PB. O índice dessa colocação, no *corpus* analisado, chegou a quase 89%, contra apenas 11% de ênclise. Nos contextos em que houve prescrição de ênclise, verificou-se um índice de 27% de obediência às regras da

¹⁶ Por cultura formalizada entende-se aquela “sistematizada e difundida pelo sistema de educação formal” (Ibidem. p. 148.)

GT, contra um total de 73% de desvio. Também nos contextos de variação (i.e., em que tanto a próclise quanto a ênclise eram possíveis – como é o caso da colocação em relação ao infinitivo), a próclise também predominou.

As variáveis sociolinguísticas contempladas foram a naturalidade e a faixa etária do informante e a categoria do texto (elocução formal, diálogo entre o documentador e o informante e diálogo entre dois informantes). Com relação à naturalidade, não se verificaram diferenças significativas entre os falantes provenientes de São Paulo e os de Salvador. “A ocorrência de próclise verifica-se em 73,7% em Salvador e 75,25% em São Paulo, em contextos em que as gramáticas indicam a ênclise, e 98,4% em Salvador e 97,9% em São Paulo, em contextos em que prescrevem a próclise.” (p. 163). Quanto à faixa etária, observa-se que o uso da ênclise, nos contextos em que é prescrita pela GT, tende a aumentar à medida que aumenta a idade do informante. Em relação ao tipo de texto, os autores observaram “uma presença relativa maior da norma lingüística padrão nos momentos de maior formalidade”, o que segundo eles demonstraria “a tentativa do informante em adequar seus atos de fala aos padrões lingüísticos, perdendo assim seu caráter espontâneo” (p. 172).

PEREIRA (1981) também investigou a colocação dos pronomes átonos no PB. Sua análise baseou-se tanto em dados de língua falada¹⁷ quanto escrita. Em relação à língua falada, a pesquisadora observou que a colocação dos pronomes não segue as prescrições tradicionais. Há predomínio de próclise, ausência de mesóclise e pouquíssimas ocorrências de ênclise, nesse caso, restritas a alguns pronomes. Ela notou também que o apagamento e a substituição do pronome é uma tendência que vem ganhando lugar no PB. “Trata-se de um fenômeno de mudança lingüística. Com alguns

¹⁷ PEREIRA utilizou entrevistas com falantes de ambos os sexos, idades e escolaridades distintas, residentes em Juiz de Fora (MG), Rio de Janeiro e Lago Azeda (AL).

pronomes, ela encontra-se em progresso; com outros, praticamente concluída...”¹⁸. Para analisar o fenômeno na língua escrita, PEREIRA analisou amostras de textos de jornais modernos e também de manuscritos e crônicas de séculos anteriores. Os dados de língua escrita revelaram que “a variação pronominal existiu em manuscritos dos séculos anteriores e que persistiu em crônicas do século atual”¹⁹. Sobre a mesóclise, a autora afirma que ela é “a única posição a dar demonstração de extinção”²⁰. No *corpus* de PB moderno, a mesóclise ocorreu apenas 1 vez, em um texto publicado no *Jornal do Brasil* em 1979, correspondendo a 2,7% dos dados gerais. Já no *corpus* composto de manuscritos dos séculos XVII, XVIII e XIX e crônicas do século XX, foram registrados apenas 3 casos de construção mesoclítica (duas ocorrências em um texto de 1914 e uma outra em um texto de 1807.) A ênclise, observa a autora, predomina com os pronomes *se* e *me* e, ao contrário do que postulam os gramáticos, a próclise foi a posição normal (e não a ênclise). Com relação às palavras atrativas, PEREIRA diz que a colocação pronominal é influenciada, em grande parte, pela presença dessas partículas na frase, mas que, quando o texto se mostra mais informal “a colocação se faz no sentido de manter ou formar vocábulos paroxítonos”²¹. Com relação à essas duas hipóteses (palavra atrativa e vocábulo paroxítono), PEREIRA conclui que embora a segunda “se mostre mais adequada para explicar a colocação pronominal em alguns casos, a hipótese das palavras de atração funciona melhor na maioria deles” apresentando, pois, maior eficácia em termos gerais (p. 67).

Outra pesquisadora que se dedicou ao estudo da colocação pronominal foi SILVA (2002). Partindo do princípio de que as regras de colocação pronominal

¹⁸ PEREIRA, 1981, Resumo.

¹⁹ Ibidem. Resumo.

²⁰ Ibidem. Resumo.

²¹ Ibidem. Resumo.

prescritas pela GT nem sempre são seguidas pelos usuários da língua, e que os pronomes são ora posicionados antes do verbo, ora depois dele – o que, em alguns casos gera aproximação da escrita à fala –, tinha por objetivo “descrever a colocação dos clíticos em textos escritos”, a fim de verificar “a existência de variação ou mudança” na posição dos pronomes dentro do texto e confrontar os resultados obtidos com aquilo que prescreve a GT²². Além desses objetivos gerais, SILVA (pp. 19-20) também queria: a) analisar as regras de colocação dos clíticos propostas pelas gramáticas tradicionais; b) estabelecer os fatores que influenciavam a ocorrência da próclise; c) destacar as variáveis decorrentes das amostras, explicando o fenômeno da variação com base em variáveis lingüísticas e extralingüísticas; d) comparar as duas amostras de textos escritos (jornalísticos e redações escolares), a fim de verificar a aproximação entre ambas; e) confrontar a proposta da GT com as hipóteses levantadas; e f) verificar se a variação existente era estável ou se indicava mudança em curso no padrão escrito de Juazeiro²³.

A hipótese que norteou seu trabalho dizia que *a colocação pronominal era um fenômeno variável no texto escrito, condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos, com preferência pela colocação pré-verbal*. Com relação à **mesóclise**, a hipótese era a de que esta vinha apresentando sinais de desaparecimento. A autora esperava ainda verificar uma diminuição nos casos de ênclise, confirmando, assim, o que diziam as pesquisas anteriores sobre o assunto, segundo as quais a ênclise estaria restrita a usos cristalizados com os clíticos de terceira pessoa (p. 20).

²² SILVA, 2002, p. 19.

²³ A amostra de SILVA compunha-se de 150 textos escritos, sendo 120 redações escolares (alunos da 3ª série do Ensino Médio), coletadas em uma escola pública e uma particular, e 30 textos jornalísticos. Todos os textos foram redigidos entre 1999 e 2000, por pessoas residentes em Juazeiro/BA há mais de 20 anos, ou nascidas no município. A autora escolheu trabalhar com esses textos por esperar que eles refletissem a norma padrão.

O estudo de SILVA baseou-se nos pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista que “busca o dado real da língua para formular suas generalizações, interessando-se pela frequência e aplicação de uma regra” (p. 68). Como variável dependente, ela estabeleceu “a posição do clítico em relação ao verbo e suas variantes pré- e pós-verbal” (p. 73), excluindo a mesóclise do estudo. As variáveis independentes foram: a) o modo verbal; b) a forma verbal; c) o tipo de clítico; d) a animacidade do referente; e) o tipo de oração; f) as palavras atratoras; g) o tipo de texto; h) a escolaridade; i) o sexo; e j) o tipo de escola.

Com relação aos fatores linguísticos analisados, a pesquisadora esperava que o indicativo, o subjuntivo e o infinitivo flexionado favorecessem a próclise e que as formas verbais simples (1 verbo) influenciassem mais a próclise do que as compostas (2 verbos). Ademais, as orações absolutas e subordinadas, em relação às coordenadas e principais, seriam as que mais determinariam a colocação pré-verbal, independentemente de haver palavras atratoras na frase. Com relação a essas palavras, a autora esperava que a presença delas provocasse a variação na posição dos pronomes em relação ao verbo²⁴.

No tocante às variáveis extralingüísticas, esperava-se que o comportamento dos alunos fosse semelhante ao dos jornalistas, no sentido de que ambos empregariam mais a próclise, aproximando o texto jornalístico ao que ocorre na linguagem oral. Em relação ao sexo, as mulheres contribuiriam mais para a variação, empregando os clíticos em próclise e ênclise, enquanto os homens se mostrariam mais conservadores, obedecendo mais às regras da GT. Quanto ao tipo de escola, esperava-se que os alunos

²⁴ Não fica muito claro, aqui, o que a autora quer dizer com essa hipótese. Talvez o que ela tenha em mente é que, mesmo havendo palavras atratoras, que determinariam a próclise, haveria variação. O que não quer dizer, no nosso entender, que essas palavras provoquem a variação.

da escola pública fizessem mais próclise, independente das prescrições, e que os alunos das escolas particulares fossem mais conservadores e seguissem mais à GT.

Ao analisar os resultados, SILVA encontrou 433 dados de colocação de clíticos, sendo 320 de próclise (74%), 112 de ênclise (26%) e apenas 1 de mesóclise (0,1%). Com relação ao quase nulo índice de mesóclise, diz que

“[este fato] pode significar um caso de mudança na colocação dos clíticos no texto escrito formal/padrão, embora as gramáticas pedagógicas e mesmo ainda algumas pesquisas sobre o tema apresentem a mesóclise como característica da colocação dos clíticos no texto escrito do PB.” (p. 85).

Como o número de ocorrências de mesóclise é praticamente insignificante, SILVA decide desconsiderar a construção mesoclítica de sua pesquisa. Ressalta, no entanto, que “é significativa essa ausência de dados, considerando que ocorrem clíticos com formas verbais no futuro do presente e do pretérito, onde seria de se esperar o emprego do clítico na posição intraverbal... como prevê a GT.” (p. 85). Essa análise, contudo, parece um pouco superficial, uma vez que, havendo palavra atrativa na frase em que ocorre o futuro (presente e pretérito), diz a GT, deve-se preferir a próclise. Dessa forma, não se pode esperar, com tanta certeza, que a mesóclise ocorrerá todas as vezes que os referidos tempos verbais surgirem no texto.

Os gráficos e tabelas de SILVA apresentam, a nosso ver, certa incoerência. Os números não coincidem quando contrastamos as diversas tabelas entre si, o que parece denunciar um baixo rigor na análise quantitativa. Assim, a autora consegue comprovar todas as suas hipóteses. No entanto, como os dados são suspeitos (ela não cita nenhum critério para a classificação deles), diríamos que as conclusões a que ela chega não são muito confiáveis. Apesar desses problemas, parecem pertinentes algumas

outras conclusões. Primeiramente, SILVA constata a “baixa frequência do clítico nos textos analisados” (p. 146), o que parece ir ao encontro do que verificou PEREIRA (1981) e que, aliás, serviu de motivação para sua investigação sobre o apagamento e a substituição dos pronomes. Outro dado interessante diz respeito às palavras atrativas. SILVA constatou que a proposta das palavras atratoras da GT não é consistente, uma vez que foram verificadas ocorrências de ênclise, mesmo quando uma palavra atrativa se fazia presente.

Agora que já mostramos como o assunto da colocação pronominal é complexo, apresentando a maneira como ele é abordado na GT e também as colaborações da pesquisa lingüística sobre a questão, passaremos para o próximo capítulo, em que descreveremos nosso objeto de estudo: a mesóclise.

CAPÍTULO 2

A Mesóclise e o Futuro

Neste capítulo, faremos uma análise um pouco mais detalhada sobre a mesóclise. O que é a mesóclise afinal? Como ela surgiu na língua? Falaremos um pouco também sobre os contextos em que ela é obrigatória e aqueles que permitem variação entre a próclise e a mesóclise. Por último, faremos algumas considerações sobre as origens do futuro do indicativo nas línguas românicas, porque, como se sabe, é neste tempo verbal que a mesóclise pode ocorrer.

2.1. O que é a Mesóclise e Como Ela Surgiu na Língua?

Colocado de um modo bem simples, a mesóclise nada mais é do que a inserção do pronome oblíquo no meio do verbo, quando este se encontra nos tempos do futuro do presente ou do pretérito. De todos os gramáticos consultados, apenas GOIS (1940, p. 123-132) distingue entre quatro tipos de mesóclise, a saber:

- a) no corpo do verbo (tmése): *dar-se-á, falar-te-ia;*
- b) no meio do tempo composto: *tinha-me dito, havia-me falado;*
- c) no meio da locução verbal: *Mandei-o sair, Vou-me refazendo do susto;*
- d) entre dois verbos distintos com regência diferente (estando o segundo no infinitivo impessoal), quando o pronome pessoal oblíquo átono for objeto indireto do primeiro verbo: *Compete-me lutar.*

Além desses casos, o autor menciona ainda a “mesóclise arcaica”, que se dá entre o verbo *haver* e o infinitivo regido de preposição: *Eu hei-te de falar*. Neste trabalho, não vamos considerar como construções mesoclíticas a inserção do pronome no tempo composto, na locução verbal e entre dois verbos distintos que tenham regência diferente, como fez GOIS, uma vez que nenhuma das gramáticas analisadas no capítulo anterior apresenta tal classificação.

Aparentemente a mesóclise existiu em todas as línguas românicas (com exceção do francês), sendo particularmente expressiva nas variedades da Península Ibérica (ROBERTS & ROUSSOU, p. 63, no prelo). Entretanto, tal construção foi-se perdendo ao longo dos séculos tendo permanecido apenas na língua portuguesa²⁵. No caso do espanhol, por exemplo, LEMA & RIVERO (1991)²⁶ afirmam que o desaparecimento da mesóclise se deu por volta do século XVI, quando da extinção da Lei de Tobler Mussáfia²⁷ nessa língua. Mas em que consiste a mesóclise? Para responder a essa pergunta, será necessário voltarmos um pouco no tempo e entendermos como o futuro sintético se formou nas línguas românicas, de especial modo na língua portuguesa.

2.1.1. A formação do futuro do indicativo no português

Sabe-se que no latim vulgar o **futuro clássico** (*amabo* – amarei, *dicam* – direi) foi sendo progressivamente substituído pela perífrase do infinitivo com o verbo *haver* (*habeo* + *cantare* > *cantare habeo* > *cantare hei*), que inicialmente era empregado como modal deôntico (*devo*, *tenho de* cantar). Segundo COUTINHO (1977,

²⁵ No PE, a mesóclise ocorre tanto na fala quanto na escrita. No PB, contudo, está restrita ao texto escrito (ver LUFT, 1985, p. 20)

²⁶ *Apud* ROBERTS & ROUSSOU, p. 64 (no prelo).

²⁷ A Lei de Tobler Mussáfia proibia que os clíticos pronominais aparecessem iniciando período.

p. 276) inicialmente o **infinitivo** poderia vir antes ou depois do verbo *haver*, mas depois acabou se fixando no primeiro lugar da construção (*cantare hei*). Por volta do século XII, a perífrase passou por uma trajetória de **gramaticalização** e foi compactada “à medida que passava a indicar um sentido de futuridade” (SANTOS, 2000). Foi a partir da forma perifrástica que se formou o **futuro sintético** no PB (*hei de cantar > cantar hei > cantarei*). Naturalmente, ele não eliminou totalmente o uso da perífrase com o verbo *haver*. As duas formas ainda coexistem, apesar de o uso da perífrase com esse verbo ser algo praticamente inusitado hoje²⁸.

A mesóclise, então, nada mais era do que a colocação enclítica do pronome em relação ao verbo principal da locução: *sabê-lo heide* (*hei de sabê-lo*), uma vez que, pela Lei de Tobler Mussáfia, o pronome oblíquo nunca poderia **iniciar** a oração. Com o posterior ensurdecimento da preposição, a conjugação passou a ser: *sabê-lo-hei*, *amar-te-há*, etc. Em seguida “o verbo auxiliar ligou-se por um hífen ao infinito, - donde as formas atuais, sempre que o pronome-complemento vier interposto.” (GOIS, 1940, p. 127-128). GOIS completa dizendo que

“aos que desconhecem a origem da tmése nos tempos preindicados, - a mesóclise afigura-se uma operação violenta e rebarbativa: dá a impressão de que o verbo foi rachado ao meio para enxertar-se-lhe, à guisa de cunha metida à força, a variação pronominal átona!” (op. cit. p. 128, grifo nosso.)

2.2. Mesóclise: contexto obrigatório e contextos de variação

Como dissemos, a questão da colocação pronominal é complexa, sobretudo para os estudantes de língua portuguesa, que se vêem na incômoda situação de decorar

²⁸ Uma amostra numérica das ocorrências dessa perífrase, em relação ao futuro sintético, será

uma enorme lista de regras. E os professores, talvez por falta de tempo, ou por julgarem o assunto “menos relevante” que outros, ou ainda por não terem um conhecimento mais aprofundado sobre ele, acabam por ensinar a matéria da colocação pronominal “às pressas”, o que pode levar o estudante a tirar conclusões equivocadas.

Vejamos um pouco melhor essa questão. Os alunos sabem, por exemplo, que a mesóclise só deverá ocorrer junto aos verbos no futuro do presente e do pretérito. Essa informação, embora correta, é incompleta. Por exemplo, diante de uma palavra atrativa, o que deverá fazer o estudante? Usar a mesóclise? Afinal, quem é mais forte: a presença do tempo verbal ou a da palavra atrativa?

O *site* “MR Concursos” discute a questão, explicando por que a sentença “Convidamos para a feira do gado, que realizar-se-á de 12 a 15 de março” fere as normas de colocação pronominal prescritas na GT:

“Temos uma falta de eufonia no trecho "que realizar-se-á". Como o pronome relativo tem a faculdade de atrair as partículas átonas, como o ‘se’, o correto é redigir assim: - Convidamos para a feira do gado, que se realizará de 12 a 15 de março. O que leva muitos redatores a usar a mesóclise ‘realizar-se-á’ nesse tipo de frase? *É que aqui o verbo está no ‘futuro do presente’, e se aprende na escola que a mesóclise [intercalação de pronome átono no verbo] é usada nos tempos futuros. Isso é apenas a metade da questão.*”²⁹

Se observarmos bem as regras gramaticais, veremos que existe **apenas um contexto** em que a mesóclise é de fato “obrigatória”. É quando o verbo ao qual o pronome está ligado acha-se em início de oração, ou depois de pausa. Nesses casos, faz-se obrigatória a mesóclise porque, segundo a GT, o pronome oblíquo nunca poderia

apresentada no Capítulo 3.

²⁹ MR CONCURSOS. Extraído da WWW. Acesso em dez. 2003 (grifo nosso)

encabeçar a oração (Lei de Tobler Mussáfia), e a ênclise é rejeitada pelos tempos de futuro (cf. CEGALLA, 1994, p. 472). Logo, a única opção viável é a inserção do pronome no verbo. Nos contextos em que aparece alguma palavra atrativa junto ao verbo marcado com o futuro, deve-se empregar tão-somente a próclise. E naqueles ambientes em que o verbo não se encontra no início da oração, nem depois de pausa, nem próximo a alguma palavra atrativa, pode-se usar tanto uma quanto outra colocações.

Vê-se, então, que em relação às outras formas de colocação pronominal (notadamente a próclise) **as chances de a mesóclise ocorrer serão bem menores**, pois sua ocorrência está ligada a apenas um contexto obrigatório, enquanto a próclise está vinculada a uma enorme lista de palavras atrativas. Neste capítulo, no entanto, não entraremos em detalhes sobre esses contextos. Deixaremos para apresentar os critérios empregados para classificação deles no capítulo seguinte, em que trataremos da análise dos dados.

Seria interessante, agora, falarmos um pouco sobre as locuções verbais que, como veremos, constituem um contexto especial de colocação pronominal. Mas antes de mostrarmos por que as locuções verbais devem ser tratadas à parte, falaremos um pouco sobre o conceito de locução verbal.

2.2.1. O que é uma locução verbal?

Na consulta aos manuais tradicionais, não verificamos muita preocupação por parte dos autores em definir o que seja uma locução verbal. FERREIRA (op. cit. p. 424), por exemplo, diz que “uma locução verbal pode ser formada por um verbo auxiliar + infinitivo, gerúndio ou particípio”, mas não explica o que se entende por “verbo

auxiliar”. Lista apenas alguns exemplos em que os verbos *ir*, *estar* e *haver* aparecem em parceria com as formas nominais. MESQUITA (op. cit. p. 533) não apresenta a “fórmula” das locuções verbais, mas diz que nelas “os pronomes podem aparecer em próclise ou ênclise em relação ao verbo auxiliar ou às formas nominais”, donde se depreende que uma locução verbal é formada por um verbo auxiliar + forma nominal. Já CEGALLA (op. cit. p. 474) distingue entre locuções verbais e tempos compostos. As locuções seriam as estruturas formadas por um verbo auxiliar + gerúndio/infinitivo, enquanto os tempos compostos seriam formados por um verbo auxiliar unido ao particípio. No entanto, não há explicações sobre o porquê de se separar as construções formadas com o particípio daquelas compostas pelo infinitivo ou gerúndio.

Segundo PONTES (1971), o problema que encontramos nas GT’s é que faltam definições rigorosas dos termos usados e, conseqüentemente, “o emprego, por autores diversos, de termos idênticos com significados diferentes” (p. 11). Assim, encontramos gramáticos que consideram como locução “qualquer seqüência verbal com uma certa coesão interna, de tal modo que funcione como verbo simples” (p. 11), e outros, como CEGALLA, que separam entre locuções verbais e tempos compostos. O problema, como assinala PONTES, é justamente a falta de definições do que seja uma coisa e outra e, conseqüentemente, a falta de critérios para separar as referidas construções.

No Capítulo 3, analisaremos separadamente as locuções verbais que apresentarem pronomes oblíquos ligados a elas, pois, como se verá no item seguinte, a colocação pronominal no contexto das locuções é um pouco mais flexível. Nesta análise, não nos limitaremos ao sentido estrito de locução verbal, tal qual é apresentado nas GT’s. Isso porque, se fôssemos considerar apenas as seqüências verbais formadas

pelos auxiliares “clássicos” (*ter, estar, ir*), teríamos de excluir de nossa análise dados como:

- (1) Isso *poderia nos levar* a... (3/92/13H)
- (2) ... a tradução e o original *deveriam se relacionar*... (4/246/9H)

Nesses exemplos, surgem os verbos **poder** e **dever** que são tradicionalmente analisados como modais. Entretanto, observa-se que a colocação verbal nesses exemplos também pode ser feita de acordo com o “modelo” apresentado nas GT’s para as locuções verbais propriamente ditas (cf. Isso nos *poderia levar*; Isso *poderia* nos *levar*, Isso *poderia levar-nos*). Nosso critério de classificação, portanto, será o mesmo de PONTES, que entende uma locução verbal como “qualquer seqüência de verbos que funcione como verbo simples” (op. cit. p. 22).

2.2.2. A colocação pronominal nas locuções verbais

As gramáticas consultadas apresentam praticamente as mesmas informações com relação à colocação pronominal em locuções verbais. Primeiramente distinguem três tipos de locução que são:

- a) VERBO AUXILIAR + INFINITIVO: *Ele vai vaiar amanhã.*
- b) VERBO AUXILIAR + GERÚNDIO: *Ele estava falando baixo.*
- c) VERBO AUXILIAR + PARTICÍPIO: *Ele já tinha lido o livro.*

Em seguida, anunciam as regras de colocação:

1. VERBO AUXILIAR + INFINITIVO / GERÚNDIO: O pronome pode ocupar qualquer uma das posições abaixo (FERREIRA, op. cit. p. 425):

O professor me vai elogiar.

O professor vai-me elogiar

O professor vai me elogiar

O professor vai elogiar-me.

2. VERBO AUXILIAR + PARTICÍPIO: Somente duas posições são possíveis (FERREIRA, op. cit. p. 426):

- Antes da locução verbal: *Ele me havia contado o caso.*
- Entre os dois verbos: *Ele havia-me contado o caso.*

Ele havia me contado o caso.

A maioria dos autores consultados não fornece exemplos em que o verbo auxiliar se acha conjugado no futuro. Encontramos apenas um exemplo em CEGALLA (op. cit. p. 474) – “*Ter-lhe-ia sido nociva...?*” – e um no site “Fala Língua”³⁰: “*Eles ir-se-ão esforçar mais*”, donde se depreende que a mesóclise também poderá ocorrer nas locuções verbais, quando o verbo auxiliar estiver conjugado em algum tempo do futuro. Temos então as seguintes possibilidades de colocação:

1. VERBO AUXILIAR (FUTURO) + INFINITIVO / GERÚNDIO

- *Eles se irão esforçar.*
- *Eles ir-se-ão esforçar.*
- *Eles irão se esforçar.*
- *Eles irão esforçar-se.*

³⁰ FALA LÍNGUA. Extraído da WWW. Acesso em fev. 2004.

2. VERBO AUXILIAR (FUTURO) + PARTICÍPIO

- *Eles se terão esforçado.*
- *Eles ter-se-ão esforçado.*
- *Eles terão se esforçado.*

2.3. A Mesóclise e os Estudos Lingüísticos

No Capítulo 1, mostramos que a maioria dos estudos sociolingüísticos sobre colocação pronominal desprezava a mesóclise em função de seus pequenos índices de ocorrência e se limitava a observar que a tal construção vinha dando sinais de desaparecimento.

Quem apresentou uma discussão um pouco mais elaborada sobre a construção mesoclítica foi LIMA (2003). Em sua tese, a autora analisou vários aspectos da gramática do português, dentre eles a colocação pronominal. Após coletar dados em textos jornalísticos e publicações técnico-científicas, LIMA observou que “em textos formais escritos, eventualmente encontramos a presença dessa sintaxe [mesóclise] que *parece tender à extinção*”³¹ (grifo nosso). A fim de obter um retrato da condição atual da mesóclise no PB, a autora listou todas as frases em que o futuro do pretérito e o do presente apareciam em parceria com um pronome átono. O percentual encontrado foi de 44,2% de não uso da mesóclise, contra 55,8% de uso. O alto índice de uso de mesóclise, no entanto, parecia estar relacionado ao *corpus* utilizado pela autora. É que um dos textos analisados por ela foi o da Constituição Brasileira que, além de ser marcado por um estilo extremamente formal, “demonstra maior rigor no uso de regras da tradição

³¹ LIMA, 2003, p. 180.

gramatical” (p. 182). A fim de obter uma amostra mais compatível com a realidade, LIMA isolou os dados da Constituição. Vejamos o que ela relata:

“Excetuando-se o caso da Constituição..., pode-se concluir que, contrariamente ao que as normas preceituam, em textos formais, há uma tendência na língua escrita brasileira atual para o abandono da mesóclise e adoção sistemática da próclise (...). Afora os exemplos da Constituição, em 19 exemplos de uso do futuro do indicativo acompanhado de *se*, 18 (94,7%) estão dentro das normas clássicas com a utilização da próclise e não da mesóclise...”³²

Em seguida LIMA aponta que, para possibilitar o emprego de próclise, os autores buscam recursos que impeçam o aparecimento da mesóclise (pronomes relativos, conjunções...), ou que permitam construção alternativa, como, por exemplo, a explicitação do sujeito (p. 182). Ao final, a autora conclui dizendo que o estudo da colocação pronominal “merece atualização por parte das gramáticas” que, segundo ela, “desconhecem completamente ou inserem em plano secundário a sintaxe brasileira e dão primazia a construções portuguesas” (p. 310).

SCHEI (2003, p. 191-192) também apresentou uma contagem de casos de mesóclise, ao analisar a colocação pronominal em seis romances escritos por autores brasileiros do século XX. Num total de quase 8800 dados com pronomes oblíquos, a mesóclise ocorreu apenas 3 vezes (aproximadamente 0,03% em relação às demais formas de colocação)³³. Ao analisar os dados que apresentavam “contexto neutro” (i.e., sem palavra que forçasse a próclise), a autora constatou que apenas um autor optou por realizar a mesóclise. Nesses contextos (21 ao todo), o índice de mesóclises foi de 9,5% e

³² Ibidem. p. 182.

³³ Trata-se de uma contagem geral, sem se levar em conta contextos e tempos verbais (cf. SCHEI, p. 29.)

o de próclise somou 90,5%. Nos contextos em que havia fator de próclise, a mesóclise não ocorreu.

2.4. Sobre as Origens do Futuro: uma breve abordagem

Há vários estudos sobre as origens e os usos do futuro³⁴, e de acordo com as análises mais tradicionais³⁵, o desenvolvimento do futuro do presente e do pretérito constitui um caso clássico de gramaticalização, em que os referidos tempos derivaram de uma construção perifrástica latina com o verbo *habere*, como já salientamos. Segundo essas análises, o *habere* teria sido reanalisado como desinência de futuro, passando por três etapas:

1. O verbo *habere* passa de **principal** a **auxiliar** (processo semelhante ao que ocorreu com o auxiliar *will* do inglês). Segundo BENVENISTE (1980)³⁶, as formas sintéticas de futuro do Latim Clássico (ex: *amabo* – amarei e *dicam* – direi) foram sendo substituídas por formas perifrásticas.
2. O auxiliar *habere*, que funcionava como uma palavra autônoma, passou a ser reanalisado como um **afixo sintático**;
3. Esse afixo, por sua vez, passou a ser reanalisado como um **afixo lexical**, isto é, como um traço do verbo, o que ainda não teria acontecido em muitas variedades conservadoras do português europeu.

³⁴ Veja-se, por exemplo, GRYNER (1997); FLEISCHMAN, (1982), SANTOS (2000).

³⁵ Cf. BOURCIEZ (1967), *apud* ROBERTS & ROUSSOU (no prelo).

³⁶ *Apud* ROBERTS & ROUSSOU (no prelo), p. 56.

Segundo ROBERTS & ROUSSOU (p. 63-64), uma das evidências de que esse último estágio ainda não teria acontecido no PE (e, por extensão, no PB) é justamente a existência da construção mesoclítica. Para os autores, o fato de se poder inserir os pronomes entre o verbo principal e o auxiliar é um indício de que o verbo *habere* ainda não se reduziu a um afixo nessas variedades, permanecendo, antes, como um auxiliar-clítico. A idéia básica dessa análise, segundo RIBEIRO³⁷, é a de que “a mesóclise só é possível num sistema lingüístico que analisa a forma do verbo *haver* como uma palavra independente”, o que significaria que “a forma *dar-lhe-ia* é uma realização do futuro analítico e *lhe daria* do futuro sintético”.

Segundo RAMOS³⁸ há um problema em se considerar as desinências **-ei/-ia** como auxiliares-clíticos e não como afixos. Primeiramente, se essas desinências são clíticos, elas poderiam ser colocadas tanto antes do radical (proclítico a ele), quanto depois dele (em ênclise, como é o caso). Ora, numa língua como o PB, em que há uma **preferência muito mais acentuada pela próclise do que pela ênclise**, tanto na fala quanto na escrita, (cf. SANTOS, 2002; LOBO *et alii*, 1986; MONTEIRO, 1991; LOBO, 1992)³⁹ seria de se esperar que o futuro do presente e do pretérito desaparecessem da língua, ou pelo menos, ocorressem em percentuais muito baixos, uma vez que as desinências **-ei/-ia** são sempre enclíticas em relação ao radical verbal. Não foi isso, no entanto, que verificamos na análise de nossos dados. Como veremos no Capítulo 3, o futuro simples é sempre superior ao futuro perifrástico, tanto em textos antigos (séculos XVII, XVIII, XIX) quanto em textos dos séculos XX e XXI. Esse parece ser um forte indício de que as formas **-ei/-ia** já se transformaram em afixos no PB.

³⁷ RIBEIRO, I. Extraído da WWW. Acesso em 23 ago 2004.

³⁸ RAMOS, J. Comunicação pessoal.

³⁹ *Apud* SCHEI, 2003, p. 63.

Agora que já descrevemos nosso objeto de estudo – a mesóclise – passaremos ao próximo capítulo, em que faremos a análise dos dados coletados nos textos acadêmicos e em textos dos séculos XVII, XVIII e XIX.

CAPÍTULO 3

Análise dos Dados

3.1. Dos Critérios para Elaboração do *Corpus*

A fim de obtermos uma amostra significativa da escrita acadêmica dos anos de 1990 – 2003, analisamos 9 (nove) teses de doutorado e 1 (uma) dissertação de mestrado⁴⁰, defendidas entre 1996 – 2003, no Brasil. Os textos analisados compreendem duas áreas do saber, estando assim distribuídos:

- 5 teses da área de Ciências Humanas;
- 4 teses e 1 dissertação da área de Ciências Exatas.

A opção de trabalhar com textos escritos por acadêmicos de áreas distintas partiu de uma constatação e de uma expectativa. Durante os anos em que atuamos como professora de língua estrangeira, era comum ouvirmos de alguns alunos a seguinte “reclamação”, quando a atividade proposta era a de produção de textos: “Ah, professora! Se nem em português eu escrevo direito, quanto mais em outra língua!”

E, curiosamente, os alunos que nos apresentavam os textos mais “curtos” eram justamente os que mostravam uma maior afinidade com disciplinas ligadas às Ciências Exatas ou que, até mesmo, já vinham cursando algum curso universitário nessa área. Naturalmente, é preciso que se diga, tal relação não era categórica. Havia alunos que, apesar de gostarem mais de Matemática e de Física, apresentavam um bom

⁴⁰ Foi preciso analisar uma dissertação porque, na Biblioteca onde buscamos as teses, não encontramos, em número suficiente, exemplares de teses que se encaixassem na faixa de tempo analisada.

desempenho textual e outros que, mesmo aparentando maior interesse por disciplinas da área de Ciências Humanas, não apresentavam um desempenho textual satisfatório.

Partindo, então, dessas constatações, supusemos que em textos produzidos por acadêmicos das Ciências Exatas o uso da mesóclise seria menor do que em textos de pós-graduandos da área de Ciências Humanas.

Como nosso objetivo principal é explicar a baixa frequência da mesóclise, imaginamos que, nos contextos em que seu uso fosse prescrito pela GT, encontraríamos duas possíveis situações, quando do não uso dessa construção: a) violação aberta às regras prescritas pela gramática tradicional e conseqüente adoção de próclise ou ênclise; b) emprego de alguma estratégia que impedisse o aparecimento da mesóclise. Nossa **hipótese inicial** para explicar os baixos índices de mesóclise era que o futuro perifrástico (*vou / irei cantar; ia / iria cantar*) estaria tomando o lugar do futuro simples (*cantarei / cantaria*) na escrita, desfazendo-se, assim, o ambiente em que a mesóclise pode ocorrer. Essa mudança estaria sendo motivada por influência do que se vê na fala (SANTOS, 2000). Como a mesóclise só pode ocorrer “inserida” nas formas do futuro do presente ou do pretérito, a baixa ocorrência dessas formas verbais em relação às construções perifrásticas explicaria a queda do uso dessa estrutura. Tendo em vista essa hipótese, empreendemos uma busca, cujo objetivo era obter uma visão geral acerca do uso do futuro (simples ou perifrástico) nos textos analisados. Assim, listamos todas as ocorrências de futuro do presente (*ocorrerá*) e futuro do pretérito (*ocorreria*), bem como todas as ocorrências de futuro perifrástico (*irá ocorrer / iria ocorrer; vai ocorrer / ia ocorrer*).

Foi necessário que tomássemos alguns cuidados, quando da coleta dos dados. Considerando que a perífrase com *ir* pode ser empregada tanto com valor de

imperativo, quanto com sentido de futuro (cf. “vamos analisar” = “analisaremos” / “analisemos”), não registramos as eventuais ocorrências que poderiam deixar dúvidas quanto ao verdadeiro sentido pretendido pelo autor. Eventuais citações presentes nos textos também não foram consideradas nesta pesquisa, por não refletirem propriamente a escrita do pós-graduando e, sim, a do autor citado. Semelhantemente, tabelas e gráficos presentes no texto científico não foram considerados como parte do *corpus*.

Tendo em vista as formas de realização do futuro, separamos os dados de acordo com a seguinte classificação:

1. Futuro Simples (sem o verbo *ir/haver*)
 - 1.1. Futuro do Presente (Ex.: *cantará; terá cantado*⁴¹);
 - 1.2. Futuro do Pretérito (Ex.: *cantaria; teria cantado*);

2. Futuro Perifrástico (com o verbo *ir/haver*)
 - 2.1. *Ir* no futuro (Ex.: *irei cantar*);
 - 2.2. *Ir* no presente (Ex.: *vou cantar*);
 - 2.3. Perífrase com *haver* (Ex.: *haverei/haveria de cantar*);

3.2. Da Análise dos Dados

Após a computarmos todos os dados, chegamos à seguinte tabela:

TIPO DE FUTURO	HUMANAS + EXATAS	
	No.	%
Simple	1243	90
Perifrástico	131	10
TOTAL	1374	100

Tabela 01: Distribuição geral dos dados, de acordo com o tipo de futuro.

⁴¹ Como nosso objetivo nesse momento é contrapor o uso do futuro simples ao da perífrase com *ir / haver*, as demais locuções verbais que apresentaram verbo no futuro do presente/pretérito (como é o caso de “terá cantado”) entraram nesse grupo. Mais adiante, no entanto, essas locuções serão analisadas separadamente.

TIPO DE FUTURO	HUMANAS		EXATAS		TOTAL	
	No.	%	No.	%	No.	%
Simples	771	62	472	38	1243	100
Perifrástico	102	78	29	22	131	100

Tabela 02: Distribuição geral do futuro, por subcorpus.

Os dados das Tabelas 01 e 02 acham-se detalhados abaixo:

	FUTURO SIMPLES				TOTAL	
	Futuro Presente		Futuro Pretérito		No.	%
	No.	%	No.	%		
HUMANAS	364	47,2	407	52,8	771	100
EXATAS	349	74	123	26	472	100

Tabela 03: Distribuição dos dados de futuro simples, em cada subcorpus, de acordo com o tempo verbal.

	FUTURO PERIFRÁSTICO						TOTAL	
	Ir Futuro		Ir Presente		Perífrase Haver		No.	%
	No.	%	No.	%	No.	%		
HUMANAS	13	12,7	82	80,3	7	7	102	100
EXATAS	21	72,4	08	27,6	0	0	29	100

Tabela 04: Distribuição dos dados de futuro perifrástico, em cada subcorpus, de acordo com o tipo de estrutura (ir presente, ir futuro, haver).

A análise dessas tabelas nos revela alguns dados interessantes. Primeiramente, é fácil percebermos que o **futuro simples** (*cantará; cantaria*) ocorre quase 10 vezes mais do que o **futuro perifrástico** (*vou/irei cantar; ia/iria cantar*)! Embora esperássemos que a forma perifrástica apresentasse um percentual um pouco mais expressivo, visto que, na fala, ela tende a substituir a forma sintética de futuro (SANTOS, 2000)⁴², tal fato não se constatou. Aliás, os índices de ocorrência a que chegamos parecem se aproximar bastante dos que LIMA (2003) encontrou, na análise dos textos jornalísticos e técnico-científicos. Em seu *corpus*, a autora verificou que 92%

dos dados eram de futuro sintético, e apenas 8% eram de perífrase. Isso não quer dizer, no entanto, que o futuro se comporte da mesma forma em textos marcados por um estilo mais **informal**. É possível que, nesses casos, as formas perifrásticas sejam até mais expressivas. Contudo, os dados parecem apontar para uma tendência no PB: em textos formais o futuro sintético é preferido ao perifrástico. O futuro, portanto, comporta-se diferentemente nas modalidades escrita e falada.

O que poderíamos dizer, talvez, é que o uso do futuro perifrástico estaria vagarosamente crescendo em relação ao do futuro sintético. Tal observação seria possível se fizéssemos uma nova análise em textos mais antigos (por exemplo, do século passado) e comparássemos os resultados obtidos. Se encontrássemos um índice crescente de futuro perifrástico na comparação dos dados antigos e recentes, poderíamos ter, diante de nós, indícios de um processo de mudança.

Outro dado interessante diz respeito à perífrase com o verbo **haver** (*haverá de cantar, haveria de cantar, etc.*), que parece estar entrando em desuso. O percentual de ocorrência dessa construção é de apenas 5% no *corpus*. Além disso, todas as ocorrências acham-se localizadas no *subcorpus* de Humanas, em uma tese específica. Parece tratar-se, então, de um uso idiossincrático.

Tendo em vista os dados apontados, *não é possível afirmar que a mesóclise esteja caindo em desuso devido ao aumento do uso das formas perifrásticas no texto escrito*. Como se viu, o percentual de ocorrência da perífrase é ainda muito pequeno nos textos formais.

Ainda com relação ao futuro perifrástico, chama a atenção o fato de ele ser, nesse tipo de texto, mais freqüente com verbos no futuro do presente. Não registramos,

⁴² Veja-se também a análise que fizemos, sobre o futuro, no Capítulo 2.

no subcorpus de Humanas, *nenhuma ocorrência de futuro do pretérito* em estrutura perifrástica (*iria falar; ia cantar*). Essa forma, no entanto, é facilmente encontrada em textos jornalísticos e artigos em geral. Também no subcorpus de Exatas a tendência se confirmou, visto que registramos somente 1 (uma) ocorrência de perífrase do futuro do pretérito, o que corresponde a apenas 1% das ocorrências totais. Trata-se, portanto, de um caso isolado. Os dados, então, parecem apontar para uma tendência de não se empregar formas perifrásticas do futuro do pretérito em textos acadêmicos. Vejamos como essa distribuição se deu em cada subcorpus.

	FUTURO DO PRESENTE HUMANAS				Total	
	Simples		Perifrástico		No.	%
	No.	%	No.	%		
Tese 1	32	97	1	3	33	100
Tese 2	131	98	3	2	134	100
Tese 3	51	43	68	57	119	100
Tese 4	62	87	9	13	71	100
Tese 5	88	86	21	19	109	100
Total	364	78	102	22	466	100

Tabela 05: Distribuição do futuro do presente, no subcorpus de Humanas, de acordo com a estrutura (simples ou perifrástica).

	FUTURO DO PRESENTE EXATAS				Total	
	Simples		Perifrástico		No.	%
	No.	%	No.	%		
Tese 1	48	73	18	27	66	100
Tese 2	34	97	1	3	35	100
Tese 3	55	96	2	4	57	100
Tese 4	124	98	2	2	126	100
Tese 5	88	94	5	6	93	100
Total	349	92	28	8	377	100

Tabela 06: Distribuição do futuro do presente, no subcorpus de Exatas, de acordo com a estrutura (simples ou perifrástica).

	FUTURO DO PRETÉRITO EXATAS				Total	
	Simples		Perifrástico			
	No.	%	No.	%	No.	%
Tese 1	31	96	1	4	32	100
Tese 2	7	100	0	0	7	100
Tese 3	31	100	0	0	31	100
Tese 4	44	100	0	0	44	100
Tese 5	10	100	0	0	10	100
Total	123	99	1	1	124	100

Tabela 07: Distribuição do futuro do pretérito, no subcorpus de Exatas, de acordo com a estrutura (simples ou perifrástica).

Agora que já mostramos a distribuição do futuro em nosso *corpus*, é necessário fazermos uma observação. Quando coletamos os dados, nosso objetivo era mostrar como o futuro se distribuía de um modo geral. Isso quer dizer que selecionamos **todas as frases** em que identificamos um verbo ou uma locução indicando futuro, *quer estivessem acompanhadas de pronome oblíquo ou não*. Como a mesóclise pressupõe a existência de um pronome oblíquo, é necessário, agora, fazermos um primeiro recorte em nossos dados. A pergunta é: de todos os dados computados, quantos apresentam pronome oblíquo? O resultado desse recorte pode ser visto na Tabela 08.

PRESENÇA/ AUSÊNCIA DE PRONOME OBLÍQUO	HUMANAS + EXATAS	
	No.	%
Dados com pronome	126	9
Dados sem pronome	1248	91
TOTAL	1374	100

Tabela 08: Presença ou ausência de pronome oblíquo: dados gerais.

Os dados apresentados na Tabela 08 acham-se detalhados a seguir:

PRESENÇA/AUSÊNCIA DE PRONOME OBLÍQUO	HUMANAS		EXATAS		TOTAL	
	No.	%	No.	%	No.	%
Dados com pronome	105	83,5	21	16,5	126	100
Dados sem pronome	768	61,6	480	38,4	1248	100
TOTAL	873	63,5	501	36,5	1374	100

Tabela 09: Presença ou ausência de pronome oblíquo nos subcorpora.

A tabela acima mostra que os contextos de ocorrência de pronome oblíquo com verbo no futuro são bastante reduzidos em ambos os subcorpora, sendo menores no conjunto de dados das teses de Exatas. Apenas para se ter uma idéia, vamos mostrar como a distribuição se deu, por tese, no referido subcorpus:

	OCORRÊNCIAS DE FUTURO ⁴³	OCORRÊNCIAS COM PRONOMES OBLÍQUOS
Tese 1	98	8 8%
Tese 2	42	4 9%
Tese 3	88	2 2%
Tese 4	170	6 3%
Tese 5	103	1 1%
Total	501	21 4%

Tabela 10: Número e percentual de verbos que ocorrem com clíticos dentro do subcorpus de Exatas.

Os dados da tese 5 são surpreendentes: de 103 ocorrências de verbos no futuro do presente e do pretérito, apenas 1 possui pronome oblíquo ligado a ele! É possível, então, aventarmos a hipótese de que a queda da mesóclise estaria relacionada à baixa frequência desses pronomes no texto escrito ou, pelo menos, à baixa frequência de verbos pronominais. Neste estudo, no entanto, não nos ocuparemos com a testagem dessa hipótese. Isso porque um estudo sobre a frequência dos clíticos no texto escrito demandaria tempo e uma ampliação de nosso *corpus*. Por enquanto, deixaremos essa questão para um trabalho futuro.

⁴³ Para essa contagem, consideramos tanto o futuro simples/composto quanto o perifrástico.

Seria interessante, agora, mostrarmos como o futuro se distribui, tendo em vista apenas os dados que apresentam pronomes oblíquos. Essa análise nos permitirá verificar se o futuro perifrástico está sendo empregado como estratégia de esquiva da mesóclise. Para essa contagem, vamos separar todos os dados em que o futuro (simples ou perifrástico) aparece ligado a um pronome oblíquo. Não consideraremos os dados em que o verbo flexionado no futuro funcionava como auxiliar (cf. “*o abstrato e o concreto deveriam se encontrar...*” - 4/42/8H) porque, nesses casos, há uma certa liberdade na colocação do pronome oblíquo, que pode se ligar tanto ao auxiliar quanto ao verbo principal da locução, ou até mesmo, ficar entre eles (como é o caso dos exemplos acima). Aliás, essa última posição, não muito apreciada pelos gramáticos mais tradicionais, ficou conhecida como *sintaxe brasileira* (cf. ROCHA LIMA, 1992, p. 455). De todo modo, achamos melhor não considerarmos esses dados por enquanto, uma vez que não há obrigatoriedade de se ligar o pronome ao verbo marcado com futuro. Analisaremos as locuções verbais separadamente, mais adiante.

Excluindo-se, então, os dados que apresentavam locução verbal⁴⁴ (no total, 21), ficamos com um *corpus* de 105 dados. A distribuição do futuro, nesses dados, pode ser vista na Tabela 11:

	FUTURO + PRONOME OBLÍQUO	
	No.	%
Futuro Sintético	79	75
Futuro Perifrástico	26	25
TOTAL	105	100

Tabela 11: Distribuição do futuro nos dados que apresentavam pronome oblíquo (excetuando-se as locuções verbais).

⁴⁴ Evidentemente mantivemos as locuções com “ir” (futuro perifrástico) nessa contagem, a fim de fazermos o contraste com o futuro sintético.

A Tabela 11 nos mostra que, mesmo nesses dados, o uso do futuro sintético supera o uso do futuro perifrástico. No entanto, é interessante observarmos que o uso da perífrase aumentou em relação à contagem que tínhamos feito anteriormente (cf. Tab. 01). Ou seja, quando isolamos os dados em que o futuro aparece com um pronome, percebemos que, embora a frequência da perífrase ainda seja inferior à do futuro simples, ela é um pouco mais expressiva do que nos outros contextos. Como explicar esse aumento?

Parece-nos que o futuro perifrástico tem sido usado como uma estratégia de esquiva da mesóclise. A idéia é simples: empregando-se a perífrase, desfaz-se o contexto (verbo no futuro simples) de emprego de mesóclise. Dos 26 dados de futuro perifrástico que compõem esse novo recorte, 11 exemplificam esse uso estratégico, o que corresponde a um índice de 42%. Vejamos alguns exemplos:

3/41/9H	... , vamos tratá-las separadamente (PAUSA: contexto para mesóclise)
3/41/20H	Vamos englobá-la ao conjunto (Início de sentença: contexto para mesóclise)

Tabela 12: Exemplos de futuro perifrástico estratégico.

Antes de seguirmos com nossa análise, é importante pararmos aqui e fazermos algumas considerações. Em primeiro lugar, a maioria dos dados de futuro perifrástico com pronome oblíquo estão localizados na tese 3 do subcorpus de Humanas. Coincidentemente, ou não, todos os dados em que julgamos ser estratégico o uso do futuro perifrástico acham-se também localizados na referida tese. Pode ser, então, que esse uso reflita uma idiosincrasia.

Ademais, a análise dos dados dessa tese nos permite fazer uma constatação interessante: a relação entre o futuro perifrástico e a mesóclise não é categórica, no

sentido de que o escritor não emprega essa forma apenas quando precisa “fugir” da construção mesoclítica. Antes, observamos vários exemplos de frases em que havia um contexto para próclise e, mesmo assim, verificou-se a perífrase do futuro:

(1) mas sentenças desse tipo não vão se comportar... (3/58/3H)
contexto para próclise

No entanto, quando a mesóclise é obrigatória, essa é, de fato, a estratégia mais empregada pela autora da tese 3, a fim de “fugir” dela! Em todos os casos, verificou-se o seu emprego!

Até o momento, temos usado a noção de “contexto”, sem contudo entrarmos em grandes detalhes sobre os fatores que definem esses ambientes. Falamos, por exemplo, de contexto de próclise (definido mediante a presença de uma “palavra atrativa”) e de contexto de mesóclise (início de frase ou seguindo pausa). No entanto, não explicitamos que critérios empregamos para classificar, por exemplo, o contexto de variação. É justamente isso que faremos agora. Nosso objetivo, nesta etapa da análise, é verificar se os autores das teses seguem as regras prescritas pela GT. Começemos, então, pela explicitação dos critérios empregados, quando da codificação do *corpus*. Vamos separar os dados, agrupando-os em três categorias:

- a) aqueles que apresentam contexto de próclise obrigatória;
- b) aqueles que apresentam contexto de mesóclise obrigatória;
- c) aqueles em que a mesóclise é facultativa, ou seja: pode-se ter tanto mesóclise quanto próclise.

3.3. Contextos de Colocação Pronominal

3.3.1. Contextos de próclise obrigatória:

Foram classificados como casos de PRÓCLISE (P) os dados que apresentaram:

a) Partículas negativas

(1) *Não nos deteremos* (2/128/3H)

b) Verbo precedido de pronome relativo

(2) *percorrer a... via que o levaria* (4/156/14H)

c) Verbo precedido de pronome indefinido

(3) *Nenhuma pessoa de bom senso se julgaria* (1/42/25H)

d) Verbo precedido de conjunção subordinativa

(4) *conforme se verá no estudo* (1/73/16H)

e) Verbo precedido de advérbio

(5) *Só um desenvolvimento maior... nos permitirá assumir* (3/130/20H)

f) Verbo precedido de pronome demonstrativo

(6) *... e esse fato se estampará incontestável* (1/92/10H)

3.3.2. Contextos de mesóclise obrigatória:

Foram classificados como casos de MESÓCLISE (M) as ocorrências que apresentaram verbo ligado a pronome nos seguintes contextos:

a) Após vírgula (encabeçando oração)

(1) *... primeiros estudos filosóficos de Sartre, dir-se-ia a fase “pré-marxismo”...* (5/16/20H)

Obs.: Também foram englobados aqui os dados que, neste contexto, apresentaram sintaxe de colocação diferente (próclise ou ênclise):

(2) ... *eles, provavelmente, se colocarão...* (2/235/1H)
(próclise indevida)

b) Iniciando frase

(3) *Poder-se-ia argumentar que o fato....* (5/155/9H)

3.3.3. Contextos de variação:

Foram classificados como AMBAS (A), os dados que:

a) Não apresentaram palavra atrativa

(1) *A obra nos será útil...* (1/74/1H)

b) Não apresentaram contexto para mesóclise obrigatória

(2) *Por essa razão o trataremos...* (2/178/28H)

(não há vírgula separando o adjunto)

À semelhança do que fizemos ao analisar como o futuro se distribuía nos dados que apresentavam pronome oblíquo, optamos por excluir dessa análise as locuções verbais, por julgarmos necessário dar-lhes um tratamento especial, o que será feito mais adiante. Excluindo-se portanto os dados que apresentavam locução verbal, obtivemos o seguinte quadro de contextos:

	PRÓCLISE		MESÓCLISE		AMBAS	
HUMANAS	46		5		16	
EXATAS	6		0		6	
TOTAL	52/79	65,8%	5/79	6,4%	22/79	27,8%

Tabela 13: Contextos de colocação pronominal no corpus geral, excluindo-se os dados de locução verbal e perífrase com o verbo ir.

A Tabela 13 mostra que os contextos de próclise superam os outros dois, correspondendo, no *corpus* geral, a 65,8% dos dados. Chama a atenção o baixo índice de contextos de mesóclise obrigatória (apenas 6,4%). Os percentuais de cada contexto, separados pelo tipo de *corpus*, podem ser vistos na Tabela 14:

	HUMANAS		EXATAS	
PRÓCLISE	46	68,5%	6	50%
MESÓCLISE	5	7,5%	0	0%
AMBAS	16	24%	6	50%
TOTAL	67	100%	12	100%

Tabela 14: Percentuais de cada contexto, separados por tipo de corpus.

É curioso que no *subcorpus* de Exatas não registramos nenhum contexto de mesóclise obrigatória. É interessante também que, nesse *subcorpus*, o número de contextos de variação é igual ao de contextos de próclise obrigatória, o que não se verifica no *subcorpus* de Humanas. As tabelas abaixo detalham esses contextos em cada tese:

TESES	PRÓCLISE		MESÓCLISE		AMBAS	
	Total	%	Total	%	Total	%
1	4/8	50	0/8	0	4/8	50
2	8/11	73	1/11	9	2/11	18
3	3/5	60	0/5	0	2/5	40
4	8/10	80	2/10	20	0/10	0
5	23/33	70	2/33	6	8/33	24
Total	46/67	68,5%	5/67	7,5%	16/67	24%

Tabela 15: Distribuição dos dados de acordo com o contexto de colocação pronominal, excluindo-se as locuções verbais (subcorpus Humanas).

TESES	PRÓCLISE		MESÓCLISE		AMBAS	
	Total	%	Total	%	Total	%
1	3/3	100	0/3	0	0/3	0
2	0/4	0	0/4	0	4/4	100
3	0	0	0	0	0	0
4	2/4	50	0/4	0	2/4	50
5	1/1	100	0/1	0	0/1	0
Total	6/12	50	0/12	0	6/12	50

Tabela 16: Distribuição dos dados de acordo com o contexto de colocação pronominal, excluindo-se as locuções verbais (subcorpus Exatas).

A Tabela 15 mostra que em todas as teses do *corpus* de Humanas, os contextos de próclise obrigatória superaram os de mesóclise e aqueles em que ambas as construções são possíveis. A Tabela 16 é ainda mais reveladora. Dos 12 dados, NENHUM apresenta contexto de mesóclise obrigatória. Isso parece indicar que a perda da mesóclise está relacionada ao baixo índice de ocorrência de seu contexto obrigatório.

Chama a atenção a inexistência de contextos de mesóclise nas teses 1 e 3 de Humanas e em todas as teses de Exatas. Por que será que eles inexistem? Na tentativa de explicar o baixo índice de contextos mesoclíticos, voltamos aos dados a fim de verificar que fator(es) estava(m) impedindo a mesóclise de acontecer ou, pelo menos, criando um contexto propício para variação. Os principais fatores observados foram:

- a) Presença de “palavra atrativa”, gerando contexto para próclise. Sobre essa questão, cabem algumas considerações. Em primeiro lugar, não é possível afirmarmos que o autor emprega propositalmente uma “palavra atrativa”, apenas com o intuito de fugir da mesóclise. Ou seja, não podemos dizer que o uso de determinadas conjunções, pronomes demonstrativos, interrogativos, partículas negativas, etc. é sempre **estratégico**. Por outro lado, não podemos afirmar que os autores realizam a próclise *apenas porque conhecem as*

regras prescritas na GT. É perfeitamente possível um autor fazer uma próclise correta, e nem ao menos se dar conta de que havia uma “palavra atrativa” na sentença. Semelhantemente, é possível haver uma “palavra atrativa” na frase e o autor realizar um outro tipo de colocação. De qualquer forma, trata-se de uma questão bastante polêmica, como salientamos no Capítulo 1.

- b) Preenchimento do sujeito pronominal. Essa estratégia cria um contexto propício para variação, uma vez que, não havendo palavra atrativa e não estando o verbo no início da oração, a GT licencia o uso da próclise, junto aos verbos no futuro. Exemplos:

(1) *Nós nos movimentaremos...* (1/199/4H)

(2) *Nós nos dirigiremos...* (1/212/10H)

- c) Preenchimento da periferia à esquerda da sentença: Também nesse caso, há a criação de um contexto neutro.

(1) *E, havendo substantivo no sujeito, a concordância com ele se fará...* (1/227/22H)

Observe-se que a frase poderia ter sido escrita assim: *E, havendo substantivo no sujeito, far-se-á a concordância com ele...*

- d) O futuro perifrástico. Como já dissemos, essa é a estratégia mais empregada pela autora da tese 3 do *corpus* de Humanas, embora não se possa dizer que o emprego dessa construção seja sempre estratégico.

(1) *Vamos nos deter principalmente...* (3/106/14H)

(Cf. *Deter-nos-emos principalmente...*)

- e) Emprego de voz passiva analítica. Uma das diferenças entre a passiva analítica e a sintética está no fato de a primeira não apresentar o pronome

oblíquo. Não havendo pronome, então, não se justifica falar em mesóclise. Tem-se aqui uma maneira de o escritor se esquivar da construção com o pronome. Vejam-se alguns exemplos:

(1) *Tal lacuna poderia ser suprida...* (2/123/23H)

(Cf. Poder-se-ia suprir tal lacuna...)

(2) *A exigência da mesóclise e a de outras regras..., deverão ser eliminadas...* (1/315/3H)

(Cf. Dever-se-ão eliminar a exigência da mesóclise e a de outras regras...)

- f) Emprego de locuções verbais sem o pronome oblíquo. Essa estratégia é semelhante à anterior, pois elimina o pronome oblíquo e, conseqüentemente, a necessidade de se fazer a mesóclise. Exemplo:

(1) *... a confusão... estaria centrada...* (2/138/2H)

(Cf. A confusão ... centrar-se-ia...)

- g) Omissão/apagamento dos clíticos pronominais. Essa é uma questão complexa e, portanto, vamos apenas mencioná-la, sem entrar em grandes detalhes. Há vários estudos que analisam a freqüência dos clíticos, sobretudo na fala, e atestam que esta vem diminuindo (cf. CYRINO, 1996; TARALLO, 1990; - estudos gerais e DUARTE, 1989; - estudo sobre o clítico acusativo de 3ª pessoa). Com base nos dados que coletamos, não nos foi possível realizar um estudo sobre as razões da baixa freqüência dos pronomes oblíquos no texto escrito. Seria interessante, por exemplo, analisar se em vez de empregar os pronomes para retomar alguma palavra ou expressão, os autores estão simplesmente repetindo o item, em vez de retomá-lo mediante

um pronome. Outra idéia seria analisar a frequência dos verbos pronominais no texto escrito e se, nesse caso, os autores explicitam os objetos do verbo mediante emprego de pronome. Tal estudo, no entanto, ultrapassa os nossos objetivos e, por isso, não nos ocuparemos dele.

Vejamos, agora, o que realmente ocorre nos contextos em que a mesóclise é obrigatória (início de oração ou depois de pausa). Ela ocorre? Em que porcentagens? Caso negativo, o que acontece? Há violação aberta às regras prescritas pela GT? Há opção pela próclise? Em que porcentagens?

TESES	NÚMERO DE CONTEXTOS	OCORRE		NÃO OCORRE	
		Total	%	Total	%
1	0	0	0	0	0
2	1	0	0	1	100
3	0	0	0	0	0
4	2	0	0	2	100
5	2	2	100	0	0
Total	5	2	40	3	60

Tabela 17: Detalhamento dos contextos de mesóclise obrigatória, de acordo com sua ocorrência positiva ou negativa (subcorpus Humanas).

Os dados acima mostram que, em 60% dos casos em que há contexto de mesóclise obrigatória, tal construção **NÃO** ocorre. Com exceção da tese 5, em que a mesóclise ocorre em 100% dos contextos obrigatórios, nas outras teses o percentual de não ocorrência é também de 100%. A análise dos dados mostra que, nessas teses, sempre se verifica a opção pela próclise. Exemplo:

- (1) *o qual, em última análise, se traduziria por um...* (4/71/4H)
 pausa: contexto para mesóclise

Não se verificou nenhum contexto de mesóclise obrigatória no *corpus* de Exatas.

Antes de prosseguirmos, é importante lembrar que, embora o índice de ocorrência de mesóclise seja alto (40%), todos os contextos em que essa construção poderia ocorrer, nas teses 1 e 3, foram desfeitos, ora pela determinação do sujeito, ora pela adoção do futuro perifrástico. Ou seja, o percentual é alto apenas porque não consideramos, nessa soma, os dados em que o uso da perífrase era estratégico. Se o tivéssemos feito, o índice de não ocorrência teria sido superior aos 60% encontrados.

Vejamos agora o que ocorre nos contextos em que a mesóclise é facultativa:

TESES	NÚMERO DE CONTEXTOS	PRÓCLISE/ ÊNCLISE		MESÓCLISE	
		No.	%	No.	%
1	4	4	100	0	0
2	2	2	100	0	0
3	2	2	100	0	0
4	0	0	0	0	0
5	8	7	87,5%	1	12,5%
Total	16	15	94%	1	6%

Tabela 18: Detalhamento dos contextos de mesóclise facultativa (subcorpus Humanas).

TESES	NÚMERO DE CONTEXTOS	PRÓCLISE/ ÊNCLISE		MESÓCLISE	
		No.	%	No.	%
1	0	0	0	0	0
2	4	4	100	0	0
3	0	0	0	0	0
4	2	2	100	0	0
5	0	0	0	0	0
Total	6	6	100	0	0

Tabela 19: Detalhamento dos contextos de mesóclise facultativa (subcorpus Exatas).

A Tabela 18 mostra que, quando a mesóclise é facultativa, a preferência é pelas outras formas de colocação, notadamente a próclise. Em todos os dados de

Humanas, verificou-se adoção de próclise. Já a Tabela 19 (Exatas) indica que, quando a mesóclise é facultativa, ela não ocorre. A preferência é pela próclise. Das 6 ocorrências, 5 são de próclise e apenas 1 de ênclise.

3.4. Análise das Variáveis Lingüísticas

Para essa análise, separamos todos os dados que continham um verbo no futuro e pronome oblíquo associado a ele. Naturalmente, ficaram de fora as locuções verbais do tipo *vai se realizar*, em que o auxiliar encontra-se no presente. Os dados foram então codificados de acordo com a seguinte legenda:

Variável Dependente:

- 0 – ausência de mesóclise: “*pois esta discussão nos levaria...*”
(5/23/12H)
- 1 – presença de mesóclise: “*Poder-se-ia argumentar que...*”
(5/155/9H)

Variáveis Independentes:

a) Origem do dado:

- H – Humanas
- E – Exatas

b) Material à esquerda do verbo marcado com futuro:

- N – nada / pausa: “... *estudos filosóficos de Sartre, dir-se-ia a fase pré-marxismo...*” (5/16/20H)
- S – sujeito: “Essa sobreposição se daria...” (3/175/11H)
- C – complementizadores: “... que nos permitirá ver...” (3/125/13H)

- A – advérbios: “... nós já teríamos nos perdido...” (1/123/10H)
- P – partículas negativas: “... sendo que não se levará em conta...” (10/45/6E)
- T – outros (adjuntos adverbiais, conjunções coordenativas, etc.): “... ou o comprariam...” (6/98/11E)

c) Tipo de verbo

- S – simples: “A otimização se dará sobre...” (7/125/28E)
- L – locução verbal: “... o que não poderá se dar...” (1/24/22H)

Para a contagem dos dados, foi utilizado o programa *GoldVarbrul*, versão 2001.

3.4.1. Resultados

Vejamos agora os resultados para cada grupo de fatores analisado:

a) Origem do dado

	AUSÊNCIA DE MESÓCLISE		PRESENÇA DE MESÓCLISE		TOTAL	
	No.	%	No.	%	No.	%
Humanas	80/85	94	5/85	5	85/105	80
Exatas	19/20	95	1/20	5	20/105	20
TOTAL	99/105	94	6/105	6	105/105	100

Tabela 20: Presença e ausência de mesóclise em relação à origem dos dados.

A Tabela 20 mostra que o índice de ausência de mesóclise é alto em ambas as áreas. Já o percentual de presença é igual: 5% tanto em Humanas quanto em

Exatas. Vê-se, então, que, em termos quantitativos, os autores dessas áreas se comportam de maneira semelhante, tanto no emprego, quanto no não uso de mesóclise.

b) Material à esquerda do verbo marcado com futuro

	AUSÊNCIA DE MESÓCLISE		PRESENÇA DE MESÓCLISE		TOTAL	
	No.	%	No.	%	No.	%
Nada	4/9	44,5	5/9	55,5	9/105	8,5
Sujeito	47/47	100	0/47	0	47/105	44,7
Part. Negativa	8/8	100	0/8	0	8/105	7,6
Complement.	29/29	100	0/29	0	29/105	27,6
Advérbio	4/4	100	0/4	0	4/105	4%
Outros	7/8	87,5	1/8	12,5	8/105	7,6
TOTAL	99/105	94	6/105	6	105/105	100

Tabela 21: Presença e ausência de mesóclise em relação ao material à esquerda do verbo marcado com futuro.

Como se vê na tabela acima, a mesóclise nunca ocorreu, em nosso *corpus*, quando o material à esquerda do verbo era um sujeito (seja pronominal ou expresso por um NP), uma partícula negativa (*não*), um complementizador (*que, conforme...*) ou um advérbio (*só, já, realmente...*). O que chama a atenção é o subfator *Nada*. Não havendo nada antes do verbo, subentende-se que ele está no início da oração, ou depois de uma pausa. Nesses contextos, deveria ser categórica a presença da mesóclise. No entanto, é relativamente alto o percentual da não ocorrência.⁴⁵

⁴⁵ Vale lembrar que, nessa análise, o índice de não ocorrência foi **menor**, porque incluímos, aqui, as locuções verbais. Considerando apenas os dados com um só verbo, a não ocorrência de mesóclise é maior (cf. Tabela 17).

c) Tipo de verbo

	AUSÊNCIA DE MESÓCLISE		PRESENÇA DE MESÓCLISE		TOTAL	
	No.	%	No.	%	No.	%
1 Verbo	76/79	96	3/79	4	79/105	75
Locução	23/26	88	3/26	11	26/105	25
TOTAL	99/105	94	6/105	6	105/105	100

Tabela 22: Presença e ausência de mesóclise em relação ao tipo de verbo.

A tabela acima mostra a distribuição dos dados de acordo com o tipo de verbo. Como podemos observar, a mesóclise tende a ocorrer mais nas locuções verbais, do que em verbos simples. À primeira vista essa constatação parece estranha, uma vez que temos repetido aqui que, nas locuções verbais, a colocação verbal é mais flexível. A pergunta que se segue, então é: se os autores possuem mais opções de colocação nesses contextos, por que escolhem a mesóclise? Voltando aos dados, percebemos uma singularidade a respeito deles: em um deles o autor empregou a voz passiva sintética, e, nos outros dois, indeterminou o sujeito:

(1) *Ao contrário, dever-se-ia estabelecer uma conversação... (6/84/7E)*

(2) *Poder-se-ia argumentar que o fato... (5/155/9H)*

(3) *... ,poder-se-ia supor que o não ser é uma abstração... (5/45/13H)*

Esses parecem ser os únicos contextos em que a mesóclise é preferida (estando a locução no início de oração, ou depois de pausa), em se tratando de locuções verbais. E já que estamos falando nelas, vamos fazer uma análise de como a colocação pronominal se configurou nos dados de locução como um todo, inclusive quando o auxiliar achava-se conjugado em outro tempo verbal, que não o futuro.

3.5. Análise das Locuções Verbais

Como já dissemos, as locuções verbais constituem um caso a ser analisado separadamente, uma vez que nelas o grau de liberdade para a colcação pronominal é maior. Para essa análise consideramos como locução verbal toda estrutura formada por um verbo que funcionasse como auxiliar ligado a um outro, principal, de forma que a seqüência funcionasse como um só verbo. As perífrases com o verbo *ir* também foram enquadradas nesse subcorpus.

Foram computados 47 dados, sendo que 45 deles são do tipo **verbo auxiliar + infinitivo**. Houve apenas um dado de verbo auxiliar associado ao particípio e apenas um associado ao gerúndio. Em ambos os casos o pronome oblíquo foi colocado entre o auxiliar e o verbo principal:

(1) *nós já teríamos nos perdido* (H1/123/10)

(2) *estaria se estabelecendo a relação* (H2/144/8)

Nos dados com o infinitivo, observaram-se as seguintes posições do pronome em relação aos verbos da locução:

POSIÇÃO 1 Nos poderia levar	POSIÇÃO 2 poder-nos-ia levar	POSIÇÃO 3 Poderia-nos levar	POSIÇÃO 4 poderia nos levar	POSIÇÃO 5 poderia levar- nos
Exemplo: H3/45/3 “São essas as características que <u>nos</u> vão permitir”	Exemplo: H5/45/13, “ <u>poder-se-ia</u> supor que o não ser é uma abstração”	Exemplo: H4/88/13 “Por outro lado, <u>deveria-se</u> considerar”	Exemplo: E6/72/15 “... e com quem <u>poderiam se</u> comunicar para aumentar”	Exemplo: H3/41/9 “vamos tratá- <u>las</u> separadamente.”
3 (6,5%)	3 (6,5%)	1 (2,5%)	32 (71%)	6 (13,5%)

Quadro 03: Posições do pronome em locuções verbais com infinitivo.

Vemos que de todas as posições é a de número 3 que é a menos recorrente, possivelmente por não ser licenciada pela GT (nunca se deve pospor o pronome a verbos flexionados no futuro do presente ou do pretérito). Os dados mostram também que o tipo de colocação mais freqüente é justamente a intercalação do pronome na locução, sem prendê-lo ao verbo auxiliar por hífen (sintaxe brasileira). Nesse sentido, a escrita dos doutorandos se distancia dos modelos mais tradicionais preconizados pela GT. Parece também que a segunda posição mais natural do pronome, em relação às locuções verbais, é a ênclise em relação ao verbo principal (13%). Chama a atenção o fato de a mesóclise ocorrer no mesmo percentual que a posição 1 (próclise ao auxiliar). Nos dados em que a mesóclise ocorre, tem-se os contextos de pausa ou início de frase. Já em todos os dados em que a próclise ao infinitivo é preferida, tem-se o pronome relativo *que*. Alguém poderia dizer, então, que a hipótese das palavras atrativas nesse caso funciona: o *que* estaria atraindo o pronome para perto de si, deixando-o proclítico em relação ao auxiliar. Entretanto, encontramos outros três exemplos em que isso não ocorreu, ficando o pronome entre o auxiliar e o principal.

3.6. Análise do *Corpus* Antigo

Nesta etapa da análise, interessa-nos verificar como se dá a distribuição do futuro em textos dos séculos XVII, XVIII e XIX. Na impossibilidade de trabalhar com teses de doutorado dos referidos séculos, mantendo assim o mesmo tipo de texto em ambos os *corpora*, optamos por trabalhar com documentos e textos literários. Para a

coleta dos dados do século XVII, serviu-nos de base a obra “Arte de Criar bem os Filhos na Idade da Puerícia”, de 1685, escrita pelo Padre Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus da Província do Brasil. Os dados do século XVIII foram extraídos de documentos como a “Carta de Sesmaria ao Coronel Mathias Barbosa da Silva” (1736), e de excertos do “Testamento do Cel. Mathias Barbosa” (1738), dentre outros testemunhos que integram o *corpus* de Português Clássico do Projeto TYCHO BRAHE, coordenado pela Profa. Dra. Charlotte GALVES. Para a coleta dos dados do século XIX, foi utilizado um *corpus* que reúne mais de uma centena de cartas do século XIX, pertencentes ao Acervo Histórico Monsenhor Horta, localizado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP/MG) e também cartas de redatores e leitores de vários jornais do mesmo século, pertencentes ao *corpus* do Projeto “Para a História do Português Brasileiro”.

Após computarmos todos os dados, verificamos a seguinte distribuição do futuro:

TIPO DE FUTURO	SÉC. XVII		SÉC. XVIII		SÉC. XIX	
	Simple	318	65%	57	100%	202
Perifrástico	171	35%	0	0%	26	11,5%
TOTAL	489	100%	57	100%	228	100%

Tabela 23: Distribuição geral dos dados, de acordo com o tipo de futuro.

A comparação dos dados mostra que, em todos os séculos analisados, as ocorrências do futuro simples foram maiores que as do futuro perifrástico. Isso pode ser mais bem visualizado no gráfico abaixo:

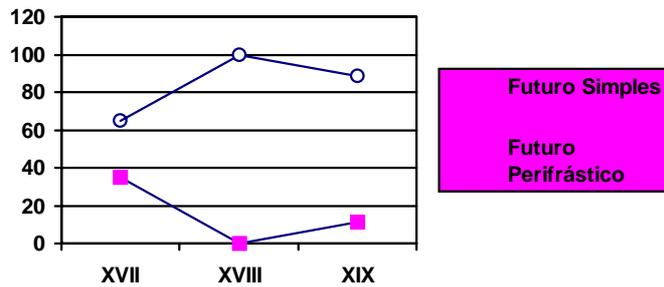


Gráfico 01: Distribuição do futuro no Corpus Antigo.

Tal comportamento é semelhante ao que vimos nos dados das teses. Chama a atenção a ausência de ocorrências de formas perifrásticas nos dados do século XVIII e o percentual relativamente alto (35%) dessas estruturas no texto do século XVII. A esse respeito, é importante que se diga que, em 98% dos dados de futuro perifrástico, a perífrase é feita com o verbo *haver*, como mostram os exemplos abaixo:

- (1) *O mesmo se há de dizer do leite da doutrina* (XVII/97/18)
- (2) *Hão de criar-se desde logo no amor da pureza...* (XVII/123/35)

São portanto pouquíssimos (apenas 3, o que equivale a 2%) os dados em que a estrutura perifrástica se faz com o verbo *ir*. É o que podemos ver na Tabela 24:

	FUTURO SIMPLES		FUTURO PERIFRÁSTICO		
	Futuro Presente	Futuro Pretérito	Ir Futuro	Ir Presente	Construções com Haver
SÉC. XVII	247	71	0	3	168
%	77%	23%	0%	2%	98%
Total 1	318 (65%)		171 (35%)		
Total Geral	489 (100%)				

Tabela 24: Distribuição dos dados do séc. XVII de acordo com a estrutura (simples ou perifrástica) e tempo verbal.

Já no século XIX, o futuro perifrástico se distribui da seguinte maneira:

	FUTURO SIMPLES		FUTURO PERIFRÁSTICO		
	Futuro Presente	Futuro Pretérito	Ir Futuro	Ir Presente	Construções com Haver
SÉC. XIX	164	38	0	14	12
%	81%	9%	0%	54%	46%
Total 1	202 (88,5%)		26 (11,5%)		
Total Geral	228 (100%)				

Tabela 25: Distribuição dos dados do séc. XIX de acordo com a estrutura (simples ou perifrástica) e tempo verbal.

Observe-se que o percentual de ocorrência da perífrase com *haver*, embora alto no século XVII, cai bastante no século XIX (apenas 12 ocorrências) e, no *corpus* do século XX e XXI (teses) corresponde a apenas 0,5% (7 ocorrências em 1374 dados). E, como já dissemos, tais ocorrências correspondem a casos isolados, visto que ocorrem em uma tese específica. Vê-se, portanto, que a perífrase com o verbo *haver* foi sendo progressivamente substituída pela perífrase com o verbo *ir*.

Outro dado interessante é que não se registrou nenhum dado com o verbo *ir* no futuro (*irei dizer, iríamos falar*), dentro do *Corpus* Antigo. Parece, então, que a tendência de se flexionar o auxiliar no futuro (*irei dizer*, em vez de *vou dizer*) seja típica do século XX, em que seu percentual chega a 26% dos dados de futuro perifrástico (cf. Tab. 04).

Somando-se todos os dados do *Corpus* Antigo, verificamos que o futuro simples corresponde a 74,5% dos dados e que o perifrástico perfaz 25,5% deles:

TIPO DE FUTURO	SÉC. XVII	SÉC. XVIII	SÉC. XIX	TOTAL
Simples	318	57	202	577 (74,5%)
Perifrástico	171	0	26	197 (25,5%)

Tabela 26: Distribuição geral dos dados, de acordo com o tipo de futuro.

Se compararmos esses resultados à distribuição do futuro nas teses, veremos que o índice de ocorrências de futuro perifrástico diminuiu (cf. Tab. 01), passando de 25,5% (séculos anteriores) para 10% (século atual). Ora, se isso é verdade, nossa hipótese de que o desuso da mesóclise estaria relacionado ao aumento do futuro perifrástico definitivamente não se comprova.

No entanto, é preciso ter em mente que estamos lidando com duas perífrases distintas: a do verbo *haver* e aquela formada com o verbo *ir*. E como já mostramos (cf. Tab. 04), é a perífrase com o verbo *ir* que se mostra relevante para o nosso estudo, pois é ela que, na sincronia, concorre com o futuro simples. Vamos, então, isolar os dados com *haver* e observar como a perífrase com o verbo *ir* se distribui nos dois *corpora*:

CORPUS ANTIGO (SÉC. XVII A XIX)		CORPUS TESES (SÉC. XX A XXI)	
Futuro Simples	Perífrase com Ir	Futuro Simples	Perífrase com Ir
577 (97,0%)	17 (3,0%)	1243 (91%)	124 (9%)

Tabela 27: Distribuição do futuro, em ambos os corpora, excluindo-se dados com *haver*.

Observando-se a tabela acima, fica fácil percebermos que houve, sim, um aumento no uso da perífrase com *ir*. O aumento, no entanto, é muito pequeno, considerando-se o intervalo de tempo que separa os dois *corpora*. Não se deve esquecer que a frequência da perífrase nas teses de doutorado é ainda muito baixa (9%). Portanto, não é possível afirmarmos categoricamente que o desuso da mesóclise, na escrita, esteja vinculado à frequência cada vez maior do futuro perifrástico nos textos.

Vejam agora como se distribui a colocação pronominal nos textos dos séculos passados. Para essa primeira contagem, excluimos os dados de locução verbal, como fizemos anteriormente.

	SÉC. XVII	SÉC. XVIII	SÉC. XIX
Próclise	42 (80%)	23 (100%)	29 (88%)
Mesóclise	10 (20%)	0 (0%)	4 (12%)
Ênclise	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	52 (100%)	23 (100%)	33 (100%)

Tabela 28: Distribuição da colocação pronominal no Corpus Antigo.

Em todos os séculos, o índice de ocorrência da próclise foi superior. Chama a atenção o índice nulo de casos de ênclise e a ocorrência de mesóclises apenas nos séculos XVII e XIX. Observando-se a tabela, pode-se verificar também que o percentual de ocorrência de pronomes oblíquos também é baixo. É importante que se diga que o baixo índice de dados dificulta a análise e nos impede de tecermos conclusões mais seguras.

Torna-se difícil também aprofundarmos nossa análise no sentido de verificar se a colocação pronominal nesses séculos coincide com as prescrições gramaticais. Isso porque, como se sabe, o sistema de pontuação dos textos mais antigos se difere bastante do sistema atual (nesses textos, por exemplo, separa-se o verbo de seu complemento: *Por esta causa diz Seneca, que se há de usar com o filho menino*; e o sujeito do predicado: *A mesma [vergonha] é, que não saiba o Soldado de Cristo como se há de confessar*), o que certamente influenciaria a identificação dos contextos para cada colocação. Ademais, sabe-se que as regras de colocação pronominal só foram de fato formalizadas a partir do século XX, com Candido de Figueiredo. Portanto, não se pode dizer que os autores “acertam” ou “erram”, uma vez que as regras ainda não existiam na

época em que os textos foram redigidos. O que podemos fazer é observar a colocação pronominal nesses textos e verificar se há ou não alguma sistematicidade. Vejamos alguns exemplos:

SÉCULO XVII PRÓCLISE OU MESÓCLISE?	
• Contexto Pausa: Ambas as colocações são possíveis: 23/25 – Por me não alargar mais neste ponto, <u>o confirmarei</u> com uma história 18/14 – Ensina teu filho, <u>ser-te-á</u> de refrigério...	
• Preenchimento do sujeito pronominal: Todos os dados são de próclise: 15/18 – Tu <u>o castigarás</u> ... 110/21 – ... vós <u>os colocareis</u> nos altares	
• Pronome Relativo: Todos os dados são de próclise: 94/18 – o qual <u>se conhecerá</u> facilmente se considerarmos... 60/23 – que cedo <u>se veria</u> em sua terra...	
• Conjunção Subordinativa: Ambas as colocações são possíveis: 85/26 – porque sem dúvida <u>se farão</u> participantes... 78/29 – ... , porém <u>ter-me-ia</u> por mais culpado...	
• Partícula Negativa: Todos os casos são de próclise. Em alguns dados, o pronome é jogado para antes do <i>não</i> : 98/26 – que o filho sem mestre <u>se não distiguiria</u> do escravo 23/34 – <u>não me arrancareis</u> vós a mim o nariz	

Quadro 04: Colocação pronominal no século XVII e contextos gramaticais atuais.

Como se vê, mesmo em contextos para os quais a GT atualmente legitima apenas uma forma de colocação (no caso de pausa, a mesóclise, e no contexto de conjunção subordinativa, a próclise), é possível encontrarmos variação. No caso das conjunções subordinativas, poderíamos até questionar a validade das “regras de atração”. No entanto, reconhecemos que, para fazermos qualquer afirmação nesse sentido, seria necessário coletarmos mais dados.

Não se verificou variação na colocação pronominal dos dados do século XVIII. O curioso é que há dois dados nesse *corpus* em que a próclise se realiza, mesmo havendo pausa:

- (1) e quando não possa ser no mesmo dia, se fará no seguinte... (XVIII/B3/32)
- (2) e hu treslado, em forma de titulo, se remeterá para a nova Parochia (XVIII/B12/13)

Vejamos agora os mesmos contextos no século XIX:

SÉCULO XIX PRÓCLISE OU MESÓCLISE?	
• Contexto Pausa / Início de oração: Ambas as colocações são possíveis	- fico saptisfeito fazendo avossa senhoria este favor, <u>me fará</u> outro... - auxilio, restar-lhes-ia a inglo- ria lembrança - Persuadir-se-hão acaso, que lhe não podemos retribuir injuria
• Preenchimento do sujeito pronominal: Todos os dados são de próclise:	- e que nós os faremos conhecer ao povo assim - eu me apresentarei a policciar.
• Pronome Relativo: Todos os dados são de próclise:	- lugar para o qual o elevarão os votos - esses mesmos que o elevarão trahidos
• Conjunção Subordinativa: Todos os casos são de próclise:	- é testemu- nha, pois o vêrão criança na companhia de seo pai
• Partícula Negativa: Todos os casos são de próclise.	- o que nunca se realizará - por V. Ex. não se enganarão mais

Quadro 05: Colocação pronominal no século XIX e contextos gramaticais atuais.

Aparentemente a única mudança se deu com relação ao contexto das conjunções subordinativas que, no século XVII, toleravam tanto próclise como mesóclise e, no XIX, passam a ser categoricamente associadas à próclise.

3.7. Conclusões

Neste capítulo, analisamos os dados coletados nos textos escritos por acadêmicos das áreas de Ciências Humanas e Exatas, e em textos dos séculos XVII, XVIII e XIX. A observação dos *corpora* nos mostrou que os **índices de futuro perifrástico são sempre inferiores aos de futuro simples**, tanto nos textos acadêmicos

quanto nos textos antigos (Cf. Tab. 01 e 23). Proporcionalmente, os autores da área de Humanas empregam mais o futuro perifrástico do que os autores de Exatas (12% contra 6% - dado depreendido da Tab. 02). A perífrase com verbo *haver*, embora bastante empregada no século XVII (cf. Tab. 24), alcançou índices pouco expressivos no *corpus* das teses (cf. Tab. 04). Com relação ao futuro perifrástico, verificou-se que ele é mais comum com o verbo *ir* no presente do que no futuro (cf. Tab. 04). Com base nessa discussão sobre a frequência dos tipos de futuro, não se comprova nossa hipótese inicial sobre a baixa frequência da mesóclise.

Com relação aos contextos de colocação pronominal, vimos que os ambientes de próclise obrigatória e de variação foram superiores aos de mesóclise obrigatória. Parece, então, que a baixa frequência da construção mesoclítica esteja relacionada ao fato de essa estrutura ser obrigatória em apenas um contexto sintático. Curiosamente, todos os contextos de mesóclise obrigatória estavam no *corpus* de Humanas (Tab. 13). Nesses contextos, o percentual de não ocorrência da mesóclise é de 60%, contra 40% de ocorrência (cf. Tab. 17). Nos contextos em que a mesóclise era facultativa, a preferência dos autores das teses foi pela próclise (cf. Tab. 18 e 19). Essa preferência também se verificou nos dados dos séculos passados (cf. Tab. 28).

Apresentamos também um elenco de estratégias que desfazem o contexto de mesóclise obrigatória, inibindo / impedindo seu aparecimento. Dentre elas estão a) a existência de palavra atrativa, b) o preenchimento do sujeito pronominal, c) o emprego de voz passiva analítica, d) a utilização de futuro perifrástico, e e) a baixa frequência dos pronomes oblíquos na escrita.

A análise dos dados em que havia verbo no futuro (tanto simples quanto locuções) mostrou que os índices de presença e ausência de mesóclise são bastante

semelhantes em ambas as áreas (Humanas e Exatas) analisadas. Nos dados em que o verbo estava precedido por um complementizador, um sujeito, uma partícula negativa ou um advérbio, a mesóclise não ocorreu. Vimos também que a mesóclise é mais recorrente nas locuções verbais, desde que haja *indeterminação do sujeito* ou emprego de *voz passiva sintética* em início de período ou depois de pausa. Esses parecem, então, se os únicos contextos em que a mesóclise ainda se mantém com certo vigor.

Os dados de locução verbal foram analisados separadamente, uma vez que nelas, a colocação pronominal é um pouco mais flexível. Os dados do *corpus* mostraram uma preferência pela inserção do pronome entre os dois verbos da locução, sem hífen (sintaxe brasileira).

Vê-se, então, que a mesóclise é uma construção pouco usada, mesmo em textos marcados por um estilo formal. Nosso levantamento, portanto, atesta a baixa frequência da mesóclise e aponta para o desuso dessa construção. Mas, por que os autores buscam se esquivar da mesóclise? Essa é a pergunta que buscaremos responder no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

A avaliação dos falantes

4.1. Uma Nova Etapa na Pesquisa Sociolingüística

Uma análise sociolingüística típica compõe-se de pelo menos 4 etapas, conforme nos mostra TARALLO (1986). Primeiramente, seleciona-se e descreve-se detalhadamente a variável que se deseja estudar, juntamente com os fatores lingüísticos e extralingüísticos que a favorecem ou inibem. Em seguida, prossegue-se à seleção dos informantes e à gravação de entrevistas, as quais são posteriormente transcritas e analisadas. Os dados obtidos são então codificados e estudados. Feita uma cuidadosa análise do *corpus*, o pesquisador pode, então, passar a uma nova etapa da pesquisa, em que elaborará alguns testes.

4.1.1. Que testes são esses?

LABOV (1972a)⁴⁶ menciona vários testes que o pesquisador poderá utilizar a fim de enriquecer sua pesquisa. Vejamos alguns:

- **Extração Familiar:** Pede-se ao informante que identifique sua origem, raça, ou classe social.
- **Auto-avaliação:** Pergunta-se ao informante qual a sua maneira própria de falar entre várias formas que lhe são sugeridas.
- **Correção escolar:** Pede-se ao informante que corrija frases com o objetivo de se detectar o nível de consciência dele face às variantes estigmatizadas.

⁴⁶ *Apud* MONTEIRO, 2000, p. 94.

- **Insegurança lingüística:** Pede-se ao informante que escolha a forma correta entre duas ou mais e, logo em seguida, sugere-se que ele aponte a que realmente usa.

- **Testes de produção:** Têm por objetivo levar o falante a produzir a(s) variante(s) em estudo, para que o pesquisador possa verificar a relação entre o índice de ocorrência delas e os diferentes graus de formalidade presentes nas situações de elocução. A premissa subjacente a esses testes é a de que *quanto mais formal for a situação, maior será a tendência de se empregar variantes padrão na fala*. Dentre os testes de produção mais comuns estão:

Pares de Palavras: Elabora-se uma lista de pares de palavras (que se diferenciem apenas por um fonema, como por exemplo, “queijo” e “queixo”) e, em seguida, grava-se a leitura de cada informante. Esse é o teste em que se detecta maior nível de formalidade. De modo geral, o informante estará tão atento à sua pronúncia, que tratará de usar apenas variantes padrão.

Lista de Palavras: Aqui também se elabora uma lista de palavras, de acordo com a variável estudada (exemplo: abacateiro, maneira, meia, feira – para o estudo da monotongação do ditongo / ei /) e procede-se da mesma forma como no primeiro teste. Aqui a formalidade, embora ainda elevada, é um pouco menor do que na situação anterior.

Leitura de um texto: Para este teste o pesquisador deverá selecionar um texto curto e gravar a leitura de seus informantes. A formalidade deverá ser menor do que nos outros dois, visto que o conteúdo do texto poderá atrair a atenção do leitor, desviando-a da forma como ele pronuncia as palavras.

Entrevista: É o estilo em que o informante alcança os maiores índices de espontaneidade, o que contribui para uma maior incidência de formas não padrão. LABOV (1972a)⁴⁷ relata o índice de variantes vernaculares encontradas nas gravações realizadas com Tom, um de seus informantes. No estilo *pares de palavras*, o índice foi de 2%, subindo para 30% no estilo *leitura de texto*, e para 65% no estilo *entrevista*.

⁴⁷ *Apud* HOLMES, 1994, p. 262.

Existem ainda os **testes de reação subjetiva** cujo objetivo é verificar a avaliação que o falante faz da variável estudada: se a vê com prestígio, se a estigmatiza ou se se mantém neutro em relação a ela. Em outras palavras, o sujeito “é exposto a um fato da língua e sua reação é observada”⁴⁸, em relação ao modo como classifica socialmente aquele que produziu o dado. Falaremos desses testes com um pouco mais de detalhe, visto que foram neles que nos fundamentamos para elaborar os testes aplicados nesta pesquisa.

4.1.2. Os testes de reação subjetiva: origem e fundamentação teórica

Ao contrário do que se poderia pensar, os testes de reação subjetiva não surgiram no campo da sociolinguística. Foram, antes, desenvolvidos por sociopsicólogos como LAMBERT e posteriormente aplicados por outros pesquisadores, como GILES e sua equipe da Universidade de Bristol. A utilização desses testes no âmbito da pesquisa variacionista começou com LABOV, que os incluiu em sua metodologia para o estudo das variantes linguísticas⁴⁹.

O princípio subjacente aos testes de reação subjetiva é o de que, ao falarmos, passamos certas informações a nosso respeito, seja explicitamente (dizendo, por exemplo, nossa profissão ou nosso grau de escolaridade), seja de maneira implícita (mediante nosso jeito de vestir, nossa postura, aparência, etc.) Assim, detalhes aparentemente “simples” como o sotaque, a pronúncia de determinadas palavras ou a escolha vocabular que fazemos são capazes de dar ao nosso interlocutor uma boa noção de quem nós somos: nossa personalidade, a classe social a que pertencemos, etc. É claro que nem sempre o ouvinte “acerta” nos julgamentos que faz. Não obstante, a

⁴⁸ RAMOS, 1997, p. 92.

⁴⁹ HUDSON, 1980, p. 202.

necessidade que ele sente de extrair essas informações a fim de poder *planejar seu comportamento* faz com que valha a pena o risco de fazer um julgamento equivocado.

O fato é que nós *associamos* as pessoas a “esquemas mentais”, ou “fichas”, que possuímos na mente. Esses “perfis” são chamados *protótipos*. Temos, por exemplo, uma “imagem mental” do que vem a ser um sujeito metódico. Saberíamos até mesmo listar alguns adjetivos *comuns* a esse tipo de pessoa. O que acontece então é que, sempre que identificamos em alguém pelo menos uma das características de nossa lista, passamos a relacionar o indivíduo em questão ao grupo dos metódicos. Novamente, o que nos leva a “rotular” os outros dessa maneira é a necessidade que sentimos de *planejar o modo como interagiremos* com eles. HUDSON nos diz que os falantes, a partir do conhecimento de mundo que possuem e de suas vivências, associam determinada característica **A** a uma outra **B** e começam a prever que sempre que uma estiver presente, a outra também estará. Se **A**, por exemplo, for uma característica da fala e **B**, um traço de personalidade, o falante tenderá a atribuir **B** a toda pessoa em cuja fala detectar **A**. É o que a literatura sociolinguística chama de *estereótipos* (1980, p. 202).

O modelo clássico de teste de reação subjetiva consiste em elaborar uma fita com amostras da fala de diversos indivíduos. Em geral, pede-se que uma mesma pessoa leia pequenos textos em que haja a) apenas variantes padrão; b) variantes padrão e não padrão; c) apenas variantes não padrão. Em seguida, pede-se aos informantes que respondam algumas perguntas com relação às vozes escutadas. As perguntas podem ser de dois tipos: **objetivas** (“De onde você acha que é este falante?”, etc.) ou **avaliativas**, em que se pede ao informante para associar adjetivos (chato, amigável, educado, etc.) às vozes que ouviu. Além de adjetivos, pode-se pedir aos informantes que atribuam

profissões aos falantes. Esse tipo de teste é bastante comum na literatura sociolinguística variacionista.

De um modo geral, o que se observa é que um mesmo falante normalmente recebe adjetivos diferentes (ou profissões, quando é o caso), dependendo da quantidade de variantes padrão e não padrão que realiza. Segundo CHAMBERS (1995, p. 210), “as pessoas tendem a subestimar a competência, o caráter e o potencial profissional de alguém apenas com base na presença de variantes não padrão em sua fala.”⁵⁰

Segundo LABOV (1974, p. 81-82) a informações fornecidas por esses testes podem ainda ser empregadas pelo pesquisador na classificação das variantes de acordo com três categorias básicas: **indicadores**, **marcadores** e **estereótipos**. Os *indicadores* são as variantes que “mostram a variação social, mas geralmente não a variação estilística, e têm pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte quanto ao *status* social do falante”. Os marcadores, por sua vez, “mostram tanto variação social quanto estilística, e têm efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o *status* do falante”. Na seqüência, a variante poderá se transformar em um **estereótipo**, ou seja, uma estrutura estigmatizada, cada vez mais divorciada das formas usadas normalmente e com tendência ao desaparecimento (LABOV, 1972a, p. 180).

A partir do que foi exposto acima, elaboramos alguns testes com o objetivo de **observar a avaliação que os falantes fazem da construção mesoclítica** e, a partir dos dados obtidos, **verificar se essa estrutura se comporta como um indicador, um marcador ou se já se tornou um estereótipo** no PB.

⁵⁰ Tradução nossa.

4.2. Da Elaboração dos Testes

Com base na teoria que acabamos de expor, pode até parecer que a elaboração de testes sociolingüísticos seja uma tarefa simples. Entretanto, basta aplicar o teste e analisar os resultados para percebermos o quanto essa etapa da pesquisa sociolingüística é complexa! Pelo menos foi essa a nossa constatação.

Como no PB a mesóclise é um fenômeno típico do texto escrito, adaptamos os testes sugeridos por LABOV, de forma que refletissem a língua escrita, e não, a falada. Elaborados os testes, optamos por enviá-los pela *Internet*, através de *e-mail*, para falantes de diversos lugares do Brasil. A opção por esse tipo de mídia decorreu do desejo de se obter uma amostra bastante diversificada (informantes de vários locais, idades e escolaridades distintas). Ao final de 1 mês, retornaram-nos 22 testes (esperávamos um retorno maior, visto o arquivo foi enviado para cerca de 50 pessoas) e os dados, embora nos permitissem afirmar que os falantes associavam a mesóclise a um estilo muito formal, não nos forneceram argumentos suficientes para afirmarmos que essa construção se comportava como um estereótipo lingüístico. Em uma das questões, por exemplo, pedimos aos informantes que avaliassem diversas frases e as classificassem de acordo com a seguinte legenda:

- (1) Pedante
- (2) Pedante, mas aceitável na escrita.
- (3) Pedante até na escrita.
- (4) Muito formal
- (5) Formal
- (6) Informal

Os resultados obtidos para a frase “A obra ser-nos-á útil na medida em que analisarmos as características do Realismo” foram os seguintes:

Frase: A obra ser-nos-á útil...

	Pedante	Pedante, mas...	Pedante até	Muito formal	Formal	Informal
No.	2	1	5	13	1	0
%	9	5	23	59	5	0

Tabela 29: Dados para a frase 4, questão 4 (1ª testagem).

Nossa expectativa era a de que as classificações (1), (2) e (3) recebessem os maiores percentuais, o que não se confirmou. Observe-se que, mesmo se somássemos os percentuais das classificações marcadas com o adjetivo “pedante”, alcançaríamos um índice de 37%, o que é relativamente baixo se comparado aos 59% que a classificação “muito formal” recebeu. Apesar disso, é interessante percebermos como a classificação da frase mudou, ao retirarmos a mesóclise dela. Ao indagarmos sobre a formalidade da frase “A obra nos será útil na medida em que analisarmos as características do Realismo”, obtivemos os seguintes resultados:

Frase: A obra nos será útil na medida...

	Pedante	Pedante, mas...	Pedante até	Muito formal	Formal	Informal
No.	0	2	0	1	16	3
%	0	9	0	4,5	73	13,5

Tabela 30: Dados para a frase 5, questão 4 (1ª testagem).

Como se vê, a frase deixa de ser classificada predominantemente como “muito formal” e passa para “formal”. Os índices de “pedantismo” também diminuem (9%). Há até alguns que chegam a classificar a frase como informal (13,5%).

A análise dos resultados também nos permitiu constatar alguns problemas em nossos testes. Em primeiro lugar, percebemos que a amostra de informantes que tínhamos não era homogênea, como requer a metodologia sociolinguística (TARALLO,

1986, p. 29). Quanto à faixa etária, tínhamos 15 informantes do **Grupo 1** (15 a 35 anos) e apenas 7 informantes do **Grupo 2** (36 a 56 anos). Com relação ao sexo, contudo, a distribuição mostrou-se um pouco mais homogênea: 10 mulheres e 12 homens. Com relação à escolaridade, no entanto, mais disparidades: dos 22 informantes, 21 tinham curso superior e apenas 1 havia parado os estudos no Ensino Médio.

Outro problema detectado foi o da interferência de conhecimentos pragmáticos dos informantes na avaliação das frases. Em uma das questões, por exemplo, pedimos aos informantes que atribuíssem a cada frase que leriam uma profissão da lista (mecânico, engenheiro, advogado, professora primária, etc.). Uma das sentenças era: “*Eu tenho seguro sobre meu carro. Espero nunca precisar utilizá-lo, mas sinto-me mais tranquilo tendo o seguro.*” Curiosamente, 23% deles (um percentual expressivo, podemos dizer) a associaram a um mecânico, muito possivelmente por ela conter o vocábulo “carro”. Ora, se essa hipótese for plausível, então não podemos afirmar que, ao fazer a associação, o informante estava se pautando única e exclusivamente na *forma* com que o suposto falante se expressou (se fez alguma concordância errada, se usou determinado tempo verbal, ou se fez uma mesóclise, por exemplo). Outro fator que pode ter interferido na avaliação dos falantes foi o da **seleção vocabular**. Em uma das questões, pedimos aos informantes que associassem determinados excertos literários a três diferentes escritores brasileiros: Machado de Assis, Mário de Andrade e Luís Fernando Veríssimo. A idéia era verificar se os trechos em que ocorria mesóclise seriam atribuídos a Machado de Assis (o mais antigo dos autores citados), o que mostraria que a mesóclise tende a ser vista como um fenômeno típico de textos antigos. Apenas para situar os informantes, informamos os séculos a que cada autor pertencia. Um dos excertos, escrito por Machado de Assis, era: “*Seria dele*

mesmo a idéia relativa ao nascimento de D. Evarista ou tê-la-ia encontrado em algum autor que?... Não, senhor; era dele mesmo; achou-a naquela ocasião e pareceu-lhe adequada a um arroubo oratório.”⁵¹ Embora 55% dos informantes o tenham associado ao escritor correto, o que confirmaria nossa hipótese, não podemos dizer que o que levou os informantes a fazerem tal associação foi unicamente a presença da mesóclise no trecho. O aspecto da seleção vocabular (*Evarista, arroubo, oratório...*) também pode ter influenciado a análise.

Esses foram alguns dos fatores que nos fizeram parar e reelaborar os testes⁵², desta vez procurando minimizar as interferências extralingüísticas, de modo que os resultados nos permitissem chegar a conclusões mais seguras. E a fim de podermos estabelecer uma comparação entre informantes de maior e menor grau de instrução, optamos por trabalhar com alunos da Graduação em Letras da UFMG e da 3ª série do Ensino Médio de uma escola estadual da periferia de Belo Horizonte.

4.3. Resultados da Segunda Testagem

Feitas, então, as devidas alterações nas questões do teste, procedemos à retestagem. O número de informantes, agora bem mais homogêneo, distribuiu-se da seguinte forma:

- Quanto à escolaridade: 30 informantes da 3ª série Ensino Médio
- 30 informantes do 2º período do Curso de
- Letras;

⁵¹ MACHADO DE ASSIS, J. M., 1985, p. 28.

⁵² Tanto a primeira quanto a segunda versão dos testes podem ser vistas na seção “Anexos”.

- Quanto à procedência: 55% dos informantes são de Minas Gerais, e os restantes não informaram o local de nascimento.
- Quanto à faixa etária: 96,5% dos informantes do 3º grau e 100% dos de 2º grau têm entre 15 e 35 anos.

A primeira questão do teste tinha por objetivo verificar se os falantes reconheceriam algum “erro” nas frases selecionadas. No caso, a maioria dos problemas focalizados dizia respeito à problemática das palavras atrativas. Nossa pergunta principal era: será que os falantes reconhecerão os fatores de próclise? Outra questão que queríamos observar era se os falantes rejeitariam a ênclise nos tempos do futuro. Vejamos os resultados:

Frase 01: Os rapazes não decidiram-se ainda.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
CERTO	76%	43,5%	59,5%
ERRADO	24%	56,5%	40,5%

Tabela 31: Avaliação dos informantes do 2º e 3º graus (frase 1).

Frase 02: Convidamos para a feira do gado, que realizar-se-á de 12 a 15 de março.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
CERTO	33%	73,5%	53,5%
ERRADO	67%	26,5%	46,5%

Tabela 32: Avaliação dos informantes do 2º e 3º graus (frase 02).

Frase 03: Ninguém jamais considerou-se tão inteligente como Isaac Newton.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
CERTO	83,5%	53,5%	68,5%
ERRADO	16,5%	46,5%	31,5%

Tabela 33: Avaliação dos informantes do 2º e 3º graus (frase 03).

Os dados acima são bastante curiosos. Vemos que, de um modo geral, os informantes **não** percebem como erradas as frases acima, apesar de todas elas portarem um “problema” de colocação pronominal, segundo as regras prescritas pela GT. Pode ser, então, que os falantes já não reconheçam essas regras ou, até mesmo, ignorem-nas completamente. É interessante observarmos também que os informantes do curso de Letras se mostram bem divididos: a diferença percentual entre os que consideram as frase corretas e aqueles que as julgam erradas é bastante pequena (exceto para a frase 02, em que esse índice é um pouco mais expressivo). Chama nossa atenção o comportamento diferenciado que os dois grupos de informantes apresentam em relação à frase 02, em que há uma mesóclise. No 2º grau o índice de rejeição é maior: será que esses informantes “estranham” a mesóclise? Já no 3º grau, mais de 70% dos informantes consideram a frase correta, apesar da palavra atrativa. Isso parece ser um indício de que os estudantes realmente conhecem as regras “pela metade”: sabem que a mesóclise está ligada ao tempo do futuro (o que tornaria a frase correta), mas não se lembram (ou não sabem) que, havendo palavra atrativa, impõe-se a próclise.

Vejamos agora como foi a avaliação da ênclise em relação aos tempos do futuro:

Frase 04: Se Maria tivesse tempo, dedicaria-se por completo às crianças.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
CERTO	89,5%	63,5%	76%
ERRADO	10,5%	36,5%	24%

Tabela 34: Avaliação dos informantes do 2º e 3º graus (frase 04).

Frase 05: Nada separará-nos de nossa família!

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
CERTO	23,5%	13,5%	18,5%
ERRADO	76,5%	86,5%	81,5%

Tabela 35: Avaliação dos informantes do 2º e 3º graus (frase 05).

A avaliação da ênclise em relação aos tempos do futuro varia de acordo com o tipo de futuro. No caso do futuro do pretérito ela é mais aceitável. Observe-se que para ambos os grupos de informantes a estrutura passa como correta com esse tempo verbal. Já no caso do futuro do presente, a situação se inverte: o índice de rejeição é alto em ambos os grupos. Possivelmente esses resultados estejam ligados à questão da eufonia. A seqüência de sons “dedicaria-se” parece muito mais agradável do que “separará-nos”.

Na questão que se seguiu, pedimos aos informantes que indicassem a frase que consideravam mais agradável ao ouvido. Nossa intenção era verificar qual colocação o falante julgaria mais eufônica. Os conjuntos de frases foram:

Grupo 1: *Eles declarariam-se culpados, caso questionados.*
Eles se declarariam culpados, caso questionados.
Eles declarar-se-iam culpados, caso questionados.

Grupo 2: *Ela jamais nos dirá a verdade.*
Ela jamais dirá-nos a verdade.
Ela jamais dir-nos-á a verdade.

Grupo 1

	2 ^o GRAU	3 ^o GRAU	TOTAL
Eles declarariam-se	56,5%	10%	33,5%
Eles se declarariam	36,5%	73,5%	55%
Eles declarar-se-iam	7,0%	16,5%	11,5%

Tabela 36: Avaliação dos informantes de 2^o e 3^o graus (critério eufonia) – GRUPO 1.

Grupo 2

	2 ^o GRAU	3 ^o GRAU	TOTAL
Ela jamais nos dirá	67%	96,5%	81,5%
Ela jamais dirá-nos	33%	0%	16,5%
Ela jamais dir-nos-á	0%	3,5%	1,5%

Tabela 37: Avaliação dos informantes de 2^o e 3^o graus (critério eufonia) – GRUPO 2.

Novamente, vê-se a oposição entre futuro do pretérito e do presente em relação à colocação enclítica. No primeiro grupo, a ênclise é considerada mais eufônica por 33,5% dos informantes, enquanto no segundo grupo, esse percentual desce para 16,5%. Não há dúvidas de que a próclise é a colocação mais eufônica de todas, mas é interessante observar que, no 2^o grau, a ênclise é bem forte também. Será que esses informantes atribuem prestígio à colocação enclítica? A mesóclise é considerada a posição menos eufônica de todas, sendo que no segundo bloco de frases essa avaliação se torna ainda mais nítida. Algumas hipóteses para esse índice tão baixo podem ser o tipo de futuro, o tipo de pronome (*nos*) ou ainda, quem sabe, a presença do advérbio *jamais*, que forçaria a próclise.

Antes de passarmos para a próxima questão, gostaríamos de fazer uma ponte entre esta testagem e a primeira, visto que essa foi uma das questões do teste que não sofreu alterações entre as duas testagens. O interessante, aqui, será contrapor as duas faixas etárias já que, na primeira testagem (via *Internet*), tivemos 7 informantes da

faixa de 36 a 56 anos, com curso superior (o que não aconteceu na 2ª testagem).

Vejamos como eles fizeram a classificação:

	FAIXA ETÁRIA 36 A 56 ANOS	
Eles declarariam-se	0	0%
Eles se declarariam	6	85,5%
Eles declarar-se-iam	1	13,5%

Tabela 38: Avaliação dos informantes da faixa etária 2, curso superior, 1ª testagem.

Como se pode ver, até mesmo os informantes dessa faixa etária consideram a próclise mais eufônica. Naturalmente, a comparação não é das melhores, visto que o número de informantes, aqui, é menor. Entretanto, parece ser um indício de que a mesóclise não é preferida nem pelos falantes mais velhos. No segundo bloco de frases (*Ela jamais nos dirá / dirá-nos / dir-nos-á*) houve unanimidade. Todos os informantes dessa faixa etária optaram pela próclise.

Na questão seguinte, pedimos aos informantes que indicassem que frase **escreveriam** numa prova de redação de concurso público. Aqui, além da colocação pronominal, queríamos testar a avaliação dos falantes com relação ao tipo de futuro (simples ou perifrástico). Vejamos as possibilidades:

Eles se esforçarão para passar no Vestibular.
Eles vão se esforçar para passar no Vestibular.
Eles esforçar-se-ão para passar no Vestibular.
Eles vão esforçar-se para passar no Vestibular.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Eles se esforçarão	33,5%	56,5%	45%
Eles vão se esforçar	33,5%	13,5%	23,5%
Eles esforçar-se-ão	3,0%	16,5%	10%
Eles vão esforçar-se	30%	13,5%	21,5%

Tabela 39: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (critério escrita).

Observando-se a soma *geral* dos dados, vemos que não há muita diferença na escolha do tipo de futuro. A estrutura simples é preferida por 55% dos informantes (notadamente os de 3º grau), e a estrutura perifrástica é a opção de 45% deles. O comportamento, no entanto, é distinto em cada grupo de informantes. No 2º grau, a preferência é pelo futuro perifrástico (63,5%). O futuro simples atinge apenas 36,5% das preferências desse grupo. No caso dos informantes de 3º grau, dá-se o inverso. A preferência é pelo futuro simples: são 73,0% contra 27,0% de futuro perifrástico. Em relação à colocação pronominal, vemos preferência pela próclise em oposição à mesóclise (no futuro sintético) em ambos os grupos. No caso da perífrase, a preferência é pela próclise ao verbo principal, embora a diferença entre essa colocação e a ênclise ao verbo principal seja de apenas 2%, na soma geral.

Na seqüência, listamos uma série de frases e pedimos aos informantes que as classificassem de acordo com a escala abaixo, sendo **1** o índice mais pedante e **5** o índice mais simples. Se quisessem, poderiam destacar as palavras e/ou expressões que lhes haviam ajudado a tirar as conclusões:

Exemplo: Eles estão se esforçando muito.

PEDANTE ___1 ___2 ___3 X 4 ___5 **SIMPLES**

Apenas para facilitar a compreensão dos dados, vamos “traduzir” os índices da escala pelas seguintes expressões:

- 1 – Pedante
- 2 – Meio pedante
- 3 – Neutro
- 4 – Meio simples
- 5 – Simples

Frase 06: Essa obra nos será útil no futuro.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Pedante	0%	0%	0%
Meio pedante	33%	10%	21,5%
Neutro	20%	46,5%	33,5%
Meio simples	17%	20%	18,5%
Simples	30%	23,5%	26,5%

Tabela 40: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 06).

Como se observa na soma percentual geral, 33,5% dos informantes consideraram a frase neutra: nem simples, nem pedante. Entretanto, o percentual parece aumentar à medida em que caminhamos para a direita na escala. Apenas para simplificar, somemos os níveis 4 e 5, que correspondem ao lado *simples* da escala. O percentual obtido é de 45%. Observe-se agora o que acontece na avaliação dos falantes, quando retiramos a próclise e, em lugar dela, fazemos uma mesóclise:

Frase 07: Essa obra ser-nos-á útil no futuro.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Pedante	52%	76,5%	64,5%
Meio pedante	27,5%	13,5%	20,5%
Neutro	3,5%	6,5%	5%
Meio simples	7,0%	0%	3,5%
Simples	10,0%	3,5%	6,5%

Tabela 41: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 07).

Na comparação das duas frases, vemos que o percentual do nível 1 (*pedante*) eleva-se de 0% para 64,5%. E, somado ao nível 2 (*meio pedante*) chega a 85,0%. Já o percentual dos níveis 4 e 5, somados, cai de 45,0% para 10,0%. Esses índices podem ser mais bem visualizados no gráfico abaixo:

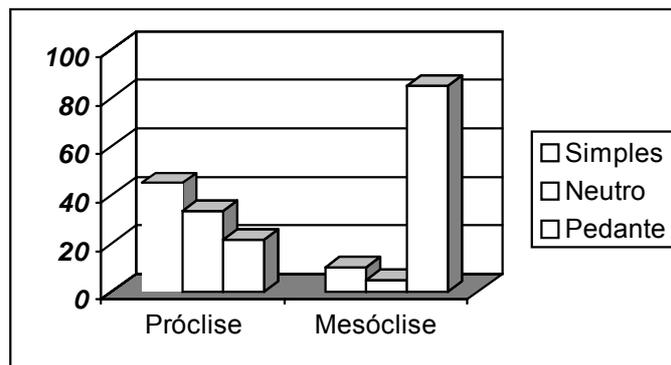


Gráfico:02: Avaliação dos informantes para frases 06 e 07.

De modo geral, esse foi o comportamento constatado em todos os pares de frases em que se alternou a próclise e a mesóclise: o percentual de pedantismo se elevou bastante ao passarmos da primeira construção para a outra. Vejamos os dados:

Frase 08: A diferença entre uma coisa e outra se dará em relação ao preço.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Pedante	17,0%	0%	8,5%
Meio pedante	26,5%	23,5%	25%
Neutro	26,5%	43,5%	35%
Meio simples	30,0%	20,0%	25%
Simples	0%	13,0%	6,5%

Tabela 42: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 08).

Frase 09: A diferença entre uma coisa e outra dar-se-á...

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Pedante	43,0%	63,0%	53,5%
Meio pedante	37,0%	23,5%	30%
Neutro	10,0%	10,0%	10%
Meio simples	3,0%	0%	1,5%
Simples	7,0%	3,5%	5,0%

Tabela 43: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 09).

Os informantes se mostram bem divididos com relação à classificação da frase 08. Somando-se os níveis semelhantes (1 e 2; 4 e 5), temos: 33,5% (pedante), 35% (neutro) e 31,5% (simples). O importante, para nossa discussão, no entanto, não é explicar porque essa distribuição se mostrou homogênea e, sim, observar como os percentuais se alteram ao substituímos a próclise pela mesóclise. O gráfico abaixo nos ajuda a visualizar essas alterações:

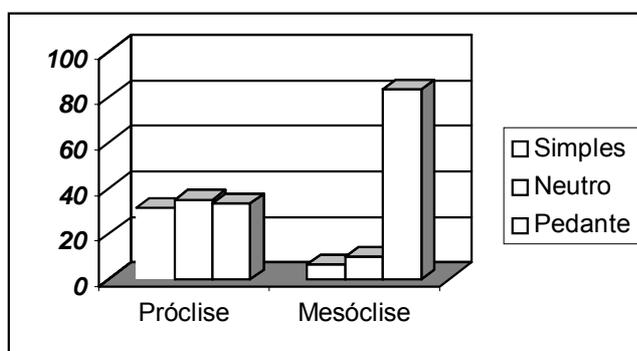


Gráfico 03: Avaliação dos informantes para frases 08 e 09.

Frase 10: João se casará com a Maria.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Pedante	0%	0%	0%
Meio pedante	20%	6,5%	13,5%
Neutro	17%	23,5%	20%
Meio simples	20%	33,5%	26,5%
Simples	43%	36,5%	40%

Tabela 44: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 10).

Frase 11: João casar-se-á com a Maria.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Pedante	64%	60%	61,5%
Meio pedante	27%	20%	23,5%
Neutro	3%	16,5%	10%
Meio simples	3%	0%	1,5%
Simples	3%	3,5%	3,5%

Tabela 45: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 11).

Mais uma vez, vemos que os percentuais de pedantismo aumentam quando reescrevemos a frase empregando a mesóclise. Veja-se o gráfico abaixo:

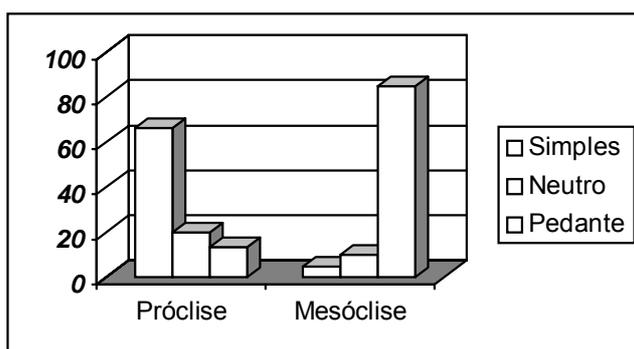


Gráfico 04: Avaliação dos informantes para frases 10 e 11.

A fim de verificarmos a avaliação dos falantes em relação ao futuro perifrástico, acrescentamos ainda uma terceira frase:

Frase 12: João vai se casar com a Maria.

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Pedante	0%	0%	0%
Meio pedante	17,0%	0%	8,5%
Neutro	13,0%	6,5%	10,0%
Meio simples	17,0%	26,5%	21,5%
Simples	53,0%	67,0%	60,0%

Tabela 46: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus (frase 12).

Podemos ver claramente que o futuro perifrástico é considerado uma estrutura mais simples que o futuro sintético. Vejamos o gráfico:

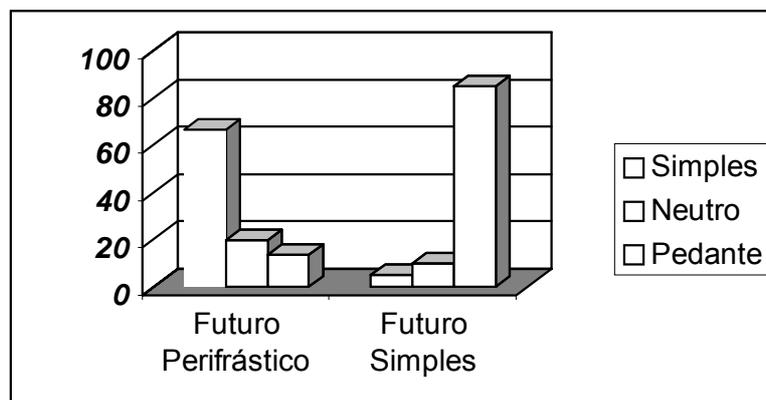


Gráfico 05: Avaliação dos informantes de 2º e 3º grau (frases 10 e 12).

A questão seguinte a essa foi a dos escritores brasileiros, em que pedimos aos informantes para associar determinados excertos literários a três diferentes autores: Machado de Assis, Mário de Andrade e Luís Fernando Veríssimo. O objetivo era verificar se os trechos em que ocorriam as mesóclises seriam atribuídos a Machado de Assis (o mais antigo dos autores citados). Isso apontaria para o fato de que a mesóclise é vista como um fenômeno típico de textos antigos, como já dissemos. Como na primeira testagem, informamos os séculos a que cada autor pertencia e, a fim de minimizar as interferências do vocabulário de cada excerto, reduzimos as citações. Os excertos relevantes foram:

1. “Mas **cair-nos-iam** as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo...”⁵³
2. “**Me lembro** com clareza de todas as minhas professoras, mas me lembro de uma em particular. Ela se chamava Dona Ilka.”⁵⁴

⁵³ ANDRADE, 1997, p. 62.

⁵⁴ VERÍSSIMO, 1995, p.28.

3. “Seria dele mesmo a idéia relativa ao nascimento de D. Evarista ou **tê-la-ia encontrado** em algum autor...?”⁵⁵

Vejamos como ficou a classificação de cada excerto:

Excerto A: “Mas cair-nos-iam...”

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Machado de Assis	52,0%	66,5%	60,0%
Mário de Andrade	28,0%	30,0%	29,0%
L. F. Veríssimo	20,0%	3,5%	11,0%

Tabela 47: Avaliação dos informantes 2º e 3º grau, excerto A.

Excerto B: “Me lembro com clareza...”

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Machado de Assis	12,0%	20,0%	16,5%
Mário de Andrade	36,0%	13,5%	23,5%
L. F. Veríssimo	52,0%	66,5%	60,0%

Tabela 48: Avaliação dos informantes 2º e 3º grau, excerto B.

Excerto C: “... ou tê-la-ia encontrado...”

	2º GRAU	3º GRAU	TOTAL
Machado de Assis	32,0%	57,0%	45,5%
Mário de Andrade	44,0%	36,0%	40,0%
L. F. Veríssimo	24,0%	6,5%	14,5%

Tabela 49: Avaliação dos informantes 2º e 3º grau, excerto C.

Como prevíamos, os excertos em que a mesóclise ocorreu foram sempre mais associados a Machado de Assis, e menos a Luís Fernando Veríssimo – o mais “recente” dos três escritores. Parece, então, que os falantes realmente associam a mesóclise a textos mais antigos. Observe-se, agora, o que ocorre com relação à próclise

⁵⁵ MACHADO DE ASSIS, 1985, p. 28.

em início de oração: 60% dos informantes associam o excerto que a contém a Luís Fernando Veríssimo e a minoria o relaciona a Machado de Assis (16,5%).

Na última questão do teste, propusemos algumas frases e pedimos aos informantes que as relacionassem a quatro profissões. O enunciado dizia que os trechos haviam sido escritos por indivíduos que estavam se candidatando a diferentes empregos. Assim, os informantes deveriam indicar a profissão a que, na opinião deles, cada uma das pessoas havia se candidatado. Tínhamos:

(1) Advogado (2) Jornalista (3) Mecânico (4) Cozinheira

Dois dos trechos selecionados apresentavam mesóclise, e nossa expectativa era a de que fossem mais associados aos advogados e aos jornalistas, conhecidos pelo bom domínio da língua – sem falar que eram os que, em princípio, teriam maior grau de instrução. As demais frases eram frases neutras. Vejamos como se deu a classificação dos trechos relevantes:

Trecho 1: “O conhecimento adquirido nos trabalhos anteriores servir-nos-á de base para o que faremos agora.”

	2º GRAU	3º GRAU	GERAL
Advogado	26,0%	86,5%	58,0%
Jornalista	26,0%	10,0%	17,5%
Mecânico	37,0%	0%	17,5%
Cozinheira	11,0%	3,5%	7,0%

Tabela 50: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus, trecho 1 (profissões).

O primeiro dado que chama nossa atenção é o fato de o **mecânico** ter recebido 37% dos “votos” dos alunos do 2º grau. Entretanto, o fato de nenhum dos informantes do 3º grau ter atribuído esse trecho a ele nos leva a crer que possivelmente os informantes do 2º grau não leram com atenção o trecho. Como essa era a última

questão, é provável que tenham apenas “corrido os olhos” por ela, não percebendo, portanto, a mesóclise no meio do excerto. O tempo para responder o teste também pode não ter sido suficiente, (dois dos informantes desse grupo simplesmente deixaram a questão em branco), o que pode ter contribuído para uma leitura desatenta por parte dos informantes⁵⁶. De qualquer maneira, os resultados dos alunos de curso superior parecem comprovar nossa hipótese: 86,5% deles associam o trecho ao **advogado**. Na soma geral, esse percentual é de 58,0%, contra 7,0% de associações à **cozinheira**. Em virtude do acentuado percentual atribuído ao **mecânico**, no 2º grau, vemos que ele e o **jornalista** empatam em 17,5% no cômputo geral.

Trecho 2: “Os empregados terão predileção pelo novo; compreenderão e comprometer-se-ão com independência... e estarão sempre motivados pelo êxito.”

	2º GRAU	3º GRAU	GERAL
Advogado	32,0%	73,5%	53,5%
Jornalista	43,0%	23,0%	32,5%
Mecânico	14,0%	0%	7,0%
Cozinheira	11,0%	3,5%	7,0%

Tabela 51: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus, trecho 2 (profissões).

Aqui a avaliação dos informantes já parece mais coerente, mesmo no 2º grau. Embora o **jornalista** seja o mais “votado”, o **advogado** recebe 32% das associações desse grupo. A **cozinheira** mantém o mesmo índice percentual do trecho anterior em ambos os grupos de informantes. O **mecânico** baixa de 37% para 14% no 2º grau, em comparação com o trecho 1. Entretanto, na soma geral, o **advogado** ainda é o mais votado, com 53,5% das associações.

⁵⁶ Outra possibilidade de interpretação da Tabela 50 seria dizer que os alunos de 2º Grau são menos sensíveis que os de 3º grau ao fenômeno da mesóclise, o que se comprova na maioria das tabelas, com exceção da Tabela 45.

Apenas para estabelecer um contraponto, vejamos como se deu a classificação em um trecho onde o problema era de concordância verbal:

Trecho 3: “Se eu viciar no álcool, meus filhos não irá respeitar-me.”

	2º GRAU	3º GRAU	GERAL
Advogado	36,0%	3,5%	19,0%
Jornalista	3,5%	3,5%	3,4%
Mecânico	57,0%	70,0%	63,8%
Cozinheira	3,5%	23,0%	13,8%

Tabela 52: Avaliação dos informantes de 2º e 3º graus, trecho 3 (profissões).

Novamente, os dados do 2º grau são curiosos: o **advogado** recebe 36% das associações, um percentual relativamente alto se comparado aos 3,5% que recebeu dos informantes de 3º grau. Entretanto, é notável a alta associação desse trecho ao **mecânico** e os baixos índices atribuídos ao **jornalista**. Esse trecho parece mostrar que frases com “desvios gramaticais” são predominantemente associadas a profissões de menor prestígio social, enquanto os excertos em que se vê uma linguagem mais próxima da norma culta tendem a ser associados a profissões de maior prestígio.

4.4. Dados do Teste de Revisão de Texto

Aplicamos ainda um outro teste, desta vez aos alunos da disciplina de “Revisão de Textos”, da Faculdade de Letras da UFMG. Selecionamos um trecho de uma dissertação de mestrado⁵⁷, em que havia três trechos com verbo no futuro, acompanhado de pronome oblíquo átono. Nosso objetivo era ver como os futuros revisores se posicionariam diante dos contextos propícios para mesóclise e que

⁵⁷ O texto completo deste teste pode ser visto nos “Anexos”.

estratégias de revisão adotariam. Vinte e dois alunos participaram do teste. Vejamos os trechos separadamente:

Trecho 1: “O estudo dos signos específicos do texto e do espetáculo teatral de cada manifestação artística analisada, bem como a utilização das teorias teatrais nos possibilitarão tecer um paralelo entre os espetáculos assistidos...”

Problema: A inserção de vírgula depois de “teatrais” cria um contexto de mesóclise obrigatória.

Estratégias de revisão:

- a) Inserção de vírgula – 45,5% (10 dados em 22)
 - 50% dos informantes que optaram por essa estratégia trocaram a próclise pela mesóclise, respeitando, portanto o contexto obrigatório, e 50% deles mantiveram a próclise, apesar de o contexto exigir mesóclise.
- b) Manutenção do texto como estava – 32% (7 dados em 22)
- c) Emprego de mesóclise, sem mexer na pontuação – 9% (2 dados em 22)
- d) Corte do pronome “nos”, desfazendo o contexto mesoclítico – 9% (2 dados em 22)
- e) Inserção de ponto final depois de “teatrais” e acréscimo do sintagma “esses dados” antes do pronome “nos”, desfazendo, assim, o contexto mesoclítico – 4,5% (1 dado)

Manutenção da próclise	54,5% (12/22)
Mesóclise	32% (7/22)
Corte de “nos”	9% (2/22)
Ponto final + preenchimento da periferia à esquerda	4,5% (1/22)
TOTAL	100% (22/22)

Quadro 06: Estratégias de revisão para o Trecho 1.

Como vemos, a maioria dos alunos prefere não alterar a colocação pronominal. Dos alunos que optam por essa postura, 5 (23%) mantêm a próclise apesar

de inserirem vírgula depois de “teatrais”. Dos alunos que escolhem empregar a mesóclise, 5 o fazem após inserirem vírgula depois de “teatrais”, respeitando, assim, o contexto obrigatório, e apenas 2 (9%) trocam a próclise pela mesóclise, mesmo havendo contexto neutro. É interessante a estratégia que um dos alunos emprega, inserindo um ponto final depois de “teatrais” e acrescentando o sintagma “esses dados”. O preenchimento da periferia à esquerda da “nova frase” parece forçar a próclise ou, pelo menos, criar um contexto de variação. O corte do pronome também é interessante, uma vez que desfaz a possibilidade de uma mesóclise vir a ocorrer.

Trecho 2: “O suporte metodológico e conceitual desta dissertação apoiar-se-á nas contribuições...”

Problema: O demonstrativo “desta” forçará a próclise?

Estratégias de revisão:

Manutenção da mesóclise	86% (19/22)
Troca da mesóclise por próclise	14% (3/22)
TOTAL	100% (22/22)

Quadro 07: estratégias de revisão para o Trecho 2.

Aqui os revisores preferem **manter a mesóclise**, apesar de o demonstrativo “desta” aparecer bem próximo do verbo marcado com o futuro. Apenas 3 informantes trocam a mesóclise por próclise. O interessante desse trecho é que a palavra atrativa não pareceu exercer muita influência. Nesse caso, pode-se pensar em duas explicações: ou os informantes desconhecem os demonstrativos como sendo palavras atrativas, ou os demonstrativos simplesmente não possuem a “capacidade” de atrair o pronome.

Trecho 3: “A semiótica do espetáculo teatral e o estudo dos metodólogos do teatro nos possibilitarão fazer um estudo crítico...”

Problema: Os informantes farão mesóclise apesar de ela ser facultativa nesse contexto?

Estratégias de revisão:

Manutenção do texto como estava	64% (14/22)
Troca de próclise por mesóclise	32% (7/22)
Corte do pronome “nos”	4% (1/22)
TOTAL	100% (22/22)

Quadro 08: Estratégias de revisão para o Trecho 3.

Também nesse trecho prevalece a postura de não alterar o texto original, apesar de 7 informantes (32%) optarem pela troca da próclise pela mesóclise. Reaparece, aqui, a estratégia do corte do pronome oblíquo átono.

De modo geral, os revisores de texto adotam o princípio da “intervenção mínima”. Se determinado emprego sintático não fere as regras gramaticais, preferem deixar o texto tal como está. É o que se pôde observar em todos os excertos (apesar de o trecho 2 ser polêmico devido a presença da palavra atrativa⁵⁸). A respeito do trecho 2, um dos informantes observa a necessidade de se trocar a mesóclise por próclise, mas afirma não saber dizer, naquele momento, o porquê de tal procedimento. Um outro aluno faz a seguinte observação junto aos trechos 2 e 3: “Ou você usa mesóclise em tudo, ou não usa em situação nenhuma.” Esse comentário parece revelar uma preferência pela uniformidade estilística do texto e uma certa “despreocupação” com as regras sintáticas que regem a colocação pronominal.

4.5. Alguns Depoimentos

Para finalizar este capítulo, gostaríamos de mostrar alguns excertos e depoimentos que revelam como a mesóclise parece ser estigmatizada pelos falantes. O primeiro excerto, retirado do *website*⁵⁹ de uma colunista, tem por objetivo comunicar a nova periodicidade da coluna aos leitores. Ao realizar uma mesóclise, ao final do texto, a autora faz um comentário entre parênteses: *Argh! ... uma mesóclise!*

Nova periodicidade

A partir desta quinta-feira, minha coluna passa a ser bi-semanal (é assim que se diz?). Postarei um texto na quinta e outro na segunda-feira. No entanto, e por enquanto, o texto das quintas será uma reprise dos melhores momentos do Cracatoa, meu falecido blog, (...) Enquanto eles durarem, é claro. Então, a partir daí novamente teremos apenas textos inéditos, *mas a nova periodicidade manter-se-á (arght! ... uma mesóclise).*

O segundo texto, também retirado da *Internet*, é uma carta em que um internauta dirige uma pergunta aos usuários do *website* “Samba-Choro”⁶⁰. Ao realizar uma mesóclise, faz o seguinte comentário entre parênteses: *Gostaram da mesóclise? Estava aqui com uma caixa cheia delas e tinha de gastar em algum lugar, antes que passasse o prazo de validade.*” Esse comentário é muito importante pois mostra, por parte do autor do texto, uma certa percepção de que a mesóclise é pouco usada (se está com a caixa “cheia” delas, é porque elas são pouco usadas) e que está “com os dias contados” (um dia o prazo de validade vencerá).

⁵⁸ Como vimos no Capítulo 1, apenas dois dos gramáticos consultados incluem os demonstrativos na lista de palavras atrativas (cf. Quadro 01).

⁵⁹ Disponível no site: <http://www.polzonoff.com.br/cracatoa/archives/000957.html>

Listrados e tribais,
 Estou com um panfletinho aqui dizendo que os citados apresentar-se-ão **(gostaram da mesóclise? Estava aqui com uma caixa cheia delas e tinha de gastar em algum lugar, antes que passasse o prazo de validade)** hoje no MIS, mas não vi nada no informativo. Algum dos prezados conlistâneos confirmaria isto? (...)
 Um abraço,
 F.T.

MARQUES da SILVA, no texto *Conversação e ensino da língua: a seleção vocabular e a sintaxe na produção textual*, comenta sobre o emprego da mesóclise e diz que o uso dessa construção “soa como pedantismo, próprio da linguagem rebuscada, empolada (...)”. Essa também parece ser a opinião de um dos colaboradores do *site* “Algo sobre o Vestibular”. Após explicar como é feita a mesóclise, o autor desaconselha o seu uso: “[Nesse caso] pode-se também utilizar mesóclise, *mas não é aconselhável, por revelar-se pedante*. Embora o pronome pessoal do caso reto não tenha força atrativa, *é recomendável a próclise para evitar o preciosismo da mesóclise.*”⁶¹

A propósito disso, vale lembrar que alguns manuais de redação de textos jornalísticos também recomendam ao escritor que não empregue a mesóclise, apesar de gramaticalmente correta. É o caso, por exemplo, do Manual de Redação da Editora Abril: “*Fuja* da chamada mesóclise (pronome no meio do verbo). Embora gramaticalmente correta, *a forma é estilisticamente pedante*: encontrar-nos-emos, dir-te-ia, far-lhe-ia.” (1990, p. 55 – grifos nossos). O Manual da Folha de S. Paulo (2001, p. 128) é taxativo: “O pronome no meio do verbo -- mesóclise -- não é mais empregado no

⁶⁰ Disponível no site: <<http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0211/0564.html>>

jornal.” De igual modo, o Prof. Hélio Consoralo, ao falar sobre arcaísmos, cita a mesóclise como um tipo de “arcaísmo sintático” e diz que tais construções, “por comprometerem a clareza e atribuírem, ao texto, um *tom excessivamente precioso e pedante - devem ser evitadas, sempre que possível*”⁶² (grifos nossos).

Vejamos agora os comentários feitos por alguns internautas, em resposta a pergunta: “A mesóclise foi abolida?”, postada em um *blog*⁶³.

PERGUNTINHA: A mesóclise foi abolida?

Posted by Cintia at janeiro 7, 2004 01:38 PM

Comentários:

Ai ai, e eu que não lembro o que é isso, uma vergonha, pois sou formada em Letras...

Posted by: **Marcia Verbeek - SP** at janeiro 7, 2004 03:42 PM

Marcia, é aquela coisa anti-natural de se colocar o pronome no meio do verbo, nos tempos do futuro. Por exemplo Nos visitaríamos teria que ser "visitar-nos-iam", assim como pagar-me-á, escrever-lhe-ia... É muito feio!

Posted by: **cintia** at janeiro 7, 2004 04:23 PM

Ah bom, acho que em Portugal ainda se usa bastante, sei lá, mas que é feio isso é!

Posted by: **Marcia Verbeek - SP** at janeiro 7, 2004 05:31 PM

Que eu saiba ainda continua na gramática, mas sinceramente eu não escuto verbalmente há anos.

Posted by: **Rebeca** at janeiro 7, 2004 08:41 PM

Aaaah... então é isso? Vim aqui perguntar o que era, se era doença, estado emocional, região geográfica, re re re! Mas depois da explicação, tive flashbacks das minhas aulas de gramática. E olha que eu gostava dessas aulas, professora Leila querida... ai ai.

Posted by: **adriana** at janeiro 7, 2004 11:27 PM

Cintia,

Eu quero lembrar da mesóclise "meia do verbo"- meio da palavra ou alguma coisa com as consoantes, me lembro que são meso, en e mais alguma coisa e próclise. Só me recordo que são três.

Me lembra, por favor.

⁶¹ Disponível em:

<<http://www.algosobre.com.br/ler.asp?conteudo=429&Titulo=Concord%C3%A2ncia+Pronominal>> (grifos nossos).

⁶² Disponível em: <<http://www.portrasdasletras.folhadaregiao.com.br/arcaismo.html>>

⁶³ Disponível em: <<http://www.partialsilence.com/cintiazanfra/blog/archives/000341.html>>

Posted by: **Ingrid Rogovin** at janeiro 8, 2004 01:22 AM

Ingrid,
Próclise (pronome antes), ênclise (pronome no fim) e mesóclise. Coisas esquisitas, não? Mas até agora ninguém - a não ser a Rebeca - me garantiu se a gramática brasileira aboliu ou não.

Posted by: **Cintia** at janeiro 8, 2004 07:42 AM

Entrei no site da Academia Brasileira de Letras porque pensei que iria encontrar algumas coisas à respeito, mas nada. Eu acho que não foi abolida não, isso espero. Posso estar louquinha, mas eu gosto dessas coisas da lingua portuguesa. Verdade que sim.

Posted by: **Rebeca** at janeiro 8, 2004 09:45 AM

Não sei queridoca, mas quando souber, informa-lo-ei ... hohohoh.

Posted by: **Mary** at janeiro 8, 2004 01:15 PM

Qual o por quê da pergunta? Se estiver precisando de mesóclises, posso tentar encontrar algumas usadas no eBay para você... ;-)

Posted by: **Mauro** at janeiro 8, 2004 01:27 PM

Ci,
Acho que na linguagem coloquial, ninguém usa mesmo, mas na norma culta ainda é obrigatório (...).

Beijinhos,

Vivi

Posted by: **Vivi** at janeiro 8, 2004 01:35 PM

Apesar de um dos internautas ter avaliado **positivamente** a mesóclise (“*Eu acho que não foi abolida não, isso espero. Posso estar louquinha, mas eu gosto dessas coisas da lingua portuguesa.*”), vemos que, de um modo geral, a avaliação é negativa: “*É aquela coisa anti-natural de se colocar o pronome no meio do verbo...*”, “*É muito feio*”, “*... mas que é feio, isso é*”. Uns até brincam, dizendo não saber do que se trata: “*Aaaah... então é isso? Vim aqui perguntar o que era, se era doença, estado emocional, região geográfica...*”, “*Qual o por quê da pergunta? Se estiver precisando de mesóclises, posso tentar encontrar algumas usadas no eBay para você...*”.

4.6. Conclusões

Neste capítulo, apresentamos a avaliação que os falantes fazem da construção mesoclítica. Fizemos uma breve exposição teórica, mostrando como os testes sociolinguísticos auxiliam o pesquisador na análise de fenômenos de variação e mudança linguística. No caso de nossa pesquisa, o objetivo, ao se aplicarem esses testes, era o de perceber se a mesóclise funcionava como um marcador, um indicador ou um estereótipo linguístico.

Com relação à colocação pronominal, numa acepção mais ampla, os dados dos testes revelaram que os falantes em geral desconhecem as regras de atração (uma vez que não consideram como erradas frases em que a próclise não se realiza, apesar de “obrigatória”), consideram a próclise como a posição mais eufônica do pronome e tendem a estigmatizar a mesóclise, considerando-a uma construção pedante. Vimos também que a mesóclise é associada a escritores mais antigos, como Machado de Assis e Mário de Andrade e a profissionais de maior grau de instrução, como advogados e jornalistas, conhecidos, dentre outras coisas, pelo bom manejo da norma culta. Com relação aos revisores de texto, observamos uma tendência à “intervenção mínima”: se o trecho traz uma próclise, eles a mantêm. Se traz mesóclise, a tendência é mantê-la (apesar de ter havido quem trocasse mesóclise por próclise). Por último, apresentamos alguns depoimentos em que se vê, mais explicitamente, a avaliação dos falantes em relação à mesóclise. Também nesses casos, a tendência foi de estigmatização. Essa tendência era esperada visto que esse fenômeno parece ter o caráter de mudança em vias de completção.

CONCLUSÃO

No início deste trabalho, estabelecemos alguns objetivos e expectativas. Agora, está na hora de voltarmos a eles e verificarmos o que se confirmou e que conclusões podemos tirar após este estudo sobre o comportamento da mesóclise no texto acadêmico. Começamos, então, pela análise dos objetivos desta pesquisa, de acordo com a ordem em que aparecem na Introdução.

Nosso primeiro objetivo era o de expor as regras de colocação pronominal (próclise, mesóclise e ênclise) tal como estas são apresentadas nas diversas gramáticas tradicionais, apontando, assim, possíveis divergências entre os autores consultados. Tal levantamento foi feito no CAPÍTULO 1 e, como pudemos ver, os gramáticos não se mostraram unânimes em relação à delimitação de contextos para cada forma de colocação (cf. Quadro 01). No caso de nosso estudo, a falta de critérios rígidos influenciou a delimitação dos contextos de próclise categórica e de neutralidade. Ainda nesse Capítulo, fizemos uma discussão sobre os argumentos apresentados pelas gramáticas a fim de justificar as regras de colocação (no caso da eufonia, por exemplo, apontamos para a subjetividade do critério e para o fato de as regras serem as mesmas no Brasil e em Portugal, apesar de os dois países apresentarem avaliações distintas sobre o que seja mais/menos eufônico). Falamos ainda da origem das normas e de como os estudos sociolinguísticos de um modo geral têm tratado a questão da colocação pronominal. Nesse caso, vimos que a maior parte dos pesquisadores opta por estudar a próclise e a ênclise, negligenciando a colocação mesoclítica – fato, aliás, que nos serviu de motivação para o presente trabalho.

O segundo objetivo era o de fornecer um levantamento da frequência da mesóclise dentro das faixas de tempo contempladas. Esses dados foram apresentados no CAPÍTULO 3, onde foi feita a análise dos *corpora* utilizados na pesquisa. Com relação à frequência, vimos que ela é baixa (em 10 teses, localizamos apenas 6 ocorrências). Uma das possíveis explicações para isso está no fato de a mesóclise ser obrigatória em apenas um contexto sintático (início de oração ou depois de pausa), que pode, aliás, ser facilmente desfeito. Vimos que os autores empregam certos recursos que desfazem o contexto obrigatório (como o uso do futuro perifrástico, o emprego da voz passiva analítica e o preenchimento do sujeito pronominal). Ainda nesse capítulo, vimos que os autores das áreas de Ciências Humanas e Exatas comportam-se de maneira muito semelhante no tocante ao emprego / não emprego da mesóclise: o índice de ausência dessa construção é alto em ambas as áreas e o índice de presença é igual (5%) nas duas. Com relação aos materiais que antecedem o verbo marcado com futuro, os dados mostraram que, quando o verbo acha-se precedido de **sujeito, partícula negativa, complementizador** ou um **advérbio**, a mesóclise não ocorre, sendo preferida a próclise. Nos dados em que tínhamos um verbo no início de período ou seguido de pausa, chamou-nos a atenção o alto percentual de não ocorrência da mesóclise, mesmo sendo ela, nesses casos, obrigatória. Com relação às formas verbais (simples ou locuções), vimos que a mesóclise é mais freqüente nas locuções, desde que nos contextos sintáticos de *voz passiva sintética* ou *sujeito indeterminado*, **estando a locução no início da oração, ou depois de pausa**. Nos demais contextos, o pronome é colocado, preferencialmente, proclítico em relação ao verbo principal da locução (sintaxe brasileira) – cf. Quadro 03.

Objetivamos ainda aplicar e discutir testes que visavam a detectar a avaliação dos falantes em relação à construção mesoclítica. Essa análise, apresentada no CAPÍTULO 4, mostrou que os falantes tendem a rejeitar a mesóclise, considerando-a uma construção pedante e formal. Como vimos em uma das questões, os níveis de pendantismo se elevaram consideravelmente ao passarmos da construção proclítica para a mesoclítica. Vimos também que há manuais de redação que condenam o emprego da mesóclise e até aconselham os redatores a se esquivarem dela.

Das hipóteses que apresentamos na Introdução, apenas duas não se confirmaram: a de que a baixa frequência da mesóclise se explicaria através da relação entre as frequências do futuro perifrástico e do futuro simples e a de que a ocorrência da mesóclise seria menor nos textos escritos por autores da área de Ciências Exatas e maior nos textos de autores das Ciências Humanas⁶⁴. Afora essas, vimos que de fato a) está havendo uma progressiva diminuição no uso da mesóclise, mesmo em textos escritos formais, como era o caso do *corpus* escolhido; b) a mesóclise está cedendo lugar às outras formas de colocação (notadamente à próclise – já que houve apenas um dado de ênclise com tempos de futuro) c) constata-se o emprego de determinadas estratégias que permitem que o autor se esquive da mesóclise e d) os falantes mostraram uma tendência a estigmatizar a construção mesoclítica. Frente ao que expusemos até aqui, que conclusão podemos tirar?

Parece-nos que a baixa frequência da mesóclise não se explica apenas por um fator, mas, sim, por uma somatória deles. Há tanto questões sintáticas quanto questões de natureza social envolvidas. Sintaticamente, é relevante a noção **de contexto**

⁶⁴ Comparando-se os números absolutos, até poderíamos pensar que há mais mesóclises nas teses de Humanas, visto que são 5 ocorrências contra apenas 1 no *corpus* de Exatas. Entretanto, guardadas as proporções, o índice de ocorrência é igual (5%) em ambos os *corpora* (cf. Tab. 20).

de ocorrência. Como vimos, as chances de uma mesóclise ocorrer são bem menores, se comparadas às possibilidades de ocorrência de próclise e de ênclise. Isso porque:

- a) Enquanto a próclise pode ocorrer tanto com verbos no presente, passado e futuro e a ênclise, com verbos no presente e no passado, *a mesóclise tem sua ocorrência vinculada apenas aos tempos do futuro.*
- b) Enquanto a próclise está vinculada a uma série de contextos (determinados na GT mediante a presença de “palavras atrativas”) e a ênclise é considerada por muitos gramáticos como “a posição natural do pronome”, a mesóclise tem seu uso ligado a apenas um contexto de fato obrigatório: início de período ou depois de pausa. Mesmo nesses contextos, o percentual de não ocorrência da mesóclise foi de 60%, contra 40% de ocorrência (cf. Tab. 17). Ademais, como mostramos no CAPÍTULO 3, esse contexto pode ser desfeito mediante o emprego de certos recursos, cujo resultado é a criação de um contexto propício para a próclise (no caso do emprego de alguma palavra atrativa) ou para a variação entre próclise e mesóclise (via, por exemplo, preenchimento do sujeito pronominal). Havendo contexto de variação, vimos que a preferência dos autores em ambos os *corpora*, sincrônico e diacrônico, é pela próclise (cf. Tabs. 18, 19 e 28).
- c) Além disso, vimos também que a frequência de pronomes oblíquos acompanhando verbos no futuro é baixa. No *corpus* das teses, apenas 9% dos dados de futuro apresentavam pronome oblíquo (cf. Tab. 08). Desses dados, 21 correspondiam a locuções verbais (com um dos verbos da locução no futuro) – em que a colocação é mais flexível.

- d) Com relação ao aspecto social, o resultado dos testes aplicados mostraram que a mesóclise se comporta, hoje, como um estereótipo lingüístico: além de apresentar baixa freqüência, tende a ser estigmatizada pelos falantes, que a consideram pedante.

Se todos esses fatores desfavorecem a ocorrência dessa construção, por que ainda encontramos algumas mesóclises isoladas em determinados textos? Há duas possibilidades de resposta aqui. A primeira é que os autores realizam a mesóclise apenas porque não conhecem por inteiro as regras prescritas na GT. Vêem o verbo no futuro e já vão logo inserindo o pronome nele, sem se preocuparem em checar se podem empregar a próclise. A segunda razão deve-se, a nosso ver, à persistência da Lei de Tobler Mussáfia na modalidade escrita do PB. De fato, como o pronome não pode – na escrita – iniciar uma oração, a mesóclise se torna a opção viável (isto quando, naturalmente, não se empregam estratégias de esquiva) uma vez que a ênclise é não pode ocorrer com os tempos de futuro.

Como ocorreu em todas as línguas românicas em que a mesóclise existiu⁶⁵, é possível prevermos então que, uma vez extinta a lei de Tobler Mussáfia na modalidade escrita do PB, a mesóclise deixará de ser obrigatória, visto que o emprego do pronome oblíquo átono, proclítico aos verbos no futuro em início de oração ou depois de pausa, passará a ser aceito como correto.

⁶⁵ LEMA & RIVERO, 1991, p. 64, *apud* ROBERTS & ROUSSOU (no prelo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, T. M. Sociolingüística (Parte 1). In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. 2 v. (pp. 21-47).

ALMEIDA, S. L. de. *Curso prático de português*. Belo Horizonte: Vigília, 1971.

A MESÓCLISE FOI ABOLIDA? Disponível em: <<http://www.partialsilence.com/cintiazanfra/blog/archives/000341.html>> Data do acesso: 20 jan. 2004.

ANDRADE, M. de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 30^a ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997. (Coleção Biblioteca de Literatura Brasileira, v.1)

ARAÚJO, R. M. de. “Topologia pronominal: regras práticas de colocação de pronomes oblíquos átonos”. **Philologus**, Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, ano 6, no. 18, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/>> Data do acesso: 14 fev. 2004.

ARCAÍSMOS. **Por trás das letras**: homepage editada por Helio Consoralo. Disponível em: <<http://www.portrasdasletras.folhadaregiao.com.br/arcaismo.html>> Data do acesso: 5 dez. 2003

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1999.

CAMACHO, R. G. Sociolingüística (Parte 2). In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. v.1 (pp. 49 - 75).

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 37 ed. (melhorada e ampliada). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1994.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Cambridge, USA: Blackwell Publishers, 1995.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL. **Homepage Gramática da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/sintaxe/colocpro.asp>> Data do acesso: 3 dez. 2003.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL NAS LOCUÇÕES VERBAIS. **Homepage Fala Língua**. Disponível em: <http://www.falalingua.hpg.ig.br/index18_colporn.htm> Data do acesso: 14 fev. 2004.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

CUNHA, C. *Gramática da língua portuguesa*. 8. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

_____. *Gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Belo Horizonte: Bernardo Alvares S. A., 1971.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clítico. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Unicamp, 1996.

DECAT, M. B. N. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.

DICAS DE PORTUGUÊS. **Site da Associação Brasileira de Literatura (ABRALI)** Disponível em: http://www.abravigli.com/012dicas_de_portugues/012dicas_colocacao_pronominal9.html > Data do acesso: 13 jan. 2004.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.

EMPREGO DO PRONOME ÁTONO EM LOCUÇÕES VERBAIS PERFEITAS E EM TEMPOS COMPOSTOS. **Homepage Nossa língua, nossa pátria**. Disponível em: <http://intervox.nce.ufjf.br/~edpaes/pronomes.htm> > Data do acesso: 14 fev. 2004.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. *Gramática: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1996.

FERREIRA, M. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 1992.

FIGUEIREDO, C. *O problema da colocação de pronomes: suplemento às gramáticas portuguesas*. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1917.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language: diachronic evidence from romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GOIS, C. *Sintaxe de construção*. 3. ed. Petrópolis: Edição do autor, 1940.

GRYNER, H. *De volta às origens do futuro: condicionais possíveis e a perífrase ir + infinitivo*. São Paulo: Grupo de Estudos Lingüísticos, 1997.

- HOLMES, J. *An introduction to sociolinguistics*. New York: Longman, 1994.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. New York: Cambridge University Press, 1980.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (orgs.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1974. (pp. 49-85).
- LADEGAARD, H. J. Language attitudes and sociolinguistic behaviour: exploring attitude-behaviour in language. *Journal of Sociolinguistics*, Inglaterra: Blackwell Publishers, 4/2, pp. 214-233, 2000.
- LANGUAGE EVOLUTION AND THE ICELANI. Disponível em: <<http://www.zompist.com/board/messages/463.html>>
Data do acesso: 14 fev. 2003.
- LIMA, R. B. *Estudo da norma escrita brasileira presente em textos jornalísticos e técnico-científicos*. 2003. (Tese) Doutorado em Estudos Lingüísticos – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.
- LISTRADOS E TRIBAIS... Disponível em: <<http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0211/0564.html>> Data do acesso: 12 set. 2004.
- LOBO, T. C. F. A sintaxe dos clíticos: o século XVI, o século XX e a constituição da norma padrão In: SILVA, R. V. M. (org.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador-BA: EDUFBA, 2002, pp. 83-101.
- _____. *A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto*. 1992. (Dissertação) Mestrado em Língua Portuguesa – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- LOBO, T.; LUCCHESI, D.; MOTA, J. A norma culta brasileira e as prescrições gramaticais: colocação dos pronomes átonos. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador, p. 1-195, no. 11, pp. 147 – 158, 1991.
- LUCCHESI, D.; MOTA, J. Análise de variáveis sociolingüísticas na colocação dos pronomes átonos. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador, p. 1-195, no. 11, pp. 159 – 175, 1991.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1985.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *O alienista*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Bom Livro).
- MANUAL DA REDAÇÃO da Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001.

MANUAL DE REDAÇÃO. São Paulo: Editora Abril, 1990.

MARCELLESI, J. B.; GARDIN, B. *Introdução à sociolinguística: a linguística social*. Lisboa: Aster, 1975. (Trad. de Maria de Lourdes Saraiva).

MARQUES DA SILVA, J. P. Conversação e ensino da língua: a seleção vocabular e a sintaxe na produção textual. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno06-06.html>> Data do acesso: 12 set. 2004

MARTINS, A. M. *Clíticos na história do português*. 1994. (Tese) Doutorado em Letras. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

MESÓCLISE. **Língua Portuguesa e Linguística**: homepage do prof. Paulo Hernandes. Disponível em: <<http://www.pauloherndes.pro.br/glossario/m/mesoclise.html>> Data do acesso: 3 dez. 2003.

MESÓCLISE. **Homepage Gramática Online**. Disponível em: <<http://www.gramaticaonline.com.br/gramatica/janela.asp?cod=44>> Data do acesso: 3 dez. 2003.

MESÓCLISE. **Algo sobre o Vestibular**. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/ler.asp?conteudo=429&Titulo=Concord%C3%A2ncia+Pronominal>> Data do acesso: 23 ago. 2004.

MESÓCLISE E ÊNCLISE. **Âmbito Jurídico**. Disponível em: <<http://www.ambito-juridico.com.br/port/coluna3.htm>> Data do acesso: 3 dez. 2003.

MESQUITA, R. M. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1994.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOVA PERIODICIDADE. Disponível em: <<http://www.polzonoff.com.br/cracatoa/archives/000957.html>>. Data do acesso: 12 set. 2004

OLIVEIRA, H. F. de. Como e quando interferir no comportamento lingüístico do aluno. Disponível em: <<http://www.collconsultoria.com/artigo1.htm>> Data do acesso: 5 dez. 2003

PASQUALE NETO, C. Me dá um cigarro. **Universo Online: Vestibuol**. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/vestibuol/pasquale/pas2611.htm>> Data do acesso: 13 jan. 2004

PEDROSA, J. C. da A. Algumas notas sobre a colocação dos pronomes oblíquos. Disponível em: <<http://www.napoleao.com/dicpor8.htm>> Data do acesso: 13 jan. 2004.

PEREIRA, M. G. D. *A variação na colocação dos pronomes átonos no português do Brasil*. 1981. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, PUC, Rio de Janeiro.

PERINI, M. A. A língua do Brasil amanhã. **Homepage do prof. Marcos Bagno**. Disponível em: <http://www.marcosbagno.com.br/conteudo/forum/mario_perini.htm>
Data do acesso: 15 dez. 2003

PONTES, E. S. L. *Verbos auxiliares em português*. 1971. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

RAMOS, J. M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RIBEIRO, I. A mesóclise no português antigo. Disponível em: <<http://www.facs.br/cel/braxxix/regra/pag1.htm>> Data do acesso: 23 ago. 2004.

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. *Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization*. [s.l.]: Cambridge University Press. (no prelo).

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31.ed. (retocada e enriquecida). Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa: estudos e observações*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1950.

SANTOS, J. R. dos. A variação entre as formas do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro. *Philologus*, Rio de Janeiro: Círculos Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, ano 8, no. 22, 2000. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/>> Data do acesso: 14 fev. 2004.

SCHEI, A. *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*. 2 ed. rev. São Paulo: Humanitas/USP, 2003.

SILVA, M. da C. H. *A variação na posição dos clíticos em relação ao verbo em textos escritos: uma abordagem sociolingüística*. 2002. (Dissertação) Mestrado em Letras. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPB, João Pessoa.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

_____. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

UM POUCO DE MESÓCLISE E ÊNCLISE. **Mr Concursos**. Disponível em: <http://www.mrconcursos.com.br/estrut/serv/dicas/default2.asp?pk_dica=211> Data do acesso: 3 dez. 2003.

VERÍSSIMO, L. F. Santinho. In: _____. *O nariz e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1995. 14 v. (Série Para Gostar de Ler).

AnexosTESTE DE AVALIAÇÃO: 1ª TESTAGEM (VIA INTERNET)

1. Leia as seguintes frases em voz alta. Qual delas lhe parece **mais agradável** ao ouvido?

- (1) Eles declarariam-se culpados, caso questionados.
- (2) Eles se declarariam culpados, caso questionados.
- (3) Eles declarar-se-iam culpados, caso questionados.

Resp. ()

- (1) Ela jamais nos dirá a verdade.
- (2) Ela jamais dirá-nos a verdade.
- (3) Ela jamais dir-nos-á a verdade.

Resp. ()

2. Leia as seguintes frases em voz alta. Qual delas corresponde ao que você **escreveria** na prova de redação de um concurso público?

Resp. ()

- (1) Eles se irão esforçar para passar no Vestibular.
- (2) Eles ir-se-ão esforçar para passar no Vestibular.
- (3) Eles irão esforçar-se para passar no Vestibular.
- (4) Eles irão se esforçar para passar no Vestibular.

3. Leia as frases abaixo e classifique-as de acordo com a legenda. Se quiser, destaque as palavras / expressões que lhe ajudaram a fazer a classificação:

- 1. Pedante
- 2. Pedante, mas aceitável na escrita.
- 3. Pedante até na escrita.
- 4. Muito formal
- 5. Formal
- 6. Informal

- () Eles se estão esforçando muito.
- () Eles estão-se esforçando muito.
- () Eles estão se esforçando muito.
- () A obra ser-nos-á útil na medida em que analisarmos as características do Realismo.
- () A obra nos será útil na medida em que analisarmos as características do Realismo.
- () A diferença entre uma coisa e outra se dará a nível de preço.
- () A diferença entre uma coisa e outra dar-se-á a nível de preço.
- () Ninguém se levanta cedo quando está de férias.
- () Ninguém levanta-se cedo quando está de férias.
- () Poder-se-ia dizer que a razão de tantas desigualdades sociais acha-se ligada ao tipo de administração que se faz do dinheiro público.
- () João se casará com a Maria.
- () João vai se casar com a Maria.
- () João casar-se-á com a Maria.

4. Os trechos que você lerá agora foram escritos por diferentes autores brasileiros. Quem você acha que escreveu o quê? Associe um autor a cada trecho. Se quiser, destaque as palavras / expressões que lhe ajudaram a tirar suas conclusões.

- (1) Machado de Assis (séc. 19)
 (2) Luís Fernando Veríssimo (ainda é vivo)
 (3) Mário de Andrade (séc. 20)

a) () “Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo (...). Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra.”

b) () “Me lembro com clareza de todas as minhas professoras, mas me lembro de uma em particular. Ela se chamava Dona Ilka.”

c) () “Seria dele mesmo a idéia relativa ao nascimento de D. Evarista ou tê-la-ia encontrado em algum autor que?... Não, senhor; era dele mesmo; achou-a naquela ocasião e pareceu-lhe adequada a um arroubo oratório.”

d) () “Lembrei-me com saudade das minhas antigas diversões, mas tive o espírito de não condenar aquela gente... Agradei a Deus não me ter feito assim...”

e) () “Avolumam-se, com suspeito sincronismo, as denúncias na imprensa sobre a prática do nepotismo entre os políticos...”

5. Os trechos abaixo foram escritos por pessoas que trabalham em diversas profissões. Associe uma profissão a cada excerto. Se quiser, destaque as palavras / expressões que lhe ajudaram a fazer a classificação. Se for preciso repetir algum número, repita-o. Não é necessário que cada profissão receba uma frase.

- (1) Mecânico
 (2) Professora primária
 (3) Engenheiro(a)
 (4) Vendedor(a) ambulante
 (5) Apresentador(a) de TV
 (6) Sapateiro
 (7) Estudante (2º grau)
 (8) Advogado(a)
 (10) Jornalista

a) () “Esquentei comida, li, despi-me e depois deitei. O sono veio logo.”

b) () “Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me.”

c) () “Acordei às 4 horas... com a tosse da Neide. Percebi que aquela tosse não ia deixar-me dormir. Levantei e dei-lhe um pouco de xarope.”

d) () “A verdade é que ninguém sabe ao certo o que quer aos dezoito anos. Como haverá de ser um bom profissional então?”

e) () “Abraçou-me e beijou-me. Olhei para sua boca... e trocamos presentes. Eu dei-lhe chocolates... e ele deu-me... perfumes.”

- f) () “O conhecimento adquirido nos trabalhos anteriores servir-nos-á de base para o que faremos agora.”
- g) () “O profissional deve acumular experiência não pelos anos de trabalho, mas por sua constante busca e aplicação de métodos eficazes para a aprendizagem... Assim..., provavelmente alcançará seus objetivos e conseqüentemente os que trabalham com ele serão criativos, ou seja: terão predileção pelo o novo...; compreenderão e comprometer-se-ão com independência... e estarão sempre motivados pelo êxito.”
- h) () “Luís sentou-se à sombra do ipê florido e pôs-se a ouvir o sabiá.”
- i) () “Eu tenho seguro sobre meu carro. Espero nunca precisar utilizá-lo, mas sinto-me mais tranqüilo tendo o seguro.”

6. Nesta questão você encontrará diversos “depoimentos”. Leia-os e associe **no mínimo uma e, no máximo, três** característica(s) a cada “falante”. Destaque as palavras / expressões que lhe auxiliaram a traçar o perfil de cada um deles. Se quiser acrescentar uma característica que não está na lista, digite-a no campo “outro”.

(1) Amigável (2) Esnobe (3) Inteligente (4) Humilde (5) Autoritário
(6) Pedante (7) Chato (8) De bom nível social (9) De baixa instrução

- a) “Espera-se que o candidato se mostre competente para o cargo a que se propôs disputar.”
Características: () () () outro(s):
- b) “Embora a julgue uma pessoa normal, tenho certeza de que ela se valerá de sua beleza para conquistá-lo.”
Características: () () () outro(s):
- c) “Quem disse que eu não posso indicar ele para o cargo?”
Características: () () () outro(s):
- d) “Você poderia dar-me o número de telefone de D. Izildinha?”
Características: () () () outro(s):
- e) “Para ganhar o prêmio, faz-se necessário preencher a ficha de inscrição.”
Características: () () () outro(s):
- f) “Tenho certeza de que a gente se falará em breve.”
Características: () () () outro(s):
- g) “Falar-nos-emos em breve.”
Características: () () () outro(s):

TESTE DE AVALIAÇÃO: 2ª TESTAGEM

1. Você lerá abaixo uma série de frases. Assinale CERTO para as que estiverem escritas corretamente e ERRADO para aquelas que, na sua opinião, apresentarem algum tipo de erro.
- a) Os menino correu rapidamente até a estação de trem.
() CERTO () ERRADO
- b) Os rapazes não decidiram-se ainda.
() CERTO () ERRADO
- c) A desobediência às normas implicará em multa no valor de dez reais.
() CERTO () ERRADO
- d) Convidamos para a feira do gado, que realizar-se-á de 12 a 15 de março.
() CERTO () ERRADO
- e) Se Maria tivesse tempo, dedicaria-se por completo às crianças.
() CERTO () ERRADO

- f) Ninguém jamais considerou-se tão inteligente como Isaac Newton.
 CERTO ERRADO
- g) Levantei de madrugada com fome, fui na cozinha e comi um pedaço de pão.
 CERTO ERRADO
- h) Essa menina se faz de engraçadinha, mas no fundo, é uma cobra!
 CERTO ERRADO
- i) Nada separará-nos de nossa família!
 CERTO ERRADO

2. Leia as seguintes frases em voz alta. Qual delas lhe parece **mais agradável** ao ouvido?

- a) Eles declarariam-se culpados, caso questionados.
 Eles se declarariam culpados, caso questionados.
 Eles declarar-se-iam culpados, caso questionados.
- b) Ela jamais nos dirá a verdade.
 Ela jamais dirá-nos a verdade.
 Ela jamais dir-nos-á a verdade.

3. Leia as seguintes frases em voz alta. Qual delas corresponde ao que você **escreveria** na prova de redação de um concurso público?

- Eles se esforçarão para passar no Vestibular.
 Eles vão se esforçar para passar no Vestibular.
 Eles esforçar-se-ão para passar no Vestibular.
 Eles vão esforçar-se para passar no Vestibular.

4. Leia as frases abaixo e assinale, na escala (de 1 a 5), a avaliação que você faz dela, sendo **1** o índice mais pedante e **5** o índice mais simples. Se quiser, destaque as palavras / expressões que lhe ajudaram a fazer a classificação:

Exemplo: Eles estão se esforçando muito.

PEDANTE ___1___ ___2___ ___3___ X4___ ___5___ **SIMPLES**

1. A gente foi passear e tomar um sorvete ontem.
 PEDANTE ___1___ ___2___ ___3___ ___4___ ___5___ SIMPLES

2. Essa obra nos será útil no futuro.
 PEDANTE ___1___ ___2___ ___3___ ___4___ ___5___ SIMPLES

3. Ninguém se levanta cedo quando está de férias.
 PEDANTE ___1___ ___2___ ___3___ ___4___ ___5___ SIMPLES

4. A diferença entre uma coisa e outra se dará em relação ao preço.
 PEDANTE ___1___ ___2___ ___3___ ___4___ ___5___ SIMPLES

5. Essa é a senhora cujo filho estuda no exterior.
 PEDANTE ___1___ ___2___ ___3___ ___4___ ___5___ SIMPLES

6. Poder-se-ia dizer que Maria tem problemas sérios.

PEDANTE ___1 ___2 ___3 ___4 ___5 SIMPLES

7. João se casará com a Maria.

PEDANTE ___1 ___2 ___3 ___4 ___5 SIMPLES

8. João vai se casar com a Maria.

PEDANTE ___1 ___2 ___3 ___4 ___5 SIMPLES

9. João casar-se-á com a Maria.

PEDANTE ___1 ___2 ___3 ___4 ___5 SIMPLES

10. João vai casar com a Maria.

PEDANTE ___1 ___2 ___3 ___4 ___5 SIMPLES

11. A diferença entre uma coisa e outra dar-se-á em relação ao preço.

PEDANTE ___1 ___2 ___3 ___4 ___5 SIMPLES

12. Essa obra ser-nos-á útil no futuro.

PEDANTE ___1 ___2 ___3 ___4 ___5 SIMPLES

5. Os trechos que você lerá agora foram escritos por diferentes autores brasileiros. Quem você acha que escreveu o quê? Associe um autor a cada trecho. Se quiser, destaque as palavras / expressões que lhe ajudaram a tirar suas conclusões.

(1) Machado de Assis (séc. 19)

(2) Luís Fernando Veríssimo (ainda é vivo)

(3) Mário de Andrade (séc. 20)

a) () “Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo...”

b) () “Me lembro com clareza de todas as minhas professoras, mas me lembro de uma em particular. Ela se chamava Dona Ilka.”

c) () “Seria dele mesmo a idéia relativa ao nascimento de D. Evarista ou tê-la-ia encontrado em algum autor...?”

d) () “Lembrei-me com saudade das minhas antigas diversões, mas tive o espírito de não condenar aquela gente...”

e) () “Avolumam-se, com suspeito sincronismo, as denúncias na imprensa sobre a prática do nepotismo entre os políticos...”

6. Os trechos abaixo foram escritos por pessoas que estavam se candidatando a empregos diferentes. Para que profissão você acha que cada uma delas se candidatou? Associe uma profissão a cada trecho. Se quiser, destaque as palavras / expressões que lhe ajudaram a fazer a classificação.

(1) Advogado (2) Jornalista (3) Mecânico (4) Cozinheira

- a) () “Fiz um lanche, li, despi-me e depois deitei. O sono veio logo.”
- b) () “Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me.”
- c) () “Acordei às 4 horas... com a tosse da Neide. Percebi que aquela tosse não ia deixar-me dormir. Levantei e dei-lhe um pouco de xarope.”
- d) () “A verdade é que ninguém sabe direito o que quer da vida aos dezoito anos. Como haverá de ser um bom profissional então?”
- e) () “Abraçou-me e beijou-me. Olhei para sua boca... e trocamos presentes. Eu dei-lhe chocolates... e ele deu-me... perfumes.”
- f) () “O conhecimento adquirido nos trabalhos anteriores servir-nos-á de base para o que faremos agora.”
- g) () “Os empregados terão predileção pelo o novo; compreenderão e comprometer-se-ão com independência... e estarão sempre motivados pelo êxito.”
- h) () “Luís sentou-se à sombra do ipê florido e pôs-se a ouvir o sabiá.”
- i) () “Eu tenho seguro de vida. Espero nunca precisar utilizá-lo, mas sinto-me mais tranqüilo tendo o seguro.”

TESTE APLICADO À TURMA DE REVISÃO DE TEXTO

Revisar o texto abaixo:

Como objetivo central, nesta dissertação, analisaremos analogicamente seis obras dramáticas contemporâneas utilizadas em espetáculos teatrais que foram produzidos, montados ou apresentados em Belo Horizonte durante os anos de 1994 a 1998.

Para tal, foram selecionadas um número de peças contemporâneas representativas no contexto cultural de Belo Horizonte que tiveram seus textos reconhecidos como espetáculo e, a partir dessas, buscaremos estudar, intertextualmente, os sistemas semióticos presentes nas mesmas. O estudo dos signos específicos do texto e do espetáculo teatral de cada manifestação artística analisada, bem como a utilização das teorias teatrais nos possibilitarão tecer um paralelo entre os espetáculos assistidos e fazer um estudo intertextual entre as montagens e seus respectivos textos.

O suporte metodológico e conceitual desta dissertação apoiar-se-á nas contribuições que encontramos nos textos de semiótica geral do espetáculo teatral, da estética da recepção, das metodologias de atuação e concepções do teatro, nas obras que serão analisadas, bem como nas ferramentas teatrais por elas utilizadas.

A semiótica do espetáculo teatral e o estudo dos metodólogos do teatro nos possibilitarão fazer um estudo crítico dos estilos apresentados nas peças, observar todas as

especificidades que compõem o espetáculo, desde o trabalho de atuação dos atores até os recursos cênicos utilizados pela direção de montagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TEXTOS ACADÊMICOS UTILIZADOS NO CORPUS (por ordem de uso)

1. LIMA, R.B. *Estudo da norma escrita brasileira presente em textos jornalísticos e técnico-científicos*. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: FALE, 2003.
2. VIANA, N. *Sotaque cultural: uma proposta para compreensão de traços culturais (re)velados na interação em língua estrangeira*. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: FALE, 2003.
3. FOLTRAN, M. J. G. D. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese. (Doutorado em Linguística). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1999.
4. LAGES, S. K. *Melancolia e tradução: Walter Benjamin e a “tarefa do tradutor”*. Tese. (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC/SP, 1996.
5. FERREIRA, M. L. *A reflexão como linguagem em L'Être Et Le Néant*. Tese. (Doutorado em Filosofia). Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 2001.
6. SALLES, J. P. *O modelo fractal de comunicação: criando um espaço de análise para inspeção do processo de design de software*. Tese. (Doutorado em Ciência da Computação). Belo Horizonte: Icx/UFMG, 2001.
7. AHLERT, H. *Um modelo não procedural de especificação e implementação voltado a sistemas transacionais em bancos de dados*. Tese. (Doutorado em Ciência da Computação). Porto Alegre: UFRGS, 1994.
8. LIMA, L. R. S. de. *Categorização automática de documentos médicos*. Tese. (Doutorado em Ciência da Computação). Belo Horizonte: Icx/UFMG, 2000.
9. LÉLIS, R. de. *Spellcaster: um sistema de geração de ambientes virtuais para jogos em primeira pessoa*. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Computação). Belo Horizonte: Icx/UFMG, 1998.
10. VILLALOBOS, L. D. C. *Metodologia para otimizar o cálculo de planos para semáforos considerando o atraso e a poluição atmosférica*. Tese. (Doutorado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2001.

REFERÊNCIAS DO CORPUS ANTIGO

- Texto do Século XVII

GUSMÃO, A. de. *A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685.

- *Corpus* do Século XVIII

Textos de Português Clássico, pertencentes ao projeto “Tycho Brahe”, sob coordenação da Profa. Dra. Charlotte GALVES.

- *Corpus* do Século XIX

CHAVES, E.; ALKMIM, M. (orgs.). *Cartas pessoais do século XIX do acervo histórico Monsenhor Horta*. Mariana: Instituto de Ciências humanas e Sociais da UFOP, 2002 (CD-Rom).

CARTAS DE LEITORES E REDADORES (SÉC. XIX) – *Corpus* pertencente ao projeto “Para a História do Português Brasileiro”, sob coordenação do Prof. Dr. Ataliba de Castilho.